



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

CAROLINE PEREIRA DE OLIVEIRA

**ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA LÍNGUA TERENA
(ARAWAK)**

**CAMPINAS,
2021**

CAROLINE PEREIRA DE OLIVEIRA
ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA LÍNGUA TERENA (ARAWAK)

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori

Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida pela aluna Caroline Pereira de Oliveira e orientada pelo Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori.

**CAMPINAS,
2021**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

OL4a Oliveira, Caroline Pereira de, 1979-
Aspectos linguísticos da língua Terena (Arawak) / Caroline Pereira de
Oliveira. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Angel Humberto Corbera Mori.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Língua terena. 2. Descrição linguística. 3. Arawak. I. Corbera Mori, Angel
Humberto, 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos
da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Linguistic aspects of Terena language (Arawak)

Palavras-chave em inglês:

Terena language

Linguistic description

Arawak

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutora em Linguística

Banca examinadora:

Angel Humberto Corbera Mori [Orientador]

Adriana Viana Postigo Paravisine

Maxwell Gomes Miranda

Nataniel dos Santos Gomes

Cilene Campetela

Data de defesa: 17-11-2021

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-3161-4078>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7689149839921824>



BANCA EXAMINADORA:

Angel Humberto Corbera Mori

Adriana Viana Postigo Paravisine

Maxwell Gomes Miranda

Nataniel dos Santos Gomes

Cilene Campetela

**IEL/UNICAMP
2021**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os professores que me acompanharam nesta jornada de me fazer linguista, profissional das letras e docente, formadora de novos professores. Cada um de vocês me inspirou, me abriu os olhos para a linguagem e, já na graduação, me apresentou a diversa realidade linguística brasileira, com seus povos originários, sua cultura e língua.

Um obrigada especial ao meu querido orientador, Angel, sempre disposto e atencioso, mesmo quando assoberbado de trabalho. Agradeço a todos os membros das bancas de minhas qualificações, primeiramente a de área, presidida pela Profa. Filomena Sândalo, e com a leitura da Profa. Bernadete Abaurre e da Profa. Livia Oushiro. Depois, a banca de qualificação de tese, presidida pelo Prof. Angel, com a colaboração das Profas. Filomena Sândalo e Onilda Sanches. Muitíssimo obrigada, vocês me possibilitaram melhorar, ampliar, melhor discutir e explorar minhas possibilidades como pesquisadora. Agradeço ainda à banca de minha defesa, novamente Prof. Angel e Profa. Filomena, Profa. Cilene Campetela, Prof. Nataniel Gomes e Prof. Maxwell Miranda, que prontamente aceitaram colaborar com suas leituras, seus apontamentos e contribuições.

Agradeço ao incentivo da minha família, especialmente de meus pais, com seu carinho e apoio. Minha gratidão imensa ao Rogério, meu parceiro de vida, de trabalho, meu interlocutor e ouvinte nos momentos de dificuldade durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos Paulo Baltazar e Aronaldo Julio, muito obrigada pela interlocução com relação à língua Terena. Saibam que, no que eu puder contribuir, estarei disponível para discutir sobre sua língua.

Agradeço ao Sr. Celso Fialho, que, no início desta jornada, compartilhou comigo muito de seu saber quando cheguei em Aquidauana-MS.

Deixo aqui o meu muito obrigada a todos que, de alguma forma, colaboraram comigo na realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta tese de doutorado tem como objetivo analisar aspectos da língua Terena (Arawak), falada pelos terena, com população estimada, hoje, em cerca de 26 (vinte e seis) mil pessoas, vivendo nos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e São Paulo, no Brasil. O estudo envolve aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe dessa língua e está dividido em oito seções, sendo a primeira a introdução e a última as considerações finais. A segunda seção traz aspectos socioculturais do povo terena, bem como informações gerais sobre sua língua, e explicita os procedimentos de pesquisa. A terceira apresenta um inventário fonético, além de, em especial, uma discussão sobre o espriamento da nasalidade em primeira pessoa do singular. Os tipos de morfemas presentes na língua são estudados na quarta seção, enquanto a quinta aborda as classes de palavras fechadas e a sexta, as abertas. Por fim, a sétima seção destina-se ao estudo da sintaxe da língua Terena.

Palavras-chave: Língua Terena; Descrição linguística; Arawak.

ABSTRACT

This doctoral thesis aims to analyze aspects of Terena (Arawak) language, spoken by the terena, with an estimated population today of around 26 (twenty-six) thousand people, living in the states of Mato Grosso do Sul, Mato Grosso and São Paulo, Brazil. The study involves aspects of phonology, morphology and syntax of this language and is divided into eight sections, the first being the introduction and the last the final considerations. The second section brings sociocultural aspects of the terena people, as well as general information about their language, and explains the research procedures. The third presents a phonetic inventory, in addition to a discussion on the spread of nasality in the first person singular. The types of morphemes present in the language are studied in the fourth section, while the fifth addresses closed word classes and the sixth, open ones. Finally, the seventh section is intended to study the syntax of the Terena language.

Keywords: Terena language; Linguistic description; Arawak.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Família Arawak	24
Figura 2 – Interpretação nossa da proposta de Bendor-Samuel (1962)	40
Figura 3 – Interpretação de espraçamento proposto por Piggott (1992, 2000).....	42
Figura 4 – Espectrograma de item não conjugado ‘aramusako’	46
Figura 5 – Espectrograma com bloqueio da passagem de ar nasal ‘aramunzako’	47
Figura 6 – Espectrograma a partir do microfone ‘aramunzako’	48
Figura 7 – Espectrograma de item não conjugado ‘orevexo’	49
Figura 8 – Espectrograma com bloqueio da passagem de ar nasal ‘orevenjo’	50
Figura 9 – Espectrograma a partir de uso de microfone ‘orevenjo’	50

LISTA DE MAPAS E ESQUEMAS

Esquema

Esquema 1 – Esquema verbal da língua Terena..... 121

Mapa

Mapa 1 – Localização indígena no Mato Grosso do Sul..... 32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Línguas Arawak do Sul.....	26
Quadro 2 – Trabalhos de cunho morfossintático sobre a língua Terena.....	27
Quadro 3 – Trabalhos de cunho fonológicos sobre a língua Terena.....	28
Quadro 4 – Trabalhos de cunho lexicográficos sobre a língua Terena.....	29
Quadro 5 – Fones consonantais por Bendor-Samuel (1960).....	36
Quadro 6 – Vogais em Terena por Bendor-Samuel (1960) e Eastlack (1968).....	37
Quadro 7 – Fones consonantais por Eastlack (1968).....	37
Quadro 8 – Fones consonantais por Silva (2009).....	37
Quadro 9 – Fones vocálicos por Silva (2009).....	38
Quadro 10 – Fones consonantais a partir de Martins (2009).....	38
Quadro 11 – Fones vocálicos a partir de Martins (2009).....	39
Quadro 12 – Estrutura posicional de afixos no Nome.....	54
Quadro 13 – Estrutura posicional de afixos no Verbo.....	54
Quadro 14 – Prefixos que ocorrem em nomes e verbos.....	58
Quadro 15 – Sufixos que ocorrem em nomes e verbos.....	58
Quadro 16 – Clíticos que ocorrem em nomes e verbos.....	59
Quadro 17 – Clíticos pessoais.....	60
Quadro 18 – Pronomes enfáticos.....	79
Quadro 19 – Palavras onomatopeicas.....	88
Quadro 20 – Conjunções.....	96
Quadro 21 – Afixação pronominal nos nomes.....	115
Quadro 22 – Sufixos nominais.....	115
Quadro 23 – Marcação pronominal no verbo em posição de sujeito e de objeto.....	122
Quadro 24 – Verbos não estativos e não agentivos.....	125
Quadro 25 – Ocorrências de palavras cristalizadas com <i>kôe</i> e <i>kixo</i>	136
Quadro 26 – Morfemas aspectuais em Terena.....	141
Quadro 27 – Morfemas de evidencialidade em Terena.....	161
Quadro 28 – Morfemas de partes do corpo.....	164
Quadro 29 – Classificadores em Terena.....	169
Quadro 30 – Morfemas nominalizadores.....	185
Quadro 31 – Classificação dos advérbios.....	189
Quadro 32 – Pronomes de pessoa e número e suas funções em S, A e O.....	202

Quadro 33 – Partículas interrogativas	207
---	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – As 15 maiores populações indígenas.....	33
Tabela 2 – Medidas de F1 (em Hz) para as vogais de aramusako, ‘almoçar’, conforme contexto de produção	46
Tabela 3 – Medidas de F1 (em Hz) para as vogais de orevexo ‘emprestar’, conforme contexto de produção	49

LISTA DE ABREVIATURAS

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
ADV	advérbio
AF	afetivo
AG	agentivo
AL	alienável
ANT	antigamente/anteriormente
ASSRT	assertivo
ASP.HAB	aspecto habitual
ASP.DUR	aspecto durativo
ANTER	anteriormente
AUX.I	verbo auxiliar intransitivo
AUX.TR	verbo auxiliar transitivo
BENF	benefactivo
CESS	cessativo
CF	centrífuga
CL	classificador
CLIT	clítico
COL	coletivo
COM	comitativo
COMPL	completivo
CONC	concordância
CONCL	conclusivo
COND	condicional
COND.RES	condicional resultativo
CONJ	conjunção
CONT.F	contra factual
CP	centrípeto
D	marca discursiva
DEIT	dêítico
DEM	demonstrativo

DESC	descritivo
DESID	desiderativo
DESL	deslocamento
DIR	direcional
DIST	distante
DUR	durativo
DUR.FINAL	durativo final
DUV	dúvida/pejorativo
EFET	efetividade
ENF	enfático
EQUIV	equivalência
EST	verbo auxiliar de estado
EVID	evidencial
EXIT	verbo existencial
EXIT.NEG	verbo existencial negativo
EXT	extensão
FOC	foco
Funai	Fundação Nacional do Índio
HAB	habitual
IC.	aspecto inceptivo
IPFV	imperfectivo
INAL	inalienável
INC	incoativo
INCEP	inceptivo
INCERT	incerteza
INCOMP	incompletivo
INCON	inconclusivo
INCONT	incontável
IND	indicativo
INDET	indeterminado
INF	infinitivo
INFER.DIR	inferência direta
INS	instrumento
INT	interjeição

INTENS	intensificador
INTR	intransitivo
IRR	irrealis
ITER	iterativo
LOC	locativo
MOD	modalizador
MOT	motivo
N.ESP	não especificado
NEG	negação
NOM	nominativo
NMLZ	nominalizador
PART.CIT	partícula citacional
PART	partícula
PART.D	partícula de discurso
PASS	passado
PASS.IM	passado imediato
PEJ	pejorativo
PERF	perfectivo
PERG	pergunta
PL	plural
POSS	posse
POSP	posposição
POT	potencial
PRESS	pressuposição
PROP	propósito
PSDR	passivador
QU-	pergunta/questão
QUANT	quantificador
R	realis
RECP	recíproco
REDP	reduplicação
REF	referencial
REF.N	referencial não especificado
REFL	reflexivo

REIT	reiterativo
REL	relacional/relativa
REM	remoto
REP	reportativo
SG	singular
SIL	<i>Summer Institute of Linguistics</i>
SP	sintagma preposicional
SUB.CAUS	subordinador causativo
SUP	suposição
SV	<i>Spontaneous Voicing</i>
SVO	sujeito-verbo-objeto
T	transitório
TEMP	temporal
TR	transitivo
TRZR	transitivizador
VBLZ	verbalizador
VIS	visual
VOS	verbo – objeto – sujeito
VT	vogal temática

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
2 LÍNGUA E O POVO TERENA	24
2.1 As línguas indígenas — família Arawak, língua Terena	24
2.1.2 <i>Estudos prévios: linguística terena</i>	27
2.2 Povo terena e sua história de ocupação no Mato Grosso do Sul	29
2.2.1 <i>A migração terena do Chaco</i>	29
2.3 População terena	31
2.4 Apontamentos sobre a ortografia	34
2.5 Metodologia de pesquisa	34
3 ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS	36
3.1 Trabalhos anteriores	36
3.2 Inventário fonético	36
3.3 Considerações fonológicas	39
3.3.1 <i>Bendor-Samuel e Piggott – propostas</i>	40
3.3.2 <i>O nó SV</i>	42
3.4 Metodologia	43
3.4.1 <i>Metodologia do ‘fone de ouvido’</i>	43
3.4.2 <i>Aplicação da metodologia</i>	44
3.4 Descrição dos dados	45
3.4.1 <i>Análise dos dados</i>	51
3.5 Nossas considerações	53
4 TIPOS DE MORFEMAS NA LÍNGUA	54
4.1 Raízes	54
4.1.1 <i>Raízes lexicais</i>	55
4.1.2 <i>Morfemas gramaticais (ou funcionais)</i>	56
4.2 Base	56
4.2.1 <i>Radicais simples e compostos</i>	57
4.3 Afixos	58
5 CLASSES FECHADAS	60
5.1 Clíticos	60

5.1.1 <i>Singular</i>	62
5.1.1.1 Primeira pessoa do singular	62
5.1.1.2 Segunda pessoa do singular	63
5.1.1.2.1 Padrões de infixação dos clíticos	66
5.1.1.2.2 Formas irregulares da segunda pessoa	68
5.1.1.3 Terceira pessoa do singular	69
5.1.2 <i>Plural</i>	70
5.1.2.1 Primeira pessoa do plural	70
5.1.2.1.1 Primeira pessoa do plural inclusiva.....	71
5.1.2.2 Segunda pessoa do plural	72
5.1.2.3 Terceira pessoa do plural.....	73
5.2 Pronome objeto.....	73
5.2.1 <i>Singular</i>	74
5.2.1.1 Primeira pessoa objeto	74
5.2.1.2 Segunda pessoa objeto	75
5.2.1.3 Terceira pessoa objeto.....	75
5.2.2 <i>Plurais</i>	76
5.2.2.1 Primeira pessoa do plural objeto	76
5.2.2.2 Segunda pessoa do plural objeto	77
5.2.2.3 Terceira pessoa do plural objeto.....	77
5.3 Pronome enfático.....	78
5.4 Demonstrativos.....	80
5.4.1 <i>Formas longas do demonstrativo</i>	81
5.4.1.1 <i>Morfemas próprios dos demonstrativos ra'a e ne'e</i>	82
5.4.2 <i>Os demonstrativos neko e nekôyo</i>	83
5.5 Interjeições.....	84
5.6 Partículas de discurso	86
5.7 Palavras onomatopeicas.....	87
5.8 Marcadores de plural, coletivo e quantificadores	89
5.9 Quantificadores	92
5.10 Numerais	94
5.11 Conjunção	96
5.11.1 <i>Conjunção yoko</i>	96
5.11.2 <i>Conjunções itea e kene</i>	97

5.11.3	<i>Conjunção enemone</i>	98
5.11.4	<i>Conjunção vo'ókuke</i>	99
5.11.5	<i>Conjunção ina</i>	100
5.11.6	<i>Conjunção epó'oxo</i>	101
5.11.7	<i>Conjunção mará'inamo</i>	102
6	CLASSES ABERTAS	103
6.1	Introdução	103
6.2	Sistemas de partes do discurso	103
6.3	Nomes	104
6.3.1	<i>Nomes simples</i>	105
6.3.2	<i>Nomes compostos</i>	106
6.3.3	<i>Categoria de Posse</i>	108
6.3.3.1	Nomes não possuíveis	109
6.3.3.2	Nomes alienáveis e inalienáveis	109
6.3.3.3	Morfema de indicação de não posse -e	112
6.3.3.4	Nomes alienáveis irregulares	112
6.3.3.4.1	Mudança de vogal na palavra	112
6.3.3.4.2	Nomes alienáveis irregulares	113
6.3.3.4.3	Acréscimo de morfemas parassintéticos	113
6.3.3.4.4	Posse enfática	114
6.3.4	<i>Afixação nominal</i>	115
6.3.4.1	Morfema -hiko	115
6.3.4.2	Morfema coletivizador -xapa	116
6.3.4.3	Morfema -xu	117
6.3.4.4	Verbalizadores -k e -x	117
6.3.4.5	Posposição -ke	119
6.4	Verbos	120
6.4.1	<i>Para começar</i>	121
6.4.2	<i>Marcadores de pessoa no verbo</i>	122
6.4.3	<i>Verbos transitivos</i>	122
6.4.4	<i>Verbos intransitivos</i>	123
6.4.4.1	Verbos intransitivos estativos	124
6.4.5	<i>Verbos não estativos e não agentivos</i>	124

6.4.6 Verbos descritivos intransitivos	125
6.4.7 Verbos existenciais.....	126
6.4.7.1 Verbos existenciais locacionais.....	127
6.4.7.2 Verbos existenciais negativos	128
6.4.8 Verbos auxiliares <i>kôe</i> e <i>kixo</i>	131
6.4.8.1 Formas presas de <i>-kôe</i> e <i>-kixo</i>	133
6.4.8.2 Outras situações do uso de <i>kôe</i> e <i>kixo</i>	134
6.4.9 Verbos seriais.....	137
6.4.10 Morfemas verbais.....	139
6.4.10.1 Aspecto.....	140
6.4.10.1.1 Aspecto habitual.....	141
6.4.10.1.2 Aspecto iterativo	142
6.4.10.1.3 Aspecto durativo	142
6.4.10.1.4 Aspecto inconcluso	143
6.4.10.1.5 Aspecto durativo e repetitivo	144
6.4.10.1.6 Aspecto habitual.....	144
6.4.10.1.7 Aspecto reiterativo	145
6.4.10.1.8 Aspecto incoativo.....	145
6.4.10.1.9 Aspecto inceptivo.....	146
6.4.10.1.10 Aspecto completivo.....	147
6.4.10.1.11 Aspecto concluso	147
6.4.10.1.12 Aspecto concluso não recente	148
6.4.10.2 Modo e modalidade.....	148
6.4.10.2.1 Formas epistêmicas pelos morfemas <i>-mea</i> e <i>-pera</i>	148
6.4.10.2.2 Irrealis	150
6.4.10.2.3 Potencial.....	151
6.4.10.2.4 Condicional	154
6.4.10.2.5 Imperativo afirmativo.....	156
6.4.10.2.6 Hortativo afirmativo.....	158
6.4.10.2.7 Hortativo negativo.....	159
6.4.10.2.8 Desiderativo	159
6.4.10.3 Evidencialidade	160
6.4.10.3.1 Reportada/relatada.....	161
6.4.10.3.2 Inferencial (visual)	162

6.4.10.3.3 Pressuposição	162
6.4.10.4 Incorporação.....	163
6.4.10.5 Classificadores	166
6.4.10.5.1 Uma releitura sobre os classificadores em Terena	168
6.4.10.6 Valência verbal.....	170
6.4.10.6.1 Causativos	171
6.4.10.6.2 Causativo morfológico	171
6.4.10.6.3 Causativo em construção seriais	174
6.4.10.6.4 Benefactivo como aumento de valência.....	175
6.4.10.6.5 Morfema Passivizador.....	176
6.4.10.6.6 Morfema recíproco.....	177
6.4.10.7 Morfemas de referência.....	178
6.4.10.8 Morfema de deslocamento	180
6.4.10.9 Morfema de propósito	181
6.4.10.10 Morfema -maka	181
6.4.10.11 Morfema de intensidade.....	182
6.4.10.12 Morfema -pini	182
6.4.10.13 Morfema -Vye de pergunta	183
6.4.10.14 Morfema -hi pejorativo	184
6.4.10.15 Morfema benefactivo -ino.....	184
6.4.10.16 Morfemas com a função de nominalização.....	185
6.5 Advérbios	189
6.5.1 Advérbio de lugar.....	190
6.5.2 Advérbio de maneira	191
6.5.3 Advérbio temporal.....	191
6.5.4 Advérbios qualificadores	192
7 SINTAXE	193
7.1 A relação gramatical dos morfemas <i>ne-</i> e <i>ra-</i>	195
7.2 As orações e suas estruturas.....	197
7.2.1 Orações simples	198
7.2.1.1 Orações intransitivas	198
7.2.1.2 Orações intransitivas descritivas	200
7.2.1.3 Oração transitivas.....	201

7.2.1.4 Orações existenciais	203
7.2.1.5 Orações equativas	204
7.1.1.6 Orações interrogativas.....	205
7.1.1.6.1 Orações polares	205
7.1.1.6.2 Orações interrogativas do tipo QU.....	206
7.2.1.7 Orações imperativas e hortativas.....	208
7.2.1.8 Orações condicionais	210
7.2.1.8.1 Condicional resultativo	211
7.2.2 <i>Orações complexas</i>	212
7.2.2.1 Orações relativas	212
7.2.2.1.1 Relativização sem nominalização	213
7.2.2.2 Orações adverbial causal ou de razão	214
7.2.2.3 Orações adverbial temporal	214
7.2.2.4 Orações coordenadas.....	215
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	217
REFERÊNCIAS	219

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma descrição linguística preliminar da língua Terena. O Terena é falado pelos povos terena da região Centro-Oeste do Brasil, mais especificamente nos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e São Paulo, tendo estes dois últimos recebido esse povo por migrações recentes. A população terena tem aproximadamente 26 (vinte e seis) mil indivíduos, mas sem uma estatística correta referente aos que moram na parte mais oeste do estado de São Paulo, e uma média de 400 pessoas na região de Alta Floresta (MT).

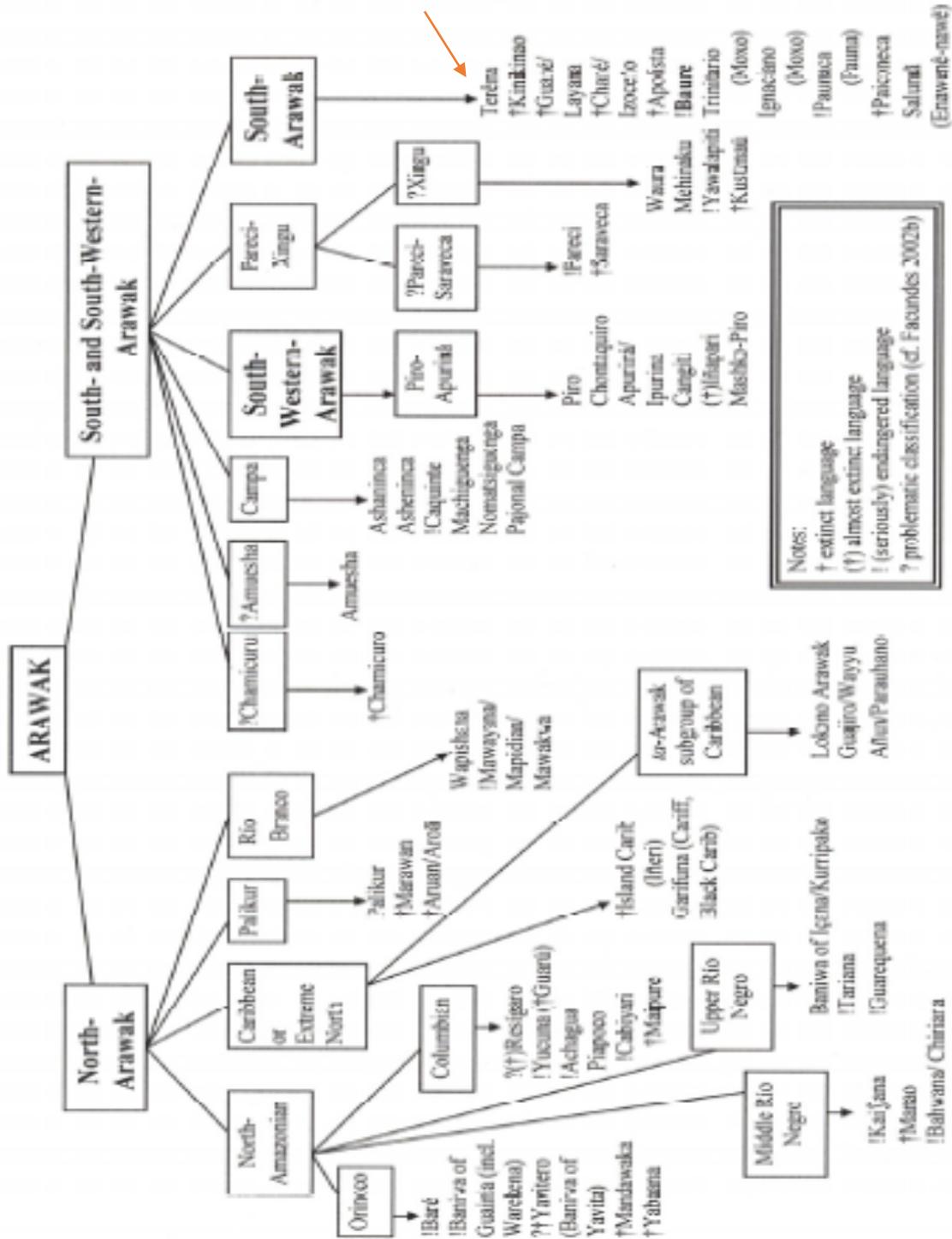
A tese está organizada da seguinte forma: a segunda seção traz algumas informações gerais sobre a língua e as pessoas que a falam, além de apontamentos culturais; a terceira expõe aspectos fonético-fonológicos e explica o que já fora desenvolvido anteriormente em outras pesquisas, como também uma reanálise sobre o direcionamento do traço nasal em primeira pessoa e a apresentação do sistema ortográfico da língua; a quarta seção trata da introdução à morfologia da língua Terena, de forma a mostrar, de uma maneira geral, a posição dos afixos e como se organizam na língua.

A quinta seção discorre sobre as classes fechadas – os clíticos, pronomes, partículas discursivas, quantificadores, entre outros –, enquanto a sexta descreve a respeito das abertas, passando pelo nome, desde os simples até a afixação nominal. Essa seção também explana sobre o verbo e sua rica morfologia, com destaque a uma discussão sobre incorporação nominal e classificadores, entre outras análises inovadoras no estudo da língua Terena, além dos advérbios. A sétima seção refere-se à estrutura das orações simples e complexas e, por fim, nossas considerações finais, que resumem os principais aspectos da descrição linguística da língua Terena abordados neste trabalho.

2 LÍNGUA E O POVO TERENA

2.1 As línguas indígenas — família Arawak, língua Terena

Figura 1 – Família Arawak



Fonte: Danielsen (2007, p. 22).

Atualmente, de acordo com o Instituto Socioambiental (ISA, 2021), mais de 160 línguas e dialetos são falados pelos povos indígenas no Brasil e, juntas, integram o acervo de quase 7.000 línguas faladas no mundo contemporâneo. Em meio a essa diversidade, apenas 11 línguas indígenas faladas em território brasileiro têm acima de cinco mil falantes: Baniwa, Guajajara, Kaingang, Kayapó, Makuxi, Sateré-mawé, Ticuna, Xavante, Yanomami, Guarani e Terena. Dentre elas, as línguas Guarani e Terena são faladas por suas respectivas populações, de aproximadamente 30 mil e 26 mil pessoas, respectivamente.¹ Em contrapartida, cerca de 110 línguas contam com menos de 400 falantes.

No universo de línguas indígenas no Brasil, 41 famílias linguísticas não apresentam taxas de semelhança suficientes para que pudessem ser agrupadas em troncos. Há, também, famílias de apenas uma língua, às vezes denominadas “línguas isoladas”, por não se revelarem parecidas com nenhuma outra língua conhecida. É importante lembrar que poucas línguas indígenas no Brasil foram estudadas em profundidade (ISA, 2021).

A família linguística Arawak, em estudos realizados no Brasil, também é denominada Aruak e, conforme Aikhenvald (1999), contém o maior número de línguas na América do Sul, espalhadas por oito diferentes países – Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia, Peru e Brasil. Dentre essas línguas, cerca de quarenta ainda são faladas, apesar da crescente ameaça sofrida com o uso e a invasão linguísticas das línguas espanhola e portuguesa.

Os primeiros estudos histórico-comparativos sobre a família Arawak datam de 1782, quando Filippo Salvadores Gilij, um missionário italiano que trabalhava na Venezuela, agrupou algumas línguas que partilhavam características linguísticas comuns, denominando-as com o nome “Maipure”, uma língua que justamente era estudada por ele. A princípio, o nome Maipure era usado para identificar a família linguística, posteriormente, o termo nu-arauak e, depois, arauak substituíram o nome original (cf. BRINTON, 1891; STEINEN, 1886).

Em território brasileiro, essa família linguística é constituída por 17 línguas, a saber: Apurinã, Ashaninka, Baniwa, Baré, Coripaco, Enawenê-Nawê, Kinikinau, Manchinari, Mehinako, Palikur, Paresí, Tariana, Wapixana, Warekena, Wauja, Yawalapiti, Terena. Ramirez (2001) e Aikhenvald (1999) apontam a necessidade de mais discussões acerca da classificação interna, reconstrução e subdivisão das línguas da família Arawak, além de trabalhos descritivos e comparativos que as envolvam. A língua Terena, objeto de nosso estudo, está inserida no

¹ É importante apontarmos aqui que não há uma relação biunívoca entre o total populacional e o número de falantes.

grupo Arawak do Sul, de acordo com a classificação interna dessa família, proposta por Aikhenvald (1999), conforme tabela abaixo.

Quadro 1 – Línguas Arawak do Sul

Língua	Região de habitação de seus povos
Terena	Proximidades dos Rios Paraguai, Miranda e Aquidauana no Mato Grosso do Sul; região do município de Bauru, interior do estado de São Paulo
Kinikinau	Miranda (MS) – língua extinta
Guané/Layana	No Paraguai, os Yacare e Galván, no Brasil, Rio Miranda, no Mato Grosso do Sul
Chané	Rio Itiyuro, Argentina
Bauré	Rio Blanco, Bolívia
Moxo	Rio Mamoré, Bolívia
Moxo: Trinitario	Rio Mamoré, Bolívia
Paiconeca	Proximidades do Rio Paraguai, Bolívia
Pauná	Rio Baures, Bolívia
Apolista	Apolobamba, Bolívia. Aikhenvald (1999, p. 67) aponta que não se sabe é apenas uma língua ou se são duas
Salumã (Enawenê-nawê)	Nascentes do Rio Juruena, Mato Grosso, Brasil

Fonte: Adaptado de Aikhenvald (1999).

Seki (2000) afirma que desde a colonização portuguesa, em seus anos iniciais, os poucos estudos que envolviam línguas indígenas se restringiam a permitir a comunicação com os povos nativos. Quando muito, tinham apontamentos gramaticais e algumas transcrições.

Muito se avançou nos últimos anos com relação aos estudos de línguas indígenas, mas, ainda assim, é preciso ampliar a quantidade de estudos. Ferreira e Oliveira (2020) apontam que faltam, por exemplo, descrições abrangentes sobre a gramática da maioria das línguas. Essa realidade aplica-se também à língua Terena, que conta com estudos prévios realizados pelos membros do *Summer Institute of Linguistics* (SIL)² e algumas dissertações defendidas ultimamente, mas que não abordam, em seu conjunto, a língua em termos de sua fonologia, morfologia e sintaxe, por exemplo.

Atualmente, a língua Terena é falada pela maioria das pessoas que se reconhecem, hoje, como terena. Mas o seu uso e frequência é desigual nas várias aldeias e terras indígenas. Por exemplo, em Dois Irmãos do Buriti e Nioaque, em Mato Grosso do Sul, são pouquíssimas as pessoas que a utilizam. Em outras, como Cachoerinha, no município de Miranda, a língua é falada por quase toda a comunidade.

A língua Terena foi classificada por Aikhenvald (1999) como uma língua aglutinante e tem VOS (verbo – objeto – sujeito) como sua ordem de constituintes mais usual.

² Atualmente autodenominada “Sociedade Internacional de Linguística”.

A ordem muda apenas quando há o uso do topicalizador eneponé (cf. 6.4.9.3.4.1) que atrai o sujeito para o início da sentença e assim, passa a ser SVO (sujeito – verbo – objeto).

2.1.2 Estudos prévios: linguística terena

As línguas indígenas brasileiras são motivo de muito interesse por parte da comunidade linguística mundial. Podemos afirmar que muitas das teorias linguísticas podem ver verificadas se baseando em dados de línguas indígenas, uma vez que muitas dessas línguas são pouco estudadas ou ainda não descritas.

A língua Terena, no entanto, não é uma língua pouco estudada, pelo contrário. Elencamos abaixo uma lista de trabalhos de cunho linguístico desenvolvidos em torno dela. Gostaríamos de ressaltar que dividimos esses trabalhos em 3 (três) quadros, o primeiro destinado aos trabalhos de cunho morfossintáticos, o segundo para os trabalhos cuja temática é a fonética e fonologia da língua e o quarto envolve os estudos lexicográficos.

Quadro 2 – Trabalhos de cunho morfossintático sobre a língua Terena

Trabalhos que abordam aspectos morfossintáticos da língua Terena (Arawak)	Autor/es (Ano)
1. An outline of the grammatical and phonological structure of Terêna	Bendor-Samuel (1961)
2. A structure-function description of Terena phrases	Bendor-Samuel (1963)
3. Terena verb inflection	Ekdahl e Grimes (1964)
4. Terena (Arawakan) pronouns	Eastlack (1968)
5. Derivação verbal na língua terena	Butler (1977)
6. Modo, extensão temporal, tempo verbal e relevância contrastiva na língua Terena	Butler (1978)
7. Aprenda Terena	Ekdahl e Butler (1979)
8. Explicação da ortografia terena	Ekdahl e Butler (1994)
9. The multiple functions of the definite article in Terena	Butler (2003)
10. Aspectos morfológicos do Terena (Aruák)	Rosa (2010)
11. Aspectos gramaticais da Língua Terena	Nascimento (2012)
12. Consoantes classificadores em duas línguas Arawak	Ferreira e Oliveira (2014)
13. Língua terena: prosódia, semântica e aspectos da prática escolar	Júlio (2018)
14. Um estudo sobre criação de palavras na língua terena (Arawak)	Ferreira e Oliveira (2020)
15. The count-mass distinction in Terena	Sanchez-Mendes, L.; Gomes, A. P. Q.; Julio, A. (2020)

Fonte: Dados da pesquisa.

Os trabalhos relacionados são, de certa forma, bastante ‘próximos’ uns dos outros. Essa afirmação se baseia no fato de que os trabalhos de Rosa (2010), Nascimento (2012) e Ferreira e Oliveira (2014, 2020) muito se aproximam das discussões apresentadas, em especial por Butler (1977, 1978) e Ekdahl e Butler (1979, 1994), por exemplo.

Bendor-Samuel (1961, 1963) traz as primeiras discussões, mas é em “Aprenda Terena” que se discute, por exemplo, a questão dos temas verbais, assunto depois tratado e seguido pelos pesquisadores previamente apontados. A questão das consoantes temáticas, até o momento, só foi discutida de maneira diferente da apresentada por Ekdhal e Butler (1979) por Ferreira e Oliveira (2014); os demais pesquisadores seguiram com o que foi discutido em “Aprenda Terena”.

Quadro 3 – Trabalhos de cunho fonológicos sobre a língua Terena

Trabalhos que abordam aspectos fonológicos da língua Terena (Arawak)	Autor/es (Ano)
1. Syllable Structure of Terena	Harden (1946)
2. Some problems in segmentation in the phonological analysis of Terêna	Bendor-Samuel (1960)
3. Stress in Terena	Bendor-Samuel (1962)
4. Some prosodic features in Terena	Bendor-Samuel (1966)
5. Nasal morpheme of terena	Tourville (1991)
6. Fonologia da Língua Terena	Martins (2009)
7. Descrição fonológica da língua terena (aruak)	Silva (2009)
8. Reinterpretación de la nasalización en terena, cubeo y chimila desde la Fonología Natural	Romero (2013)
9. Fricative debuccalization and primary split in Terena (Arawak) Historical Phonology	Carvalho (2017)
10. Uma breve reflexão sobre o acento em terena - família Arawak	Ferreira, Oliveira e Deus Filho (2021)

Fonte: Dados da pesquisa.

As pesquisas que se dedicaram a aspectos fonológicos da língua Terena se apresentam em menor número do que o encontrado com relação aos morfossintáticos. Isso, no entanto, não diminui o impacto de seus resultados.

Bendor-Samuel (1960, 1962, 1966), por exemplo, apresentou, em sua análise, como se dá a nasalização em primeira pessoa do singular, doravante 1SG, e sua interpretação de como o traço nasal percorre a palavra. Para ele, há o pouso do traço em uma obstruinte e então esse traço se desloca até a borda esquerda da palavra (cf. Seção 3). Seus estudos serviram de base para teorias não lineares posteriores. Tourville (1991) dedicou um capítulo de sua tese de doutoramento também para essa questão da nasalidade em 1SG em Terena.

Silva (2009) e Martins (2009) dedicaram suas dissertações de mestrado para o estudo da fonologia da língua. Enquanto Silva (2009) apresentou discussões a partir de seu inventário sobre a língua falada na aldeia Cachoeirinha, em Miranda-MS, Martins (2009) discutiu sobre o acento nesta língua.

Quadro 4 – Trabalhos de cunho lexicográficos sobre a língua Terena

Trabalhos que abordam aspectos lexicográficos da língua Terena (Arawak)	Autor/es (Ano)
1. Terêna Dictionary	Ekdahl e Butler (1969)
2. O Léxico da Língua Terêna	Almeida (2005)
3. Dicionário infantil bilíngue terena: observações e apontamentos.	Oliveira e Ferreira (2013)
4. Estudo lexicográfico da língua terena. Proposta de um dicionário bilíngue terena-português.	Silva, D. (2013)

Fonte: Dados da pesquisa.

Os trabalhos de cunho lexicográfico se resumem, até o momento, a 4 (quatro) estudos. Ekdahl e Butler (1969) é o primeiro deles e traz entradas em língua Terena e traduções em língua Terena. Esse trabalho ainda não foi publicado e, por enquanto, há apenas um manuscrito dessa obra.

A dissertação de Almeida (2005) traz uma proposta de dicionário infantil bilíngue Terena que, inclusive, foi objeto de análise de Oliveira e Ferreira (2013). D. Silva (2013), por sua vez, apresenta uma proposta de dicionário bilíngue terena-português e sua pesquisa se apoiou na variedade da língua Terena falada em Miranda-MS, mais especificamente na comunidade Cachoeirinha.

Diante disso, e já voltados para discorrer sobre o povo e sua história, apresentamos, a seguir, a história de ocupação terena em terras brasileiras, mais especificamente no Mato Grosso do Sul.

2.2 Povo terena e sua história de ocupação no Mato Grosso do Sul

2.2.1 A migração terena do Chaco

O contato dos terena com os *purutuye*³ se deu no século XVI, a partir das expedições portuguesas e espanholas em busca de ouro na região dos Andes, o que, naquele momento, ocasionou suas passagens pelo Chaco, local em que os terena habitavam.

A partir da confirmação da existência de minas de ouro no Peru e na Bolívia, o rio Paraguai tornou-se o caminho de acesso mais importante para a região. A instalação dos espanhóis e portugueses, e, ainda, a construção de suas casas e vilas, trouxeram consigo diversos tipos de ferramentas para a agricultura, além de plantas e animais. Isso provocou uma profunda mudança na vida dos terena (BALTAZAR, 2010).

³ *Purutuye* significa homem branco, não índio.

Inevitavelmente, os povos indígenas viram-se no meio do conflito entre portugueses e espanhóis, na disputa pela extração de ouro e prata. O interesse dos povos indígenas era defender as suas áreas, evitando a invasão dos exploradores, mas não tiveram alternativa senão fazer acordos para a sobrevivência do grupo.

Segundo Isaac (2004), no final do século XV e início do século XVI, os conflitos motivados pela expansão territorial colocavam em lados opostos os povos Guarani-Mbyá e Guaykurú/Guaná que viviam na região chaquenha, ao longo do rio Paraguai, lugar hegemonicamente dominado pelos Guarani.

De acordo com Baltazar (2010), os terena transpuseram o rio Paraguai e, aos poucos, ocuparam a região do pantanal sul-mato-grossense, fazendo desse espaço a sua morada. Essa passagem encontrou algumas dificuldades como, por exemplo, o fato de outros povos indígenas já estarem instalados na região.

O povo Guaykurú exigiu dos terena habilidade de negociação, por exemplo. Esse povo tinha, e ainda tem, uma cultura bélica muito intensa e essa aproximação profícua, como nos aponta Ribeiro (1970), se deu a partir do saber terena quanto ao cultivo de alimentos.

Os registros históricos apontam o início do século XVIII como a data para a ocupação dos terena em terras sul-mato-grossenses, como aponta Martins (2002, p. 63):

[...] acompanhando o ingresso dos Guaikuru em território brasileiro, várias etnias chaquenhas, integrantes da família lingüística Guaná, filiadas ao tronco Aruak, entraram, a partir do século XVIII, em território sul-mato-grossense; entre elas destacam-se os Terena e os Kinikináu, agricultores e excelentes ceramistas.

Baltazar (2010) nos aponta que, ao final do século XVIII, os terena já estavam envolvidos com o pastoreio de gado vindo do triângulo mineiro. Esse tipo de atividade, de trabalhos em fazendas e com a terra, ainda é muito presente na realidade desses indígenas.

Conforme o pesquisador, outras ondas de contato com os *purutuye* aconteceram (a) com o término da Guerra do Paraguai, em 1869, e a consequente desmobilização da tropa brasileira. Os contingentes começaram a ocupar a região, o que fomentou a criação de fazendas e (b) a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, de 1905 a 1914, também favoreceu o contato, atraindo pessoas de diversos lugares, inclusive indígenas, que foram contratados para trabalhar na expansão da ferrovia. Isso mudou a paisagem regional e estimulou a criação de vilas e núcleos populacionais, como foi o caso do Distrito de Taunay, município de Aquidauana-MS.

Grosso modo, ao tratarmos a história do povo terena pautando-nos em uma linha do tempo, podemos afirmar que, durante o século XVI, esse povo permaneceu no Êxiva e somente durante o século XVII houve o início das primeiras travessias do Rio Paraguai em direção ao sul do estado de Mato Grosso, na região que hoje pertence ao Mato Grosso do Sul. As primeiras informações escritas sobre a presença terena na região só surgiram a partir do século XVIII e, também nesse período, houve, em 1791, o Tratado de Paz entre os Guaicuru e os Portugueses, fato que proporcionou aos terena maior aproximação com os *purutuye*, uma vez que não mais era necessária a proteção Guaicuru de eventuais ofensivas daqueles que agora se mostravam ‘amigos’. O século XIX foi marcado pela Guerra do Paraguai (1864-1870), momento em que muitas aldeias terena foram destruídas e a dispersão desse povo teve seu grande marco inicial. Somente a partir de 1905, já no século XX, os terena obtiveram as primeiras demarcações de suas terras, muito embora ainda hoje haja bastante questionamento sobre a precisão das demarcações. Todos esses eventos, atrelados ao intenso contato dos terena, em especial dos homens, com a sociedade majoritária, proporcionou-lhes um excelente domínio da língua portuguesa, bem como um elevado índice de escolarizados, inclusive mestres e doutores em distintas áreas do conhecimento.

O contato religioso também resultou em enorme impacto na sociedade terena. A partir de 1912, conforme nos aponta Baltazar (2010), verificou-se o estabelecimento de missionários protestantes dentro da Aldeia Bananal, situada no Distrito de Taunay.⁴ Numa convivência amistosa com os terena, os missionários se dedicaram à educação formal, além do proselitismo religioso, provocando disputas com os missionários católicos vindos de Aquidauana-MS. É nesse contexto que muitos trabalhos e pesquisas de cunho linguístico ocorreram acerca da língua Terena, muito embora tendo como objetivo principal a tradução da Bíblia para essa língua.

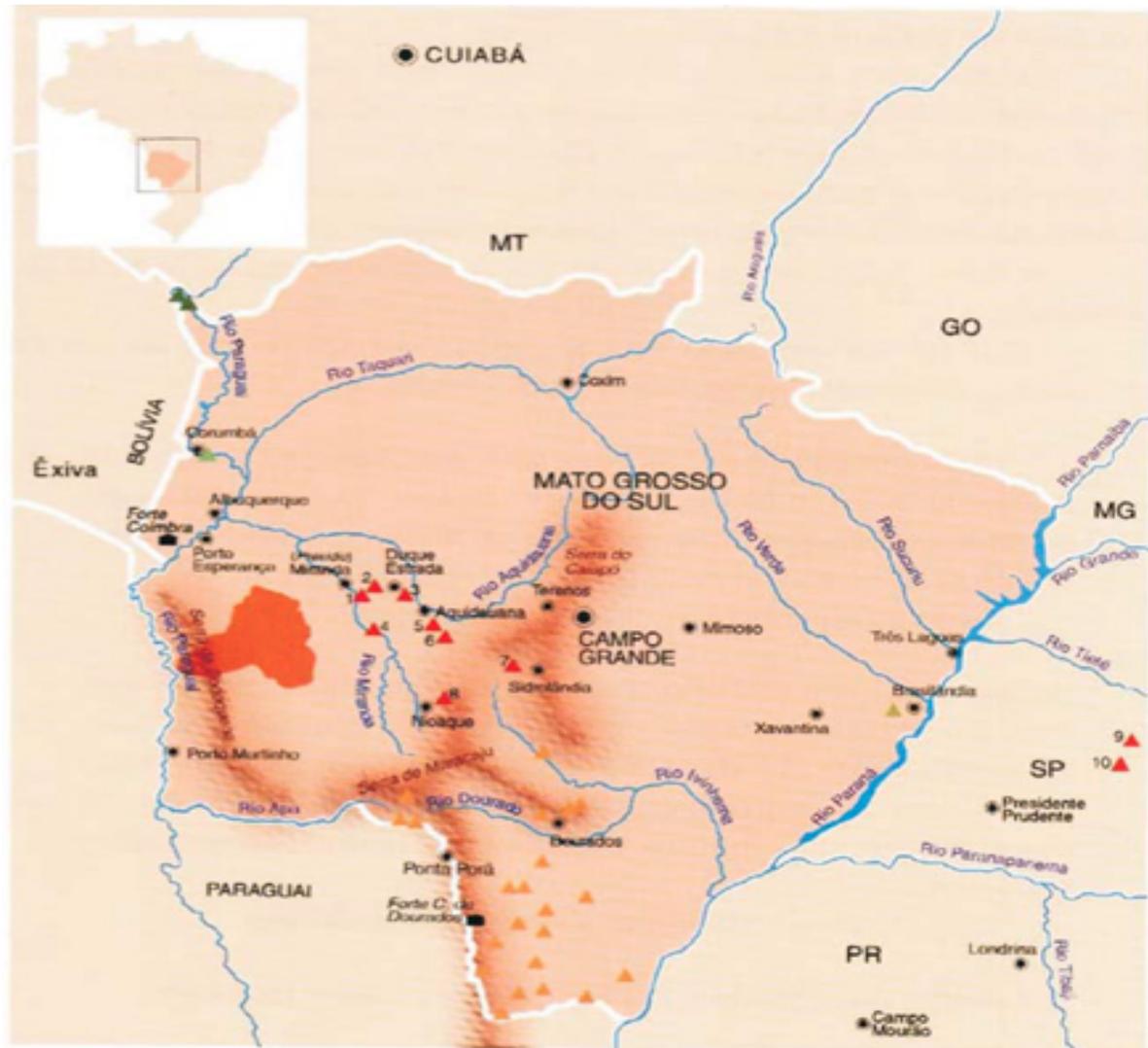
2.3 População terena

A população terena, atualmente, vive nas reservas indígenas localizadas nos municípios de Campo Grande, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Anastácio, Aquidauana e Miranda (cf. Mapa 1). Há famílias terena vivendo na reserva dos índios Kadiwéu, no município de Porto Murtinho, e na dos Guarani-Kaiowá, no município de Dourados. No

⁴ O Distrito de Taunay está situado dentro do município de Aquidauana-MS, que fica a cerca de 130 km de Campo Grande-MS.

estado de São Paulo outras famílias terena vivem junto aos Kaingang, na reserva Aribá, na região de Bauru. Mais recentemente, houve a migração de algumas famílias terena para a região de Alta Floresta (MT).

Mapa 1 – Localização indígena no Mato Grosso do Sul



Legenda

▲ TERENA

- | | |
|---------------------|-------------------|
| 1. Al Pilade Rebuá | 6. Al Limão Verde |
| 2. Al Cachoeirinha | 7. Al Buriti |
| 3. Al Taunay/Ipegue | 8. Al Nioaque |
| 4. Al Lalima | 9. Al Icaru |
| 5. Al Aldeinha | 10. Al Araribá |

▲ KADIWÊU

▲ GUARANI

▲ GUATÓ

▲ OFAIÉ-XAVANTE

▲ KAMBA

Fonte: Bittencourt e Ladeira (2000, p. 40).

Seu contingente, de acordo com o Censo 2010 (IBGE, 2010) é o quinto maior do País (cf. Tabela 1) e se apresenta como o grupo com maior número de integrantes fora de suas terras (9,6 mil).

Tabela 1 – As 15 maiores populações indígenas

15 maiores populações indígenas		
Número de ordem	Etnia	População (mil)
1	Tikúna	46.045
2	Guarani Kaiowá	43.401
3	Kaingang	37.470
4	Makuxi	28.912
5	Terena	28.845
6	Tenetehara	24.428
7	Yanomámi	21.982
8	Potiguara	20.554
9	Xavante	19.259
10	Pataxó	13.588
11	Sateré-Mawé	13.310
12	Mundurukú	13.103
13	Múra	12.479
14	Xucuru	12.471
15	Baré	11.990

Fonte: Baseado no Censo IBGE (2010).

Os indígenas dessa etnia que vivem nas reservas indígenas tiram sua subsistência da agricultura, principalmente de mandioca e feijão, emprego de mão de obra nas destilarias de álcool de cana de açúcar, do trabalho temporário em fazendas, do trabalho doméstico, do artesanato (cerâmica e cestaria) e da venda de produtos nas ruas, mercados municipais e feiras das cidades.

De modo geral, podemos defini-los como um povo estritamente bilíngue – entendendo por isso uma realidade social em que a distinção entre uma língua materna (por suposto, indígena) e uma língua ‘de contato’ ou ‘de adoção’ (o português, no caso) não tem sentido sociológico (ISA, 2021). A língua ‘materna’, para os terena, não tem importância socializadora, no sentido de integrar o indivíduo em um mundo próprio, conceitualmente diferente do ‘mundo dos brancos’. Podemos afirmar que seu uso está ligado a uma socialidade afetiva. Em outras palavras, ela não é usada nessas sociedades enquanto sinal diacrítico para afirmar sua diferença frente aos não indígenas. De acordo com Bittencourt e Ladeira (2000), os terena têm orgulho de dominarem, inclusive por meio do uso da língua do *purutuye*, a situação de contato com a sociedade nacional, e é esse domínio que lhes permite continuar existindo enquanto um povo política e administrativamente autônomo.

2.4 Apontamentos sobre a ortografia

Gostaríamos de aqui fazer menção à ortografia da língua Terena. Os dados por nós levantados ao longo de nossa pesquisa são apresentados, em sua maioria, ortograficamente.

Ekdahl e Butler (1994) trouxeram uma discussão e, depois, uma proposta de ortografia para a língua, que é a utilizada até os dias atuais. As pesquisadoras apontam, primeiramente, que a proposta tenta atender as demandas defendidas pela Fundação Nacional do Índio (Funai), dispostos no Brasil pela Portaria n. 75N/1972, especialmente em dois pontos.

O primeiro deles afirma que seria necessário que a grafia em língua indígena se aproximasse da utilizada em língua portuguesa. O segundo ponto que as autoras mencionaram é o de haver a necessidade de se representar um som com uma única grafia. Percebemos que os pontos elencados presentes na mencionada Portaria são, por vezes, conflituosos, isso porque a língua Terena está largamente representada em materiais didáticos e, portanto, sua ortografia é bem estabelecida entre seus falantes e, principalmente, em ambiente escolar terena.

Foram Ekdahl e Butler, na década de 1979, quem propuseram a ortografia que é utilizada na língua até hoje. Temos as consoantes: <p>, <t>, <k>, <'>, <s>, <x>, <h>, <m>, <n>, <l>, <r>, <w>, <y>, as pré-nasalisadas: <mb>, <nd>, <nz>, <nj> e, finalmente, as vogais <i>, <e>, <a>, <o>, <u>.

2.5 Metodologia de pesquisa

O objetivo deste trabalho foi refletir sobre os aspectos linguísticos da língua Terena. Nossos dados foram retirados de trabalhos previamente desenvolvidos, bem como de esparsas coletas diretamente com falantes da língua.

Tivemos alguns problemas com a pesquisa em campo. De modo geral, a comunidade terena não apoia pesquisas em suas terras e, assim, optamos por desenvolver nossa coleta a partir de trabalhos anteriores, como já mencionado. Poucos foram os momentos em que obtivemos dados de modo elicitado, alguns surgiram em momentos informais. Nossas coletas também ocorreram através de diálogos e conversas por aplicativo de mensagens e conversas privadas em redes sociais.

A análise dos dados segue uma abordagem tipológico-funcional, fundamentada em Aikhenvald (1999), Comrie (1976), Givón (2001) e Payne (1997).

Nosso propósito neste estudo é, portanto, contribuir para a documentação e a descrição das línguas indígenas brasileiras, por meio da análise de dados sobre a língua Terena,

cuja população de mesmo nome é um dos maiores grupos indígenas brasileiros. Especificamente, procuramos descrever aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos ainda pouco explorados e/ou discutidos.

3 ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS

3.1 Trabalhos anteriores

Os estudos dedicados à fonologia da língua Terena, ou, pelo menos, que apontam para aspectos fonético-fonológicos da língua, datam de a partir da década de 1946 (cf. Quadro 3). Como exemplo temos os estudos de Bendor-Samuel (1960), “Some problems in segmentation in the phonological analysis of Terêna”; Bendor-Samuel (1961), *An outline of the grammatical and phonological structure of Terêna*; Bendor-Samuel (1963), “A structure-function description of Terena phrases”; Bendor-Samuel (1962), “Stress in Terena”; Ekdahl e Grimes (1964), “Some prosodic features in Terena”; Eastlack (1968), “Terena (Arawakan) pronouns”. Tourville (1991) dedica um capítulo de sua tese, intitulada *Licensing and the representation of floating nasals*, para explicar, com base em teorias fonológicas não lineares, o morfema nasal em Terena. O autor faz uso de trabalhos de Bendor-Samuel (1960) e Piggott (1988) para a sua proposta sobre um processo morfofonológico na língua. Mais recentemente, Martins (2009) e Silva (2009) dedicaram seus trabalhos dissertativos ao estudo da fonologia da língua terena.

É diante disso que expomos, inicialmente, diferentes apontamentos do inventário fonético do Terena.

3.2 Inventário fonético

O primeiro inventário fonético da língua Terena foi proposto por Bendor-Samuel (1960). Para ele, a língua possui 14 (quatorze) sons consonantais, inclusive semivogais, como apresentado no quadro abaixo.

Quadro 5 – Fones consonantais por Bendor-Samuel (1960)

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	[p]		[t]			[k]	[ʔ]
Fricativa			[s]	[ʃ]			[h] [hy]
Nasal	[m]		[n]				
Lateral			[l]				
Tepe			[ɾ]				
Aproximante	[w]				[j]		

Fonte: Bendor-Samuel (1960).

Com relação às vogais, o pesquisador propõe que existem 5 (cinco) na língua Terena, como exposto abaixo.

Quadro 6 – Vogais em Terena por Bendor-Samuel (1960) e Eastlack (1968)

	Anterior	Central	Posterior
Fechado	[i]		[u]
Meio fechado		[e]	[o]
Aberto		[a]	

Fonte: Bendor-Samuel (1960) e Eastlack (1968).

Eastlack (1968) identificou um cenário fonêmico maior e considerou que havia, em Terena, 19 (dezenove) sons consonantais e os mesmos 5 (cinco) vocálicos apresentados por Bendor-Samuel (1960).

Quadro 7 – Fones consonantais por Eastlack (1968)

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
oclusiva	[p] [b]		[t] [d]			[k] [g]	[ʔ]
Fricativa		[v]	[s] [z]	[ʃ] [ʒ]			[h] [hh]
Nasal	[m]		[n]				
Lateral			[l]				
Tepe			[r]				
Aproximante					[j]		

Fonte: Eastlack (1968).

Silva (2009), como mencionamos anteriormente, delimita seu estudo na aldeia Cachoeirinha, situada em Miranda-MS. Em seu trabalho, a pesquisadora apresenta um inventário distinto daqueles apresentados anteriormente, sendo 22 (vinte e dois) fones consonantais e 18 (dezoito) vocálicos.

Quadro 8 – Fones consonantais por Silva (2009)

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	[p]		[t]			[k]	[ʔ]
Africada				[tʃ]			
Fricativa		[v]	[s]	[ʃ]			[h]
Pré-nasal	[^m b]		[ⁿ d] [ⁿ z]		[^ɲ ʒ]	[^ŋ g]	
Nasal	[m]		[n]		[ɲ]		
Lateral			[l]				
Tepe			[r]				
Aproximante	[w]				[j]		
Lateral aproximante					[ɬ]		

Fonte: Silva (2009).

O Quadro 9 abaixo apresenta os fones vocálicos defendidos por Silva (2009).

Quadro 9 – Fones vocálicos por Silva (2009)

	Anterior		Central		Posterior	
	Arredondado	Não arredondado	Arredondado	Não arredondado	Arredondado	Não arredondado
Fechado		[i] [i:] [ĩ]		[ɨ]	[u] [u:] [ũ]	
Meio fechado		[e] [ẽ]			[o] [õ]	
Meio aberto					[ɔ] [ɔ:]	
Aberto				[a] [a:] [ã]		

Fonte: Silva (2009).

Martins (2009), no entanto, apresenta um inventário mais robusto. O pesquisador aponta a existência de 24 (vinte e quatro) sons consonantais, conforme podemos observar no quadro abaixo. Antes, no entanto, gostaríamos de explicar que as tabelas contidas na pesquisa citada apresentam erros de representação e que, por essa razão, optamos por refazê-las a fim de aqui apresentar informações ajustadas (cf. Quadros 10 e 11).

Quadro 10 – Fones consonantais a partir de Martins (2009)

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	[p]		[t]			[k]	[ʔ]
Fricativa		[v]	[s]		[ʃ]		[h]
Africada					[tʃ]		
Nasal	[m]		[n]		[ɲ]		
Pré-nasal	[^m b]		[ⁿ d] [ⁿ z]		[ⁿ ʒ]	[ⁿ g]	
Lateral			[l]				
Tepe			[ɾ]				
Aproximante	[w]				[j]		

Fonte: Martins (2009).

O autor, com relação aos sons vocálicos, indica a existência de 25 (vinte e cinco) fonemas, como apresentado a seguir.

Quadro 11 – Fones vocálicos a partir de Martins (2009)

	Anterior				Central				Posterior				
	não arredondado				não arredondado				arredondado				
	oral		nasal		oral		nasal		oral		nasal		
	breve	longa	breve	longa	breve	longa	breve	longa	breve	longa	breve	longa	
alto	[i]	[i:]	[ĩ]							[u]	[u:]	[ũ]	[ũ:]
médio	[e]	[e:]	[ẽ]	[ẽ:]						[o]	[o:]	[õ]	[õ:]
médio- baixo	[ɛ]	[ɛ:]											
baixo					[a]	[a:]	[ã]	[ã:]					

Fonte: Martins (2009).

Infelizmente, devido a erro na tipografia no arquivo do trabalho de Martins (2009), como mencionado anteriormente, em todas as transcrições ao longo de seu texto dissertativo não é possível identificar se ele marca as vogais nasais, por ele identificadas, com o diacrítico [̃], a não ser na vogal posterior média nasalizada arredondada na tabela e as centrais nasais. No Quadro 11 acima incluímos os diacríticos faltantes.

Gostaríamos também de apontar que no inventário proposto por Martins (2009) não há a inclusão da posterior, média, arredondada [ɔ̃] e que essa vogal foi apresentada anteriormente por Silva (2009) (cf. Quadro 9) e por nós observada ao realizarmos análises acústicas para a investigação sobre o espraio da nasalidade em 1SG, que discutimos a seguir.

3.3 Considerações fonológicas

Com relação à fonologia da língua Terena, gostaríamos de chamar a atenção para o comportamento da nasalidade em primeira pessoa do singular, doravante 1. Essa investigação não é algo inovadora, o caráter inédito, aqui, é a metodologia empregada e o tipo de análise, fazendo uso de análise acústica.⁵

Há duas propostas distintas na literatura sobre a direcionalidade do espraio do traço [nasal] nessa língua em contexto de 1: a primeira delas é a de Bendor-Samuel (1960), que afirma que a nasalidade percorre a palavra da esquerda para a direita até seu bloqueio por uma obstruente; a segunda proposta é de Piggott (2000) e o espraio nasal, no mesmo contexto, é visto como fazendo o caminho contrário, ou seja, da obstruente até a borda esquerda da palavra.

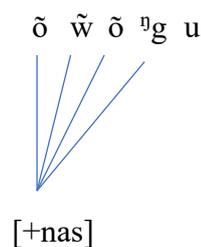
⁵ Vale ressaltar que parte da investigação de como se dá essa nasalidade em 1SG se deu em minha qualificação de área, sob orientação da Profa. Maria Filomena Spatti Sândalo, no âmbito do curso de doutorado, e que contribui com as reflexões que propomos sobre a língua Terena. A qualificação em questão não foi publicada e nem está sob avaliação de nenhuma revista científica.

A fim de testar qual hipótese tem mais poder de previsão sobre a direção do espalhamento de nasalidade, este trabalho faz uso da metodologia de Stewart e Kohlberger (2015) de gravação e análise de áudio e análise acústica. Trata-se do primeiro trabalho que analisa o fenômeno em análise acústica. Se a nasalidade se iniciar na fronteira esquerda, esperamos que ela seja mais forte nessa borda e enfraqueça ao chegar na obstruente. No entanto, se a fonte de nasalidade for a obstruente, esperamos o contrário, ou seja, a nasalidade será mais intensa na região da obstruente e perderá força na fronteira esquerda da palavra.

3.3.1 Bendor-Samuel e Piggott – propostas

A nasalidade em Terena foi observada por pesquisadores como Bendor-Samuel (1960, 1962, 1966) e Akinlabi (1996), este, no entanto, não fez análises a partir de dados primários, mas sim a partir do que Bendor-Samuel analisou. Esses estudiosos entendem que nesse processo (i) ocorre espalhamento do traço [+nasal] da esquerda para a direita; (ii) o traço [+nasal], ao entrar em contato com uma obstruente surda, torna-a sonora e a pré-nasaliza; e (iii) a obstruente bloqueia o processo de espalhamento nasal. Esses autores assumem que a direcionalidade é da esquerda para a direita simplesmente pela descontinuidade de nasalidade depois de uma obstruente. A partir dessa proposta, apresentamos nossa interpretação do processo na Figura 2:

Figura 2 – Interpretação nossa da proposta de Bendor-Samuel (1962)



Fonte: Adaptação de Bendor-Samuel (1962).

Para os autores, o traço [+nasal] se comporta como um morfema, uma vez que determina 1SG na língua Terena, tanto para nomes quanto para verbos. Bendor-Samuel (1960) descreveu inicialmente a 1 em Terena como um morfema vinculado à prosódia nasal mapeado na raiz de um nome ou de um verbo. Akinlabi (2011, p. 1957) discute o caso de nasalização na língua como uma “combinação de um prefixo de traço mais harmonia que envolve o traço em questão”.

Exceto Piggott, até o momento percebemos que os estudos dedicados a esse fenômeno morfofonológico seguiram a premissa de que o traço fluante nasal se espalha a partir da esquerda da raiz da palavra. Dessa forma, se a sílaba inicial da palavra começa com uma vogal a nasalidade se espalha sobre ela e/ou glides até encontrar um segmento opaco que bloqueie o espalhamento da nasalidade, caso contrário, o espalhamento segue até o fim da palavra. Os segmentos bloqueadores são as consoantes obstruintes (plosivas e fricativas). Se a palavra começa com uma sílaba cujo ataque está constituído pelas consoantes plosivas /p, t, k/ e pelas fricativas /s, ʃ/, esses segmentos se convertem em pré-nasalizadas vozeadas, ou seja, p → ^mb, t → ⁿd, k → ^ŋg, ʃ → ^ɲʒ, s → ⁿz, tʃ → ⁿdʒ⁶ e a nasalidade para no ataque:

1)

a) p → ^mb

pîho ‘ele foi’

mbîho ‘eu fui’

b) t → ⁿd

ôti ‘ele voa’

ondi ‘eu voo’

c) k → ^ŋg

owoku ‘casa dele’

ôwô**ngu** ‘minha casa’

d) ʃ → ^ɲʒ

éxoponoa ‘ele reconhece’

enjoponoa ‘eu reconheço’

e) s → ⁿz

issupáheoti ‘ele está roçando’

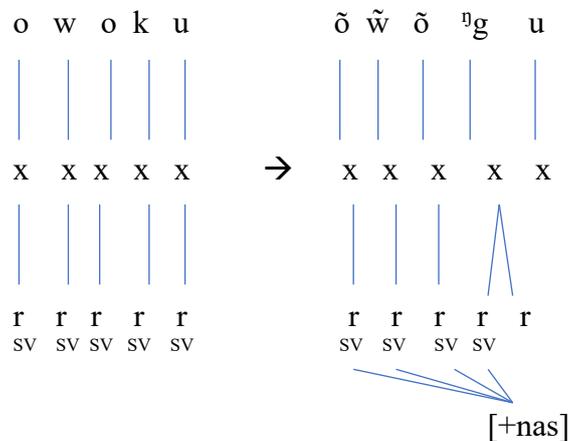
inzupáheoti ‘eu estou roçando’

⁶ Os exemplos 1a – 1g são apresentados ortograficamente em língua terena.

- f) $tʃ \rightarrow {}^n dʒ$
 ôti ‘ele voa’
 ondi ‘eu voo’
- g) ayo ‘irmão dele’
 ãyõ ‘meu irmão’

Piggott (1992, 2000) questiona tal proposta. Para esse autor, o traço [+nasal] é espreadido da direita para a esquerda (cf. nossa interpretação da proposta na Figura 3),⁷ a partir da obstruente, fazendo justamente o caminho contrário. Para Piggott, o traço nasal se liga à obstruente surda e como efeito a sonoriza e a pré-nasaliza. Nesse contexto, surge mais um nó de raiz, o *Spontaneous Voicing*⁸ (SV), que será apresentado na seção que segue. Paradis e Prunet (1991), ao citarem Rice and Avery (1988), afirmam que as sonorantes normalmente apresentam um nó SV.

Figura 3 – Interpretação de espreadimento proposto por Piggott (1992, 2000)



Fonte: Piggott (1992, 2000).

3.3.2 O nó SV

O nó SV, *Spontaneous Voicing*, é entendido na literatura como mais uma possibilidade de representação para capturar a harmonia decorrente de nasalização. A princípio,

⁷ A Figura 3 é apresentada a partir da Geometria de Traços proposta por Clements e Hume (1995). Nela encontramos (X), que é uma unidade abstrata de tempo, e (r) é o nó de raiz, que corresponde ao segmento propriamente ditto (BISOL, 2005). SV é um nó de raiz, *Spontaneous Voicing*, enquanto SP, *Soft Palate*, é outro nó de raiz (PIGGOTT, 1992).

⁸ Vozeamento espontâneo (tradução nossa).

conforme Piggott (1992), se apresenta como uma configuração do trato vocal em que as cordas vocais vibram em resposta à passagem de ar.

Para esse autor (1992, p. 48), “[a] evidência da harmonia nasal indica que o nó imediatamente dominante deste traço deve fazer parte da representação de sonorantes, mas não pode ser parte da estrutura de oclusivas, fricativas ou glides laringais” (tradução nossa).⁹

Piggott (1992) argumenta que o nó SV não é um nó articulatorio, é um nó abstrato que permite vozeamento espontâneo e, portanto, é um excelente pouso para a nasalidade. Ladefoged (1982) aponta para o fato de que sonorância ou vozeamento espontâneo não sejam propriedades articulatórias simples, e sim resultados da combinação de fatores incluindo pressão do ar, taxa de passagem de ar e tensão das cordas vocálicas.

A complexidade fonética das sonorantes

[é] a fonte da pré-nasalização em um grupo de oclusivas que alternam com nasais totais. A propriedade nasal destas oclusivas pré-nasalizadas é epifenomenal; ela deriva diretamente de ajustes articulatorios necessários para realizar o vozeamento espontâneo, quando a produção do segmento que comporta este traço também requer obstrução oral completa da passagem de ar. (PIGGOTT, 1992, p. 48, tradução nossa).¹⁰

Nessa perspectiva, o morfema autossegmental associa-se a elementos que contenham o nó SV sem especificação de traço e daí se espalha.

3.4 Metodologia

3.4.1 Metodologia do ‘fone de ouvido’

Para o desenvolvimento desta investigação, dados foram extraídos a partir da experiência de Stewart e Kohlberger (2015) denominada *‘The Earbuds Method’*. A proposta desse método emerge como uma possibilidade de se medir e visualizar a intensidade do trato nasal e oral durante a produção da fala. O método proposto permite uma análise temporal da produção de fala oral e nasal e *data* suprasegmental, independente de traços de vogais e

⁹ “The evidence from nasal harmony indicates that the node immediately dominating this feature must be part of the representation of sonorants but cannot be part of the structure of voiceless stops, fricatives or laryngeal glides” (PIGGOTT, 1992, p. 48).

¹⁰ “The complex phonetics of sonorancy is the source of prenasalization in the set of stops that alternates with full nasals. The nasal property of such prenasalized stops is epiphenomenal; it is directly derivable from the articulatory adjustments required to realize spontaneous voicing, when the production of a segment that bears this feature also requires complete oral obstruction of the airflow.” (PIGGOTT, 1992, p. 48).

consoantes. Ele é mais bem usado como uma relação em que uma maior pressão nasal sobre as funções de pressão oral atua como um correlato de nasalidade. Esse método não calibra o fluxo de ar e não utiliza uma variável contínua semelhante à de uma máscara de fluxo nasal.

Os pesquisadores exploraram a possibilidade de vazamento nasal durante a produção de palavra iniciada por oclusivas em Quechua, Media Lengua e Quito Espanhol Urbano, na expectativa de identificar preferências na produção de pré- e pós-nasal em palavras derivadas da língua espanhola de três falantes.

Nossa coleta¹¹ se deu a partir da leitura de 100 (cem) palavras previamente escolhidas, fazendo uso de fones de ouvido alocados nas narinas de nosso colaborador. Esses fones foram conectados diretamente ao computador e a gravação mono foi realizada simultaneamente também com o uso de um microfone direcionado na boca do falante para captar sua produção oral. Stewart e Kohlberger (2015) criaram o TextGrid para as palavras gravadas e, a partir disso, utilizaram as gravações para mapear a presença de nasalidade, uma vez que um resultado ‘nasal’, conforme os autores, apresentaria intensidade superior ao seguimento oral.

3.4.2 Aplicação da metodologia

Nossa proposta, como previamente exposto, foi analisar o comportamento da nasalidade encontrada em itens conjugados em 1SG na língua Terena e, mais especificamente, verificar o espriamento do traço [+nasal] ao longo da palavra: tentar saber se o espriamento se dá a partir da borda esquerda em direção à obstruinte ou da obstruinte até a borda esquerda.

Para tanto, escolhemos, dentre as 100 (cem) palavras previamente escolhidas, uma lista de 60 (sessenta) palavras, todas elas retiradas de Ekdahl e Butler (1969), sendo 22 (vinte e duas) delas iniciadas em vogal e as 38 (trinta e oito) demais iniciadas em consoantes. Contamos com a colaboração de um professor terena do sexo masculino de 42 anos. Nosso colaborador fez uso, assim como no experimento de Stewart e Kohlberger (2015), de fones de ouvido alocados em suas narinas e conectados a nosso computador. A gravação da leitura das palavras selecionadas ocorreu por meio do Audacity 2.0.4. O fone de ouvido funciona como um microfone nesse caso. Utilizamos também o *Blue Nessie Microphone* para a captação da produção oral dos mesmos itens.

¹¹ Essa coleta de dados foi a única que conseguimos realizar presencialmente e ocorreu nas dependências da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana, onde esta pesquisadora é docente.

Cada um dos itens foi gravado em três formas distintas; aquela conjugada em terceira pessoa do singular (3SG), que mantém a palavra sem alteração, i.e., em sua forma base; as outras descrições acústicas apresentam duas formas da palavra conjugada em 1SG, uma forma em que a passagem de ar pela cavidade nasal foi bloqueada e a outra, que não apresenta obstrução da passagem de ar nasal. Dessa forma, observamos a mudança da realização das nasais e, ao compararmos ambas as descrições, notamos a ocorrência da realização da nasal ao longo da palavra.

Após a coleta, os arquivos sonoros foram analisados a partir do uso do programa *Praat* 5.3.64.

Uma vez inseridos no *Praat*, precisamos encontrar fundamentos teóricos que corroborassem a identificação da presença ou não de segmentos nasais em nossos dados. Para tanto, fizemos uso de características acústicas das consoantes, em especial das nasais, expostos em Kent e Read (2015) na análise dos dados que expomos a seguir.

3.4 Descrição dos dados

Das 60 (sessenta) palavras coletadas/gravadas/estudadas, selecionamos 2 (duas) em especial por apresentarem mais sílabas e por serem mais longas. Haveria, assim, a possibilidade de observarmos o comportamento do espriamento da nasal.

Para melhor apresentação e possibilidade de aferição das medidas que encontramos, propusemos tabelas com as medidas relativas às vogais de cada uma das sílabas das palavras em suas três formas: terceira pessoa do singular, primeira pessoa do singular com bloqueio da passagem de ar e sem bloqueio da passagem de ar. As imagens dos espectrogramas de cada sílaba são apresentadas abaixo.

2) Pré-nasalização e vozeamento de [s]

arámusako [aramusakɔ] ‘almoçar’

[arãmũⁿzakɔ] ‘eu almoço’

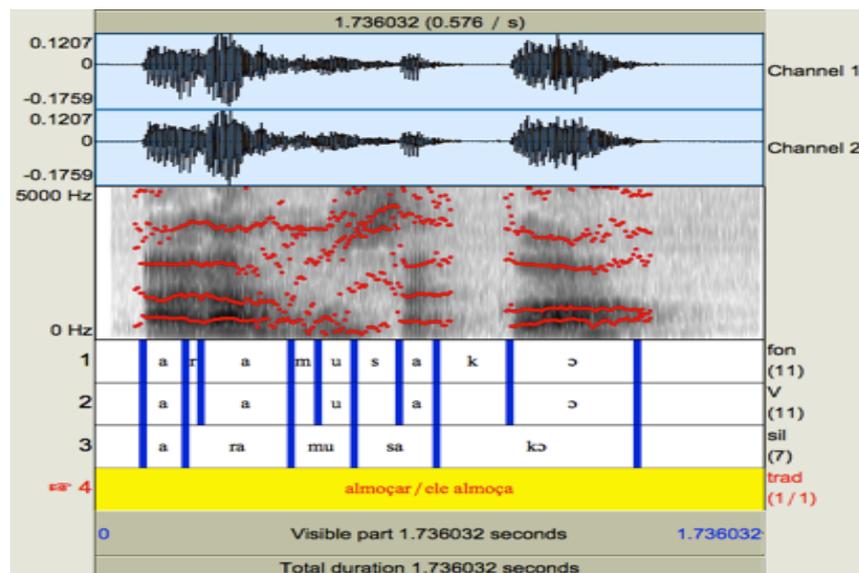
[a.rã.mũ.ⁿza.kɔ]

Tabela 2 – Medidas de F1 (em Hz) para as vogais de aramusako, ‘almoçar’, conforme contexto de produção

	a	a / ã	u / ã	a	ɔ
3SG	740,5	623,5	418,8	594,2	594,2
1SG com obstrução	682	652,7	477,1	606,2	564,9
1SG sem obstrução	711,3	682	272,3	623,5	623,6

Fonte: Dados da pesquisa.

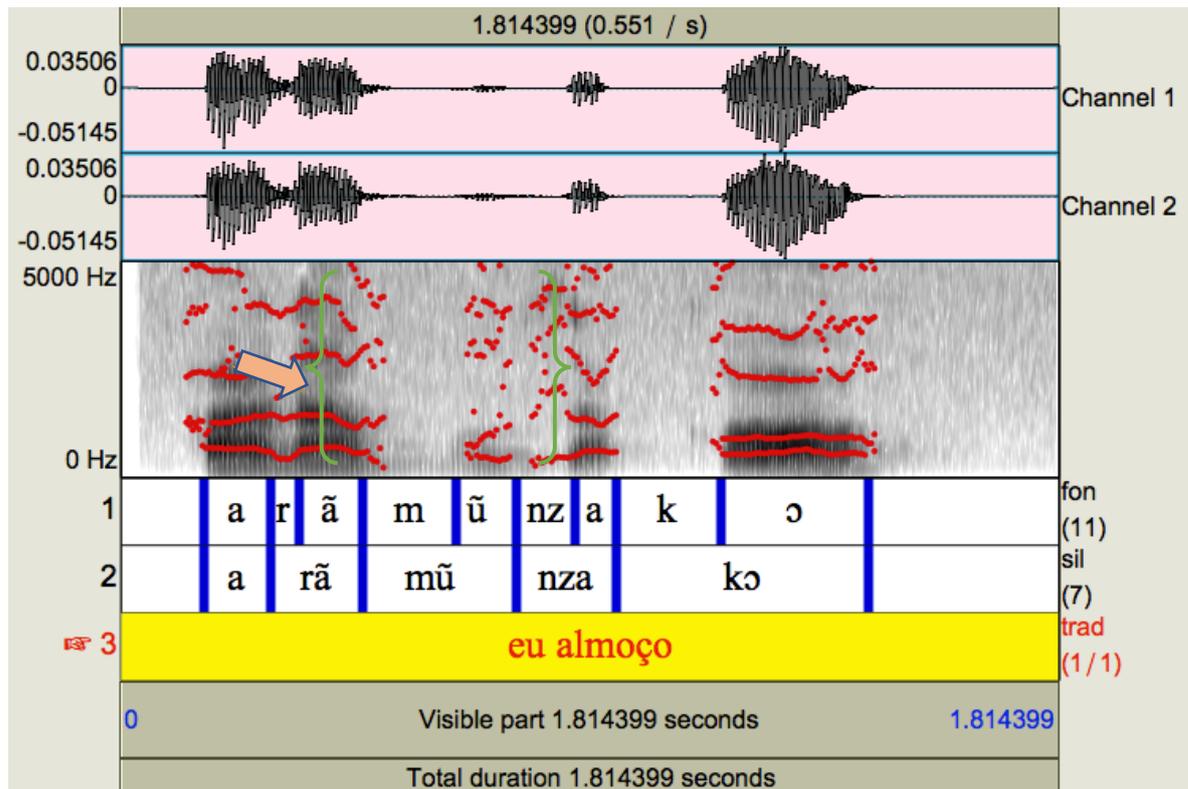
Figura 4 – Espectrograma de item não conjugado ‘aramusako’



Fonte: Dados da pesquisa.

O item não conjugado exposto na Figura 4 apresenta nasalidade através da bilabial [m] no início da terceira sílaba. Os itens conjugados em 1SG apresentados nas Figuras 5 e 6, por sua vez, esboçam nasalidade na segunda, na terceira e na quarta sílabas.

Figura 5 – Espectrograma com bloqueio da passagem de ar nasal ‘aramunzako’



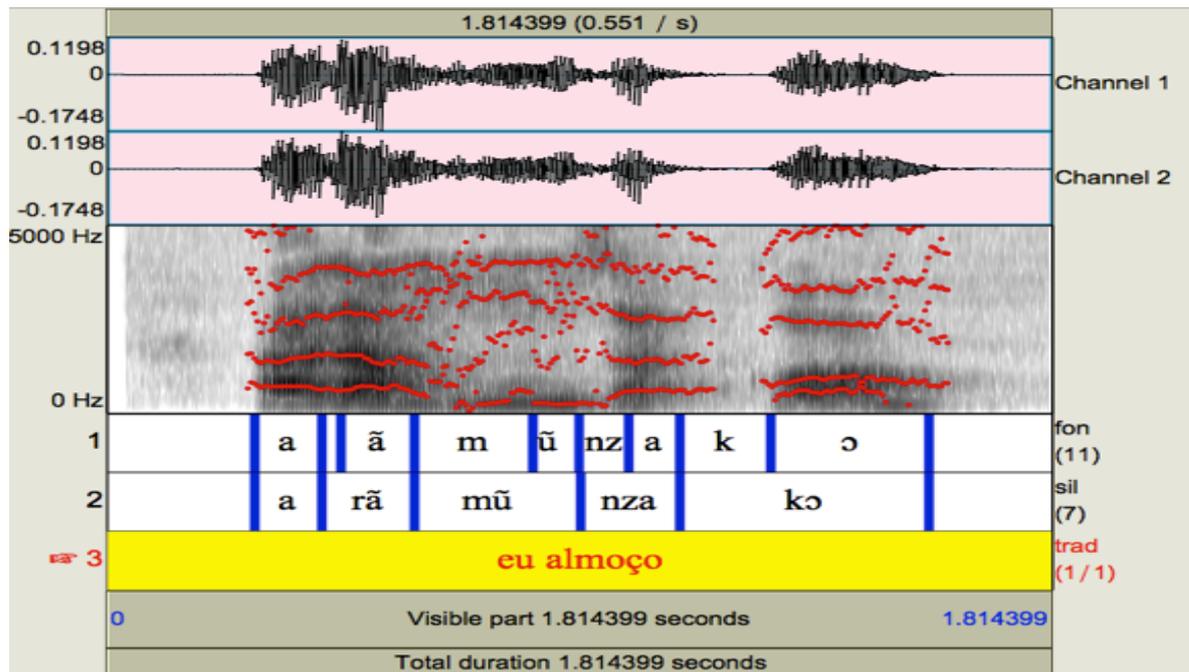
Fonte: Dados da pesquisa.

Na Figura 5 observa-se o bloqueio de passagem de ar pelas narinas. A fricativa alveolar surda [s], presente no início da quarta sílaba no item não conjugado (Figura 4), dá lugar à fricativa alveolar sonora pré-nasalizada [ʒ]. Notamos esse fato a partir do vozeamento da consoante percebido por meio do preenchimento, ou seja, do sombreamento de parte do espectrograma no início da mesma sílaba, assim como também a sua pré-nasalização.

A seta indicativa laranja, na Figura 5, aponta para o antifonema em [ã] e as chaves verdes indicam murmúrio nasal. O antifonema é percebido em uma região do espectro em que há perda de energia (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 448); no caso da Figura 5, o antifonema em [ã] na segunda sílaba mede 2120 Hz. O murmúrio nasal, por sua vez, de acordo com Kent e Read (2015, p. 281), é um segmento acústico com radiação exclusivamente nasal da energia sonora. Essa energia tem ressonância dominante de baixa frequência acompanhada por outras mais fracas e com altas frequências. O murmúrio nasal não se restringe apenas à consoante nasal, ele é encontrado também além da fronteira das nasais.¹²

¹² Para mais informações sobre antifonemas e murmúrio nasal indicamos a leitura de Barbosa e Madureira (2015, p. 106, 447-468) e Kent e Read (2015, p. 280-288).

Figura 6 – Espectrograma a partir do microfone ‘aramunzako’



Fonte: Dados da pesquisa.

Quando observamos as frequências entre o item não conjugado e os conjugados podemos atestar a presença da nasalidade, pois há uma mudança de frequência. A quarta sílaba, por exemplo, no item não conjugado (Figura 4), tem como F_1 594.2 Hz enquanto conjugado em 1SG apresenta F_1 606.2 Hz no item com bloqueio de ar (Figura 5) e F_1 623.5 Hz no item sem obstrução (Figura 6).

As sílabas 1, 2 e 3, presentes em cada item das Figuras 4, 5 e 6, também apresentam variação quanto ao valor em F_1 . A terceira sílaba apresenta F_1 418.8 Hz, F_1 477.1 Hz e F_1 272.3 Hz nas Figuras 4, 5 e 6, respectivamente; a segunda sílaba tem F_1 623.5 Hz, 652.7 Hz e 682 Hz nas Figuras 4, 5 e 6, respectivamente; e, finalmente, a primeira sílaba apresenta F_1 740.5 Hz, 682 Hz e 711.3 Hz nas Figuras 4, 5 e 6, respectivamente.

3) Pré-nasalização e vozeamento de [ʔ]

orevexo [ʔreveʃʔ] ‘emprestar’

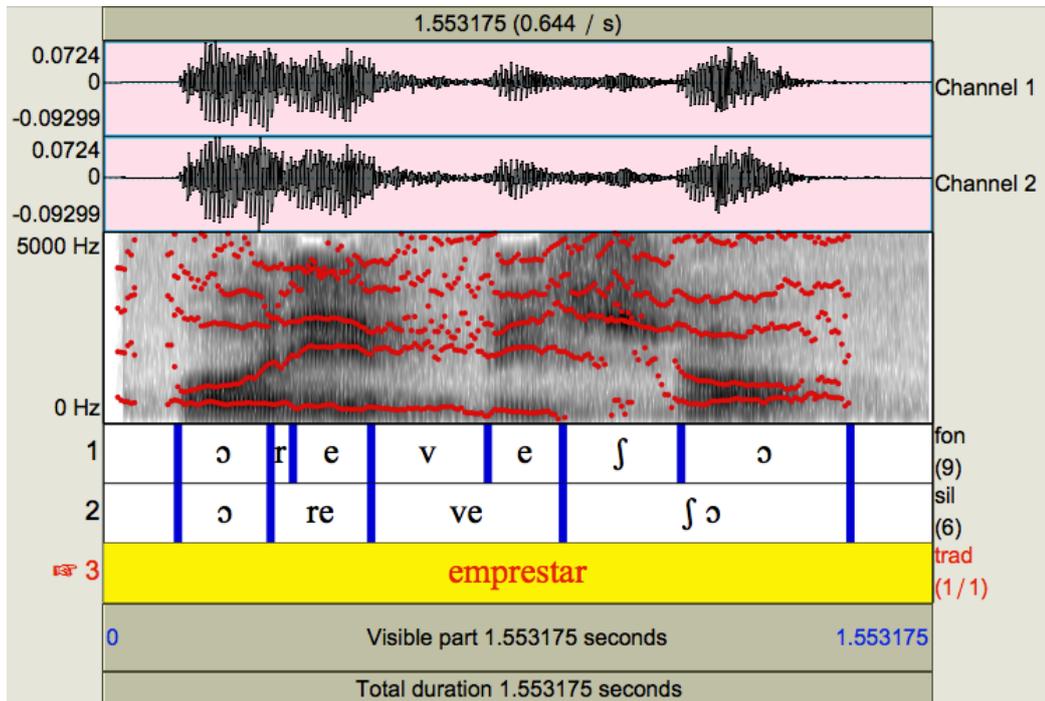
orevenjo [ʔrevẽⁿʒʔ] ‘eu empresto’

[ʔ.re.vẽ.ⁿʒʔ]

Tabela 3 – Medidas de F1 (em Hz) para as vogais de oreveço ‘emprestar’, conforme contexto de produção

	ɔ	e	e / ê	ɔ
3SG	535.7	418.6	360.1	623.5
1SG com obstrução	594.2	447.9	477.1	652.7
1SG sem obstrução	564.9	447.9	447.9	629

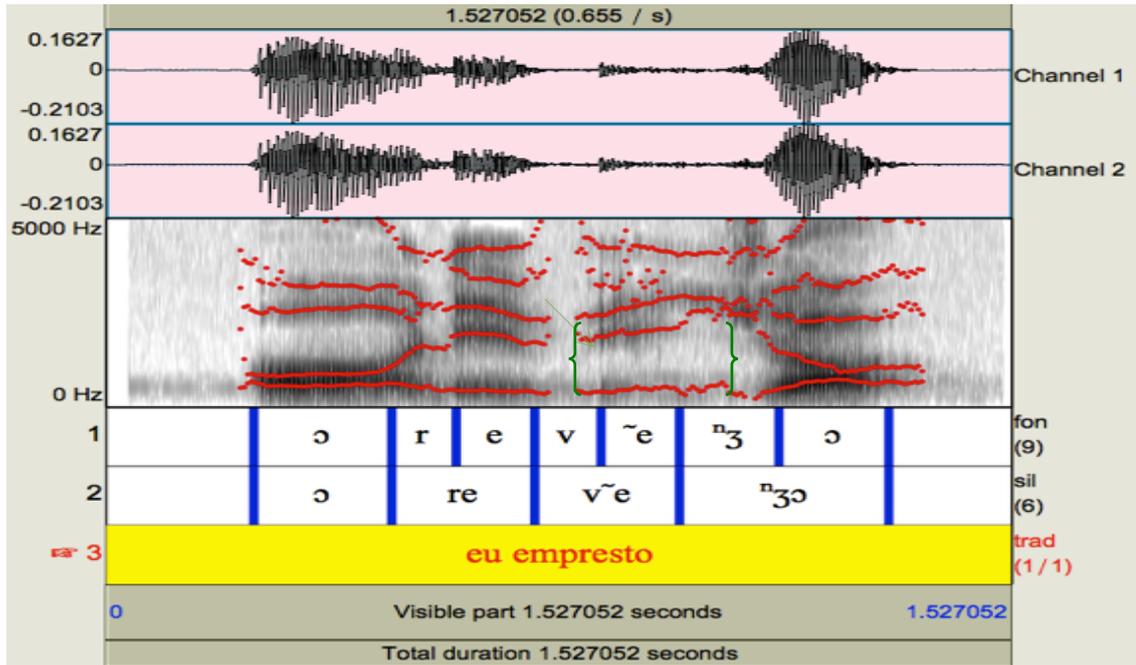
Figura 7 – Espectrograma de item não conjugado ‘oreveço’



Fonte: Dados da pesquisa.

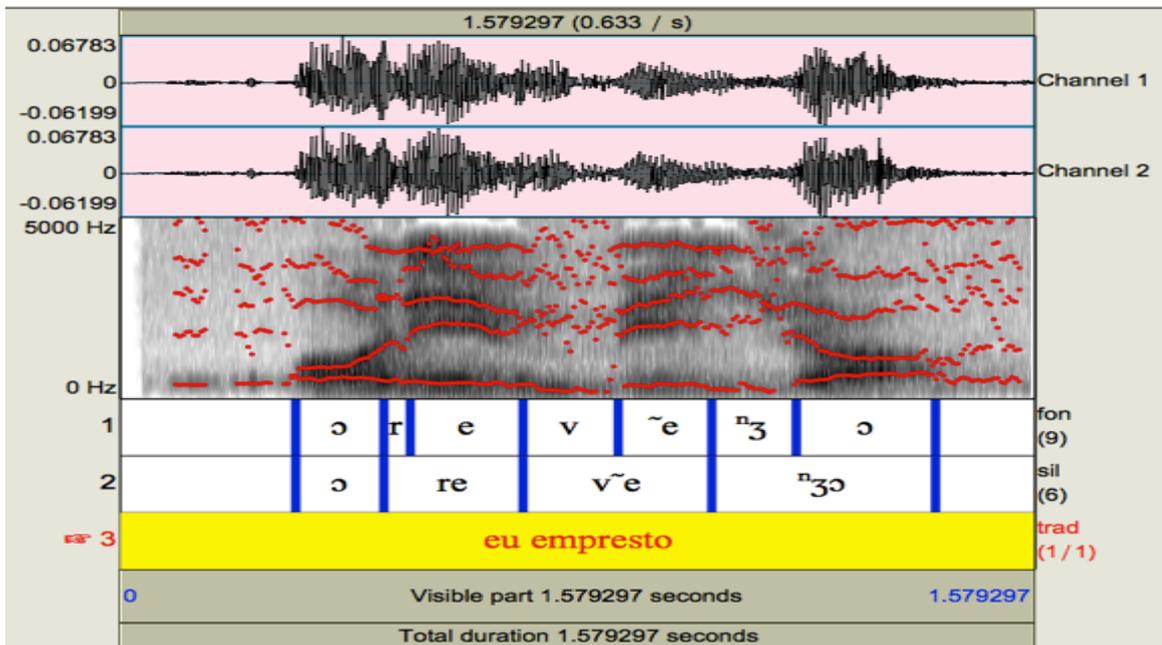
O item não conjugado é exposto na Figura 7 e não apresenta nenhum traço de nasalidade; isso é confirmado ao analisarmos o espectro que não contém nenhum antiformante, por exemplo.

Figura 8 – Espectrograma com bloqueio da passagem de ar nasal ‘orevenjo’



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 9 – Espectrograma a partir de uso de microfone ‘orevenjo’



Fonte: Dados da pesquisa.

As Figuras 8 e 9 esboçam itens conjugados em 1 com bloqueio da passagem de ar e sem bloqueio, respectivamente.

A nasalidade, nos itens conjugados, é percebida na 3ª e 4ª sílabas. Assim, com a nasalização, a fricativa pós-alveolar surda [ʃ] torna-se uma fricativa pós-alveolar sonora [ñɔ]. A análise do espectrograma comprova que há a presença de antifonantes, como, por exemplo,

assinalado pela seta laranja na Figura 8, bem como a medição de suas sílabas se diferem daquela registrada para o item da Figura 7. A sílaba 3, na Figura 7, apresenta F_1 477.1 Hz e F_1 447.9 Hz na Figura 9. A sílaba 4 esboça F_1 652.7 Hz e F_1 629 Hz nas Figuras 8 e 9, respectivamente.

Podemos afirmar que nas duas sílabas iniciais dos itens conjugados não há nasalidade, pautando-nos em Stewart e Kohlberger (2015), que afirmam que o fluxo de ar é mais intenso em um som nasal do que em um som oral. Percebemos que nos três exemplos apresentados essas sílabas apresentam medições próximas: a sílaba 1 tem F_1 535.7 Hz no item não conjugado, F_1 594.2 Hz no item com bloqueio da passagem de ar nasal e 564,9 Hz no item sem bloqueio; a sílaba 2 tem F_1 418.6 Hz, 447.9 Hz e 447.9 Hz nos mesmos contextos respectivos. Em contraste, a sílaba 3, que precede a consoante obstruinte, tem F_1 360.1 Hz, 477.1 Hz e 447.9 Hz para 3PS, 1SG com obstrução e 1SG sem obstrução, respectivamente, em que se percebe mais claramente a diferença nas medições para 1SG e 3PS.

Outro aspecto que reforça a afirmação de que não há nasalidade nas sílabas 1 e 2 é o fato de não haver nenhum murmúrio nasal, bem como antiformantes, características que, de acordo com Kent e Read (2015) corroboram a presença de nasalidade. Na Figura 8, o murmúrio nasal é apontado como aquela faixa de menor energia entre as chaves verdes e a seta laranja indica o antiformante.

3.4.1 Análise dos dados

Nos 2 (dois) exemplos expostos percebemos um aumento dos valores de frequência nas seqüências de sílabas em que há a presença de nasalidade. *Arámusako*, no exemplo (2), apresenta cinco sílabas e a nasalidade não está presente na primeira e última sílabas, como pode ser conferido nas Figuras 4, 5 e 6.

Orévexo apresenta, em (3), nos itens conjugados, nasalidade nas sílabas três e quatro. F_1 na sílaba quatro tem mais valor em Hz nos itens conjugados do que sua correspondente no item não conjugado; por outro lado, na sílaba três pudemos perceber que o valor de F_1 em Hz do item não conjugado é menor do que aquele encontrado nas representações das Figuras 8 e 9.

Em Terena, quando o item está flexionado em 1SG, as vogais permanecem orais ao serem precedidas por obstruintes pré-nasalizadas e sonorizadas. Por outro lado, também em contexto de 1, a língua apresenta vogais nasais ao ocorrerem precedidas de consoantes nasais.

Os exemplos¹³ (4) e (5) abaixo demonstram nossa afirmação em sintagmas verbais e nominais. Em (4a), por exemplo, a nasal [m] não nasaliza a vogal [ɔ] e entendemos que isso se dá pelo fato de esta sílaba estar à direita da obstruinte que sofreu pré-nasalização e sonorização.

4)

- a) kâmo ‘ouvir’
ngâmo ‘eu ouço’
 [ˈⁿga:mɔ] <ngâmo> ‘eu ouço’

- b) ahi’ikó ‘esfregar’
anzi’ikó ‘eu esfrego’
 [ˈãⁿziʔiko] <anzi’ikó> ‘eu esfrego’

5)

- a) nâka ‘colar’
nanga ‘meu colar’
 [ˈnã:ⁿga] <nanga> ‘meu colar’

- b) mopo ‘mel’
mombona ‘meu mel’
 [mõmˈbõna] <mombona> ‘meu mel’

Kent e Read (2015, p. 288) enfatizam que a nasalização não ocorre somente com consoantes nasais, mas também com alguns sons circundantes e, em especial, com as vogais. Para a língua Terena vemos que a nasalização também acomete algumas consoantes embora, nesse caso, tenhamos uma pré-nasalização. Os autores afirmam que “as pistas acústicas para a nasalização frequentemente podem ser achadas além do segmento consonantal nasal”.

Pautando-nos em Kent e Read (2015) e Steward e Kohlberger (2015), percebemos que, se houvesse o espraiamento como defendido por Bendor-Samuel (1960), teríamos maiores frequências nas bordas esquerdas dos exemplos estudados.

A proposta de Bendor-Samuel (1960) nos parece adequada para a época em que foi analisada, uma vez que foi o primeiro olhar para a língua e, também, ainda não havia estudos

¹³ Os exemplos 4 (a – b) e 5 (a – b) são apresentados com representações ortográficas e, também, fonéticas.

que permitissem análises fonéticas mais complexas. Questionamos, aqui, essa hipótese, no entanto, uma vez que em nossos exemplos a borda esquerda nos itens conjugados não há nasalidade, fato atestado pela análise dos espectrogramas. O autor não indica o motivo pelo qual a varredura não seja completa da borda esquerda até o seu bloqueio.

Por outro lado, destacamos a proposta de Piggott (1992, 2000) como uma alternativa a esse comportamento na língua Terena. Para esse autor, o traço nasal [+nasal], ao buscar uma obstruinte e a pré-nasalizar, continua o caminho à esquerda da palavra, mas esse espriamento perde força e, assim, a varredura não é completa; palavras em que o pouso do traço se dá mais à direita da palavra (cf. (2-3)) impossibilitam um longo percurso do traço.

3.5 Nossas considerações

Conforme Piggott (1992), a partir de padrões harmônicos é possível identificar dois tipos distintos de processos de nasalidade e acreditamos que a língua Terena possa ser categorizada como parte do Tipo 2, sendo aquele em que o traço [nasal] é dependente do nó SV e somente sonorantes possuem esse nó. Obstruintes precisam ser transparentes no espriamento nasal, já que não são subespecificadas para o nó SV. Defendemos essa afirmação a partir dos exemplos em que o traço [+nasal] pouso nas obstruintes ou fricativas e continua seu percurso em direção à borda esquerda.

Em Terena, a nasalidade presente em itens conjugados em 1SG não ocorre como previamente exposto por Bendor-Samuel (1960, 1962, 1966) com relação ao espriamento da borda esquerda da palavra até uma obstruinte. Por meio dos espectrogramas analisados ficou claro que a nasalidade busca um pouso e tal situação se torna ideal em consoantes sonorantes a partir do surgimento do nó SV. A nasalidade, então, percorre parte da palavra até sua borda esquerda, e esse traço demonstra também perder força em alguns casos, em especial em palavras com mais de três sílabas.

4 TIPOS DE MORFEMAS NA LÍNGUA

Segundo Aikhenvald (1999, p. 80), “as línguas Arawak são polissintéticas e predominantemente aglutinantes com alguns elementos de fusão”.¹⁴ Rosa (2010), por sua vez, afirma que “[...] terena é classificada como uma língua aglutinante, por verificar-se que o verbo e o nome aglutinam morfemas que expressam significados diferentes do exposto pela raiz verbal ou nominal sendo facilmente identificados [...]” (ROSA, 2010, p. 69).

Essa identificação pode se dar devido ao fato de em uma só palavra ser possível encontrarmos indicadores de argumentos internos e externos, por exemplo, *mbaré-x-íno-pe-a-ti-mo* (1/dar-VBLZ-BENF-2O-3O-DESC-IRR) “Eu o darei para você.”

A língua Terena segue o padrão das línguas Arawak, que, segundo Aikhenvald (1999), são predominantemente sufixais e possuem poucos prefixos. Assim ocorre com o Terena, pois há (9) nove prefixos e (48) quarenta e oito sufixos, vários deles com variação alomórfica.

Os prefixos e sufixos seguem a seguinte estrutura posicional no nome:

Quadro 12 – Estrutura posicional de afixos no Nome

CLIT	Raiz	CL INCORP	ou	VBLZ	POSS	PL COL
	Stem					
	Base					

Fonte: Dados da pesquisa.

A estrutura posicional dos afixos no verbo ocorre da seguinte forma:

Quadro 13 – Estrutura posicional de afixos no Verbo

CAUS	CLIT	Raiz	CL ou INCORP	(+/-VBLZ) (+VT) (-VT) BENF	REFL	CLIT	ASP MOD	PL
		Stem						
		Base						

Fonte: Dados da pesquisa.

4.1 Raízes

A raiz é um morfema comum a várias palavras relacionadas a um mesmo conjunto de palavras Terena, que possui um significado básico. Por exemplo, a raiz *nône* ‘face/rosto’

¹⁴ “All Arawak languages are polysynthetic and predominantly agglutinating with a few elements of fusion”. (AIKHENVALD, 1999, p. 80).

pode ser derivada nas seguintes formas *noné-ku-ke* (rosto-lugar-POSP) ‘em frente a’ e *í-none-x-ino-vo* (CAUS-face-VBLZ-em referência a-REFL) ‘encarar’.

6)

a) *mókere*

‘pessoa surda’

b) *mókere-x-o*

ser.surdo-VBLZ-VT

‘ensurdercer’

G. R. Silva (2013), em seu trabalho com o Paresi (Arawak), apresenta dois tipos de raízes, as lexicais e as funcionais (estas tratarei aqui como morfemas gramaticais). O pesquisador aponta que as de tipo lexicais podem ocorrer tanto em classes abertas quanto nas fechadas. O mesmo ocorre na língua Terena, como expomos a seguir.

4.1.1 Raízes lexicais

7)

a) *inzíka-x-o-vo-ti*

1/estuda-VBLZ-VT-REFL-DUR

‘Eu estou estudando.’

b) \emptyset -*kemóhi-ti*

3=brincar-DUR

‘Ele está brincando.’

8)

a) *kó'oyene*

‘hoje’

b) *kiyakáxeke*

‘ontem’

4.1.2 Morfemas gramaticais (ou funcionais)

Os morfemas gramaticais (ou funcionais) ocorrem sempre afixados a uma raiz, radical ou base. Seu significado funcional só é possível no contexto linguístico, uma vez que seus significados são abstratos como ‘possessivo’, ‘durativo’, ‘irrealis’, entre outros. Por exemplo:

9)

a) *-mo* ‘irrealis’

mbih-ó-po-ti-mo

1/ir-VT-DESLC-DUR-IRR

‘Eu vou embora.’

b) *-vo* ‘reflexivo’

∅=ahík-o-vo-ti

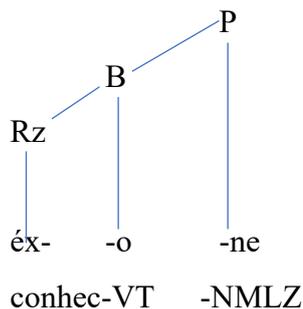
3=tomar banho-VT-REFL-DUR

‘Ele está (se) banhando.’

4.2 Base

Segundo Rocha (2003, p. 100), “[b]ase é uma sequência fônica recorrente, a partir da qual se forma uma nova palavra, ou através da qual se constata que uma palavra é morfologicamente complexa.”. Ela funciona como uma locução nominal, predicação nominal ou predicação verbal e pode ser composta de prefixos, como ocorre nos verbos: *a-* ‘potencial’ ou *ko-* ‘causativo’. Em uma base nominal inteira é a unidade à qual o possuidor proclítico está anexado e à qual os sufixos plural, locativo e outros são anexados. No processo de derivação, a partir da base (B) resultará em um produto (P).

10)



‘Conhecimento’

11) Quando a raiz coincide com a base em sua forma mínima

a) [raiz]_{base}

kalivono

‘criança’

b) [raiz/base]-suf]_{produto}

[kalivono]-yaa]_{produto}

criança-COL

‘criançada’

4.2.1 Radicais simples e compostos

Radical simples ocorre de forma independente, sem necessidade de afixo ou minimamente para formar a palavra mínima.

12)

a) [raiz/base]

karápe

‘Baixo’

b) [raiz]-suf]_{Radical}

[karápe]-x-o]_{Radical}

baixo-VBLZ-VT

‘Agachar’

Os radicais complexos ocorrem com a formação de uma raiz com afixação de morfemas do tipo incorporação nominal, classificadores, entre outros, que resultará um significado novo.

13)

a) radical complexo com classificadores

[raiz]_N]-CL]_N]_{Radical}

∅=opé-pu'i

3=osso-CL:redondo

‘O crânio dele.’

b) radical complexo com incorporação

[[raiz-]v]-incorporação]-sufixos]Radical

ngipo-none-o-vo

1/lavar-face-VT-REFL

‘Eu lavei o (meu) rosto.’

4.3 Afixos

Os afixos podem preceder (prefixos) ou seguir uma raiz (sufixos). Em Terena, há uma quantidade menor de prefixos em relação aos sufixos. Ambos, por sua vez, ocorrem tanto em nomes quanto em verbos. Como exemplo, expomos, a seguir, os Quadros 14, 15 e 16:

Quadro 14 – Prefixos que ocorrem em nomes e verbos

Prefixos	Significado
a- (~o-)	Potencial (cf. 6.4.10.2.3)
ka- (~ ko-)	Causativo (cf. 6.4.10.6.1)
ra-	DEM (cf. 5.4) e Foco presencial (cf. 7.1)
ne-	DEM (cf. 5.4) e Foco distante (cf. 7.1)

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 15 – Sufixos que ocorrem em nomes e verbos

Sufixos	Significado
-a (~i)	Possessivo irregular (cf. 6.3.3.4)
-e	Não posse (cf. 6.3.3.3)
-eo (-ea ~ -iyea ~ -iyeo~ -'iyea~ -'iyeo)	1/3.Refencial (temporal, assertivo, instrumental) (cf. 6.4.10.7)
-heix (cf. -ix)	durativo/repetitivo (cf. 6.4.10.1.5)
-hiko	Pluralizador (cf. 5.9)
-hi	Pejorativo (cf. 6.4.10.14)
i-...-a	Possessivo irregular (cf. 6.3.3.4.3)
-ii (~ -iyii ~ -'iyii)	2.Refencial (temporal, assertivo, instrumental) (cf. 6.4.10.7)
-ikene	Vazio (cf. Quadro 29)
-iko	Inconcluso (cf. 6.4.10.1.4)
-ikopo	Propósito (cf. 6.4.10.9)
-inovo	Afetivo (cf. 6.4.10.2.3.1)
-ino	Pressuposição (cf. 6.4.10.3.3)
-ino (~ ina)	Benefactivo (cf. 6.4.10.15 e 6.4.10.6.4)
-ix (cf. -heix)	Durativo/repetitivo (cf. 6.4.10.1.5)
-k. (cf. -x)	Verbalizador (cf. 6.3.4.4)
-ke	Posposição (cf. 6.3.4.5)
-ke	Nominalização verbos transitivos (cf. 6.4.10.16)
-kena	Habitual/Repetitivo (cf. 6.4.10.1.2))
-kene (cf. -tíkene)	Distanciamento centrípeta (para dentro) (cf. 5.4.1.1)
-ko	Nominalizador para verbos descritivos (cf. 6.4.10.16)

-koko	Recíproco (cf. 6.4.10.6.6)
-kono	Passivizador (cf. 6.4.10.6.5)

Sufixos	Significado
-kono	Distanciamento não vivos (cf. 5.4.1.1)
-konoxo	Distanciamento seres vivos (cf. 5.4.1.1)
-ku	Iterativo (cf. 6.4.10.1.2)
-ku	Nominalizador (cf. -u) (cf. 6.4.10.16)
-maka	Da mesma forma, também, semelhante (cf. 6.4.10.10)
-mea	Incerteza (cf. 6.4.10.2.1)
-meku	Concluso / não recente (cf. 6.4.10.1.12)
-mo	Irrealis (cf. 6.4.10.2.2)
-na	Alienável (cf. 6.3.3.2)
-ne	Concluso (cf. 6.4.10.1.11)
-ne	Posse enfática (cf. 6.3.3.3.4)
-neekene	Incoativo (cf. 6.4.10.1.8)
-ni (~-ni'i)	Desiderativo (cf. 6.4.10.2.8)
-noe	Plural (cf. 5.9)
-o	Vogal Temática (cf. 6.3.4.4)
-pe	Nominalizador de verbos intransitivos (cf. 6.4.10.16)
-pepo	Inferencial (visual) (cf. 6.4.10.3.2)
-pera (~-pe)	Suposição (visual) (cf. 6.4.10.2.1)
-pini	Esquecimento ou Dúvida (cf. 6.4.10.12)
-po (~-pa ~-p)	Reiterativo (cf. 6.4.10.1.7)
-pono (~-pon ~-po)	Deslocamento (em direção a) (cf. 6.4.10.8)
-ti	Durativo (cf. 6.4.10.1.3)
-ti	Não Específico (impessoal) (cf. 6.3.3.2)
-ti	Nominalizador (cf. 6.4.10.16)
-tikene	Distanciamento centrífuga (para lá) (cf. 5.4.1.1)
-vo (~-pu)	Reflexivo (cf. 6.4.10.2.3.1)
-x (cf. -k)	Verbalizador (cf. 6.3.4.4)
-xapa	Coletivo (cf. 6.3.4.2)
-xu	Habitual (cf. 6.4.10.1.6)
-ovo (~-vo)	Inceptivo (cf. 6.4.10.1.9)
-oxo	Intensidade (cf. 6.4.10.11)
-ye	Transitório (cf. 6.4.8.2)
-(V)ye	Pergunta (cf. 7.1.1.6.2)

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 16 – Clíticos que ocorrem em nomes e verbos

Clíticos (cf. 4.1)	Significado
(traço nasal)	1ª Singular
y= (~ mudança da vogal)	2ª Singular
∅=	3ª Singular
v= (~ =ûti)	1ª Plural
y= =noe (~mudança de vogal + =noe)	2ª Plural
∅= (-hiko)	3ª Plural
=nu (~=no~=na)	1O
=pi (~=pe)	2O
=a	3O
=(V)vi	1PL.O
=pi-noe	2PL.O
=a-hiko	3PL.O
ra=	DEM (cf. 5.4)
ne=	DEM (cf. 5.4)

Fonte: Dados da pesquisa.

5 CLASSES FECHADAS

5.1 Clíticos

Os clíticos pessoais em Terena não ocorrem como morfemas independentes, mas como elementos clíticos, ou seja, por afixos, tanto prefixos como sufixos e um suprafixo manifestado pelo suprasegmento nasal. Esses morfemas ocorrem presos ao nome, ao verbo e, inclusive, aos advérbios.

Não há, nessa língua, distinção entre pessoais e possessivos, visto que os morfemas são os mesmos. Em Terena, podemos observar mudança morfofonológica nos casos de primeira pessoa do singular, ou seja, há um traço nasal que percorre a palavra e, ao encontrar as oclusivas surdas [p], [t], [k], ou as fricativas surdas [s], [ʃ], [h], as pré-nasalizam e sua sonoridade é alterada para sonora, como visto previamente na Seção 3. Quando o traço não encontra seu lugar de pouso, há a nasalização de toda a palavra, como para a palavra [ēno] ‘mãe’ ou ‘mãe dele’, ao flexionar para a primeira pessoa, temos [ēñõ], que ortograficamente será representado com o acréscimo de uma nasal no final da palavra, por exemplo, *ênom*.¹⁵

Quadro 17 – Clíticos pessoais

Pessoa e número	Prefixo Codifica (A=S) Nominativo	Sufixo Codifica (O) Acusativo
1SG	[+NASAL]	=nu
2SG	y= ou <i> ou <e>	=pi
3SG	∅-	=a
1PL	v-	=vi
2PL	y= -noe ou <i> ou <e> -noe	=pi -noe
3PL	∅- -hiko	=a -hiko

Fonte: Adaptada de Cardoso (2017, p. 64).

A posse realizada por meio dos clíticos ocorre semelhantemente aos clíticos pessoais nos verbos: quando cliticizados a um nome, tais morfemas tem o valor de posse.

¹⁵ Essa proposta ortográfica, feita na década de 1970, apresenta um problema de quebra do padrão silábico da língua Terena, visto que nessa língua não há coda consonantal. Além disso, cria-se um problema para os terena não falantes, uma vez que não é intuitivo saber que toda palavra deve ser nasalizada. Há também questões complexas, como em [āyo] <āyo> ‘irmã’ → [āyõ] <āyom> ‘minha irmã’ → [a'yõ+hiko]>[a'yõ+ŋgiko] <ayóngiko> ‘minhas irmãs’. Com isso, o não falante, além da dificuldade de compreender o espalhamento da nasal, tampouco compreende a ‘queda’ da nasal <m> e a mudança para <ng>, como foi atestado várias vezes nas escolas terenas durante nosso trabalho no Pibid Diversidade pelo curso de Licenciatura Intercultural, no ano de 2015, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

14)

a) Ø=tûi

3=rede

‘Rede dele’

b) ndúi

1/rede

‘Minha rede’

c) Ø=xovó'i

3=chapéu

‘Chapéu dele’

d) x<e>vó'i

<2>chapéu

‘Teu chapéu’

e) înikone

3=amigo

‘Amigo dele’

f) v-înikone

1PL=amigo

‘Nosso amigo’

Os clíticos também se afixam aos advérbios, como pode ser visto no exemplo a seguir:

15)

a) kóyeekune

‘sempre’

b) ngóyeekune

1/sempre

mbih-ea

1/ir-3.INF/POT

xoko

com

mbo'ínu

1/irmão

‘Eu sempre vou (na casa) com meu irmão.’

c) mbóhuxovo poké’exa-ke
 1/somente país-POSP
 ‘Somente eu estava no país dele.’

5.1.1 Singular

5.1.1.1 Primeira pessoa do singular

A primeira pessoa do singular¹⁶ ocorre a partir de mudanças morfofonológicas, como dito anteriormente. Tais mudanças são as seguintes: p > mb; t > nd; c, q ou k > ng; s > nz; h ou x > nj. Se comparados às outras línguas da família Arawak, o Terena é a única língua em que a primeira pessoa se manifesta pelo traço autossegmental de nasalidade. Por exemplo, em Parisi, tem-se *n-*(~ *no-*) (SILVA, G. R., 2013, p. 131), em Baure, *ni-* (DANIELSEN, 2007, p. 92-93), em Mehináku, *n-* (~*nu-*) (FELIPE, 2020, p. 102), em Tariana, *nu-* (AIKHENVALD, 2018, p. 24), Warekena of Xié, *nu-* (AIKHENVALD, 2018, p. 16).

Segundo Aikhenvald (2018, p. 17), há duas formas de primeiras pessoas do singular que dividem as línguas Arawak em ta-Arawak e nu-Arawak. Todas essas línguas são faladas na América do Sul e a autora afirma que essa divisão vem dos estudos pioneiros de Steinen (1886) sobre a família Arawak. Observando, sincronicamente, a língua Terena, é claro que essa forma suprasegmental da primeira pessoa vem dessa origem da prefixação *nu-* ~*n-* encontrada nas outras línguas Arawak. Em Terena, como pudemos descrever na Seção 3, o traço nasal é atraído pela consoante obstruente, mudando a sonoridade da consoante e fazendo surgir uma pré-nasal, por exemplo:

16)

		1ª pessoa
a) pít-h-o		mbít-h-o
3=ir-VT	→	1/ir-VT
‘Ele va.’		‘Eu fui.’

¹⁶ Tratamos, na Seção 3, sobre a questão da nasalidade em primeira pessoa.

34-36), ao afirmarem que “[...] as formas regulares da 2ª pessoa do singular se formam à base da terceira pessoa do singular que tem consoante ou i inicial. Substitui-se a vogal inicial que não seja i por outra vogal.”. Elas ainda acrescentam que “[...] na 2ª pessoa de um grupo reduzido de palavras, acrescenta-se a nova vogal (determinada pelas mesmas regras que foram notadas na 3) à forma da terceira pessoa.”. Arrolam, então, os seguintes exemplos: pâho ‘boca dele’ > peâho ‘tua boca’, tûti ‘cabeça dele’ > tiûti ‘tua cabeça’.

Os exemplos apresentados no Aprenda Terena II, páginas 35 e 36, considerados irregulares, fizeram-nos refletir sobre a possibilidade de estarmos diante de uma língua que, primeiramente, sofreu um processo de infixação sem perda da vogal da palavra na forma de terceira pessoa (ou seja, forma base). No entanto, devido às mudanças linguísticas, houve um processo de queda da vogal e nos parece estarmos diante de um processo de anteriorização e alçamento de vogal, mas, na verdade, foi apenas um processo de queda vocálica diante da infixação. As vogais de 2ª pessoa infixadas seguem a seguinte regra: quando a vogal da primeira sílaba for diferente de /i/, se infixa /i/ ou /e/ dependendo da vogal dessa sílaba, postulamos o seguinte:

/e/ e /u/ → <i>

forma inicial transitória final

kenóokino > k<i>enóokino > k<i>nóokino

/a/ e /o/ → <e>

forma inicial transitória final

iháxikea > ih<e>áxihea > ih<é>xihea

Nos exemplos a seguir podemos observar as ocorrências das infixações nos itens lexicais que tem, em suas sílabas iniciais, as vogais: [a], [o], [u]. Após a flexão, tem-se a ditongação devido à inserção da 2ª pessoa.

18)

	2ª pessoa
a) Ø=pâho	p<e>âho
3=boca	<2.S>boca
‘Boca dele.’	‘Tua boca.’

b) Ø=tâki 3=braço 'Braço dele.'	t<e>âki <2>braço 'Teu braço.'
c) ndôko 1/nuca 'Minha nuca.'	t<e>ôko <2>nuca 'Tua nuca.'
d) Ø=yôno 3=partir 'Ele partiu.'	y<e>ôno <2>partir 'Você partiu.'
e) Ø=tûti 3=cabeça 'Cabeça dele.'	t<i>ûti <2>cabeça 'Tua cabeça.'
f) Ø=nûvo 3=mastigar 'Ele mastiga.'	n<i>ûvo <2>mastigar 'Você mastiga.'

Os verbos irregulares, quando flexionados em 2ª pessoa, ao serem sufixados por morfemas verbais como, por exemplo, aspecto ou modo, sofrem uma monotongação, como podemos ver a seguir:

19)

a) Ø=yôno 3=viajar → 'Ele viajou'	y<e>ôno <2>viajar → 'Você viajou'	y<e>nô-ti <2>viajar-DUR 'Você está viajando'
b) Ø=nûvo 3=mastigar → 'Ele mastiga'	n<i>ûvo <2>martigar → 'Você mastiga.'	n<i>vo-tí-mo <2>mastigar-DUR-IRR 'Você mastigará'

Em uma palavra emprestada, como *lata-na*, ‘sua lata ou lata’, ao se infixar a 2ª pessoa tem-se o seguinte: *l<e>átana*, ‘tua lata’. Contudo, quando há um processo de derivação (verbalização), com a queda da vogal /a/; assim, teremos *l<e>ta-x-o-ti*, ‘tua lata está enchendo de algo’.

5.1.1.2.1 Padrões de inflexão dos clíticos

Percebemos que as palavras irregulares mantiveram a forma transitória, sem a queda da vogal e, com isso, poucas palavras se mantiveram ditongadas, algo que não é padrão na língua Terena.

Regra (1) para i.CV:

i.Ce, i.Cu > # i.C<i>

i.Ca, i.Co > # i.C<e>

20)

a) Ø=iháxi-k-o-a-ti-mo

3=chamar-VBLZ-VT-3O-DESC-IRR

‘Ele o chama.’

2ª pessoa

ih<é>xi-k-o-a-ti-mo

<2>chamar-VBLZ-VT-3O-DESC-IRR

‘Você o chama.’

b) ngo'aríne-ti

1/ser.doente-DESC

‘Eu estou doente.’

k<e>'aríne-ti

<2>ser.doente-DESC

‘Você está doente.’

Regra (2) é a seguinte:

Ce.CV, Cu.CV > C<i>.CV

Ca.CV, Co.CV > C<e>.CV

21)

a) Ø=kenókino ne-sêno

3=vir FOC.D-mulher

2ª pessoa

k<i>nókino

<2>vir

‘A mulher veio.’	‘Você veio.’
b) Ø=porexó-pe-a-ti-mo	p<e>re-x-ó-no-a-ti-mo
3=dar-2O=3O-DESC-IRR	<2>dar-VBLZ-VT=1O=3O-DESC-IRR
‘Ele vai dá-lo a você?’	‘Você vai dá-lo para mim?’

Regra (3) quando, na primeira ou nas demais sílabas, se tem a vogal /i/, a infixação ocorrerá na sílaba seguinte, com alguma destas vogais /a, e, o, u/:

Ci.Ce, Ci.Cu > Ci.C<i>

Ci.Ca, Ci.Co > Ci.C<e>

22)

a) pihô-ti	2ª pessoa pih<ê>-ti
3=ir-DESC	<2>ir-DESC
‘Ele vai?’	‘Você vai?’
b) Ø=kip-ó-heo-ti	kip<é>heo-ti
3=larvar-VT-CL:roupa-DUR	3=larvar<2>CL:roupa-DUR
‘Ele está lavando roupa.’	‘Você está lavando roupa.’

Ci.Ci.Ce, Ci.Ci.Cu > Ci.Ci.C<i>

Ci.Ci.Ca, Ci.Ci.Co > Ci.Ci.C<e>

23)

a) ínzika-x-o-vo	2ª pessoa íhik<e>-x-o-vo
1/estud-VBLZ-VT-REFL	<2>estud-VBLZ-VT-REFL
‘Eu estudo.’	‘Você estuda.’
b) Ø=simín-o Miranda-ke	simín<e>-ti-mo Miranda-ke
3=chegar-VT Miranda-POSP	chegar<2>-DESC-IRR Miranda-POSP
‘Ele chegou de Miranda.’	‘Ele chegará de Miranda.’

Quando o item lexical começar com uma vogal, independentemente do tipo de vogal, se prefixará o clítico de 2ª pessoa *y*.

24)

	2ª pessoa
a) Ø=okóvo	y=okóvo
3=esquecer	2=esquecer
‘Ele esqueceu’	‘Você esqueceu’
c) Ø=énovope	y=énovope
3=copo	2=copo
‘Copo dele’	‘O teu copo’

5.1.1.2.2 Formas irregulares da segunda pessoa

Processo irregular com relação à 2ª pessoa ocorre após a infixação *e*, com isso, a vogal [o] ou [u] da sílaba posterior se anterioriza ou ocorre um alçamento se a vogal for [e] ou [a]. Por exemplo:

25)

	2ª pessoa
a) Ø=xé'éxa	x<i>'íxa
3=filho	<2>filho
‘Filho dele.’	‘Teu filho.’
b) Ø=itútuko	it<i>tiko
3=bater	<2>bater
‘Ele bate.’	‘Você bate.’
c) Ø=yúpuririk-a-pu	y<i>piririko-vo-ti-mo
3=afogar-VT/POT-REFL	<2>afogar-REFL-DESC-IRR

‘Ele se afoga.’

‘Você se afogará.’

5.1.1.3 Terceira pessoa do singular

Em Terena, a diferença da primeira e segunda pessoa, com relação à terceira pessoa, é a não presença de um morfema visível específico, ou seja, a terceira pessoa tem um morfema vazio \emptyset sem manifestação fonética.

26) Verbo

a) \emptyset =orí-x-eo-koko

3=briga-VBLZ-1/3REF.TEMP-RECIP

‘Bateram um ao outro.’

v-orí-x-eo-koko

1PL=saber-VBLZ-1/3REF.TEMP-RECIP

‘Brigamos entre nós.’

b) \emptyset =piho-tí-mo

3=ir-DESC-IRR

‘Ele irá.’

mbiho-tí-mo

1/ir-DESC-IRR

‘Eu irei.’

27) Nome

a) nzíxo

1/vestido

‘Meu vestido.’

\emptyset =híxo

3=vestido

‘Vestido dela.’

b) ênom

1/mãe

‘Minha mãe.’

∅=êno

3=mãe

‘Mãe dele.’

êno ne-hóyeno

mãe DEM-homem

‘Mãe daquele homem.’

5.1.2 Plural

5.1.2.1 Primeira pessoa do plural

A primeira pessoa do plural em Terena ocorre com o acréscimo, no verbo ou no nome, de uma consoante *v-* no início da palavra sempre que iniciada por vogal. Contudo, quando a palavra não se inicia com a semivogal /y/ ou com qualquer outra vogal, acrescenta-se, após a palavra, o pronome de forma *ûti*, que é um pronome enfático, mas, nesse contexto, perde a função enfática para apenas indicar a primeira pessoa do plural.

Propomos que o morfema de 1ª pessoa do plural na língua Terena teria sido *wV- e que houve uma queda da vogal no processo de mudança linguística, mantendo-se apenas a consoante [w], usada ortograficamente como <v>. A língua, para a manutenção da marca de pessoa quando em palavras começadas com consoantes, utiliza a forma enfática *ûti*. Com isso, há uma quebra no paradigma de morfemas de pessoa, já que todos são clíticos. Essa é uma diferença particular da língua Terena em relação às outras línguas nu-Arawak (AIKHENVALD, 2018) em relação ao pronome de primeira pessoa do plural, como Paresi (*wi- ~wa- ~w-*), Tariana (*wa-*), Baure (*vi-*), Mehináku (*a- ~au-*). De alguma forma, a língua Terena não tem uma variante *vi- para ocorrer antes de palavras iniciadas em consoante. Diante do exposto, temos, nesse caso, a forma não enfática do pronome de primeira pessoa do plural.

28)

a) Ø= ínicone

3=amigo

‘Amigo dele’

v=ínicone

1PL=amigo

‘Nosso amigo’

b) inzu-kóko-ti kalívono

1/bater-RECIP-DUR criança

‘Eu estou batendo na criança.’

v=isu-kóko-ti kalívono

1PL=bater-RECIP-DUR criança

‘Nós estamos batendo na criança.’

29)

a) koyúho-iyea ûti

falar-1/3ASSRT 1PL

‘Nós (nos) falaremos!’

b) vane-x-ó-a ûti ra-mbola

venda-VBLZ-VT-3O 1PL DEM-bola

‘Nós compramos essa bola.’

5.1.2.1.1 Primeira pessoa do plural inclusiva

A forma da primeira pessoa do plural inclusiva ocorrerá com *ûti* e a presença do morfema pluralizador *-noe* sufixado ao verbo, como nos exemplos a seguir.

30)

a) nik-á-noe ûti

comer-VT/POT-PL 1PL

‘todos comemos’

- b) pih-o-hí koéne-noe úti
 ir-VT-PEJ AUX-PL 1PL
 ‘Todos fomos sem razão/rumo.’

5.1.2.2 Segunda pessoa do plural

A segunda pessoa do plural segue o padrão da forma do singular, ou seja, ocorre a mudança de vogais (e, u > i ou a, o > e). Soma-se a isso, ao final do verbo ou do nome, o morfema *-noe* ‘plural’, como nos exemplos abaixo.

31)

- a) Ø=pih-ó
 3=ir-VT
 ‘Ele vai/foi.’

pih<é>-noe
 <2>ir-PL
 ‘Vocês vão/foram.’

- b) Ø=énovo-ti úne
 3=beber-DUR água
 ‘Ele está bebendo água.’

yenóvo-ti-noe úne
 2=beber-DUR-PL água
 ‘Vocês estão bebendo água.’

Quando há o item de negação (ako, avo, hokô’o), assim como também a partícula interrogativa *na-*, o plural *-noe* é atraído por eles e, com isso, não há sufixação no verbo.

32)

- a) áko-noe pík<e>a
 EXIST.NEG-PL <2>ter.medo-3O
 ‘Vocês não têm medo dele.’

b) ná-noe y<é>no
 QU-PL <2>viajar
 ‘Para onde vocês viajam?’

c) aínapo-noe yákoe k<ê>e
 obrigado-PL 2=AUX <2>dizer
 ‘Você disse: Obrigado a vocês?’

5.1.2.3 Terceira pessoa do plural

Terena tem uma forma semelhante ao Paresi de marcar a terceira pessoa do plural. Segundo G. R. Silva (2013, p. 203), em uma situação S/A e O, a forma de marcar, em Paresi, é $\emptyset=...-ha$ ‘plural’. A mesma forma de circunfixação que ocorre em Paresi é a que encontramos em Terena, ou seja, $\emptyset=...-hiko$, sendo *-hiko* o morfema pluralizador.

33)

a) $\emptyset=íyo-hiko$
 3=dança-PL
 ‘Eles dançam.’

b) $\emptyset=ohópiko-hiko$ tiko-ti-hiko
 3=talhar-PL madeira-DUR-PL
 ‘Eles estão talhando as madeiras.’

5.2 Pronome objeto

Na língua Terena há uma diferença entre o pronome pessoal, que funciona na posição de sujeito, e aquele que opera na posição de objeto. Esses pronomes ocorrem sufixados ao verbo ou nome.

5.2.1 Singular

5.2.1.1 Primeira pessoa objeto

A primeira pessoa objeto em Terena é realizada pelo morfema *-nu* ao final do verbo ou nome. Os alomorfes ocorrem segundo a harmonização vocálica à esquerda em somatória ao morfema *=a* ‘terceira pessoa objeto (3O)’. Quando não há a presença do *-a*, a forma pronominal da primeira pessoa objeto será *=nu*, como pode ser visto no exemplo 34. Assim, tem-se: C¹⁷a-na=a ou Co-no=a; para as demais vogais que ocorram na palavra a forma será sempre *=nu*.

34)

a) ako Ø=íxa=nu
 EXIST.NEG 3=dizer=1O
 ‘Ele não me disse.’

b) Ø=poré-x-a=nu
 3=dar-VBLZ-VT/POT=1O
 ‘Ele me dá.’

35) Ca-na-a

a) p<e>ré-x-ina=na=a
 <2>dar-VBLZ-BENF=1O=3O
 ‘Dê-o para mim.’

b) y=ayé’e-k-ina=na=a
 2=avisar-VBLZ-BENF=1O=3O
 ‘Avisar-o para mim.’

36) Co=no=a

a) Ø=poré-x-o=no=a
 3=dar-VBLZ-VT=1O=3O
 ‘Deu-o para mim.’

¹⁷ C indica consoante

- b) éto'o-k-ino=no=a ne-Paulo
 avisar-VBLZ-BENF=1O=3O FOC.D-Paulo
 'Paulo avisou para mim.'

5.2.1.2 Segunda pessoa objeto

O morfema =*pi* é a forma de indicar a segunda pessoa objeto. O alomorfe =*pe* é condicionado pela presença do pronome de terceira pessoa =*a*.

37)

- a) ako ínja=pi
 EXIST.NEG 1/dizer=2O
 'Eu não te disse.'

- b) vanénjino=pi
 1/comprar=2O
 'Eu comprei para você.'

38)

- a) Ø=poré-x-o=pe=a
 3=dar-VBLZ-VT=2O=3O
 'Ele o deu para você.'

- b) mambú'i-k-ina=pe=a ra=típe
 1/despelar-VBLZ-BENF=2O=3O DEM=veado
 'Eu despelo aquele veado para você.'

5.2.1.3 Terceira pessoa objeto

O sufixo de terceira pessoa =*a* tem a função de objeto, como também a de correferencialidade com objeto da sentença principal.

39)

- a) *inzú-k-ino=a*
 1/matar-VBLZ-BENF=3O
 ‘Eu matei (em benefício) para ele.’
- b) *njo’ópeiye-a*
 1/passear=3O
 ‘Eu passeio com ele.’
- c) \emptyset =*ko’ítu-k-e-ino-a*
 3=trabalhar-VBLZ-?-BENF=3O
 ‘Ele trabalha para ele.’

40)

- a) *Miránda-ke* *yóno* *ne-Xuâum.*
 Miranda-POSP ir FOC.D-João
- \emptyset =*vanex-íno=a-ti* *nakáku* *Pêturu*
 3=comprar-BENF-3O-DESC arroz Pedro
 ‘João foi para Miranda, ele compra arroz para Pedro.’
- b) *anêko* *pore-x-íno-no-a-ti* *xúpu* *ne=hóyeno*
 alguém dar-VBLZ-BENF=1O=3O-DUR mandioca DEM=homem
 ‘Tem alguém que está dando mandioca por mim para aquele homem.’

5.2.2 *Plurais*

5.2.2.1 Primeira pessoa do plural objeto

O morfema *=ovi* (~ *=avi*) indica a primeira pessoa do plural objeto, sendo seu alomorfe condicionado de acordo com a vogal final do radical.

41)

- a) \emptyset =*kipóhe-ino=ovi*
 3=lavar roupa-BENF=1PL.O
 ‘Ele lava roupa para nós.’

- b) Ø=ox-inó'-ovi-ti
 3=tocar-BENF=1PL.O-DUR
 'Ele está tocando para nós.'

42)

- a) y=ayé'e-k-ina-avi
 2=cozinhar-VBLZ-BENF=1PL.O
 'Você cozinha para nós.'

- b) p<e>ré-x-a-avi úne
 <2>dar-VBLZ-VT/POT-1PL.O água
 'Você, nos dê água (dá-nos)!'

5.2.2.2 Segunda pessoa do plural objeto

O uso da segunda pessoa do plural objeto é realizado com o sufixo =*pi* (~ =*pe*), acrescido do sufixo pluralizador *-noe*.

43)

- a) ngixó=pi-noe
 1/dizer=2O-PL
 'Eu disse a vocês.'
- b) ngó'itu-k-e-ino-pi-noe
 1/trabalhar-VBLZ-?-BENF-2PL.O-PL
 'Eu trabalho para vocês.'

5.2.2.3 Terceira pessoa do plural objeto

A terceira pessoa do plural objeto ocorre com o acréscimo do sufixo *-a*, assim como na terceira pessoa do singular objeto, acrescido de *-hiko* na forma base do verbo.

44)

a) ngíxo=a-hiko

1/dizer=3O-PL

‘Eu disse para eles.’

b) ngó’itu-k-e-ino=a-ti-hiko

1/trabalhar-VBLZ-?-BENF=3O-DUR-PL

‘Eu estou trabalhando para eles.’

Em alguns casos específicos, parece existir um problema de ambiguidade que será desfeito no seu contexto de uso. Tal problema ocorre devido a *-hiko* pluralizar tanto A quanto O. Nesse caso, se ambos fossem pluralizados, teríamos o acréscimo do morfema de recíproco - *koko*.

45)

∅=isúko=a-hiko

3=bater=3O-PL

‘Ele bateu neles ou Eles bateram nele.’

5.3 Pronome enfático

Os pronomes enfáticos em Terena são livres e é possível inferir tal afirmação por entender que eles sejam o resultado de um processo histórico de cristalização, semelhantemente ao Paresi, segundo G. R. Silva (2013), e ao Baure, conforme Danielsen (2007). G. R. Silva (2013, p. 195) afirma que esses tipos de pronomes livres são “derivados diacronicamente da sufixação dos pronomes pessoais presos à partícula de foco (a)tyo.” Danielsen (2007, p. 319) aponta que, em Baure, “[o]s pronomes pessoais livres foram derivados dos clíticos por afixação do morfema -ti”. Dessa forma, é possível supor que tenha ocorrido um processo semelhante na língua Terena. Uma das diferenças que podemos apontar em relação ao Terena é com a terceira pessoa, já que, nessa língua, não há uma forma livre, a forma de ocorrência da ênfase é com a sufixação do morfema enfático *-ne*, como pode ser visto em 5.4. Diante disso, podemos propor o seguinte: *nu-ti> (n)uti> ûndi; *pi-ti> (p)iti>îti; *wu(i)-ti>wti>ûti. Contudo, apesar do processo de cristalização ser o mesmo, atualmente esse pronome livre se comporta como que estando em uma base verbal, pois quando em construções sintáticas, como os auxiliares e

existenciais (cf. 6.4.7 e 6.4.8), recebem morfemas verbais, o que nos leva a inferir que os pronomes enfáticos estejam em uma base copular verbal.

Quadro 18 – Pronomes enfáticos

Pessoas	Pronomes
Primeira Pessoa do Singular enfática	ûndi
Segunda Pessoa do Singular enfática	îti
Terceira Pessoa do Singular enfática	∅=...-ne
Primeira Pessoa do Plural enfática	ûti
Segunda Pessoa do Plural enfática	îtinœ
Terceira Pessoa do Plural enfática	∅=....-ne-hiko

Fonte: Dados da pesquisa.

46) Primeira pessoa

- a) undi-mo niko=a
 1ENF-IRR comer=3O
 ‘Sou eu quem vai comer.’

- b) undí-ne koyuhô=a
 1ENF-ENF dizer=3O
 ‘Foi eu mesmo que disse.’

47) Segunda pessoa

- a) îti niko=a
 2ENF comer=3O
 ‘É você que vai comer.’

- b) ití-ne isukó=nu
 2ENF-ENF bater=1O
 ‘Foi você mesmo quem bateu em mim.’

48) Terceira pessoa

- a) ∅=koyuhô=a-ne
 3=dizer-POT-ENF
 ‘Foi ele que o disse.’

b) \emptyset =háina ngíxo
 3=EXIST.NEG 1/falar
 ‘Não foi ele que falou comigo.’

49) Primeira pessoa do plural

a) \hat{u} ti-mo niko=a
 1ENF.PL-IRR comer=3O
 ‘Somos nós que vamos comê-la’.

b) pi' \hat{a} ti-mea ôra sím-ea \hat{u} ti
 dois- INCERT hora chegar-3.INF/POT 1PL
 ‘Acho que nós chegamos às duas horas.’

50) Segunda pessoa do plural

a) \hat{i} ti-noe niko=a
 2ENF-PL comer=3O
 ‘São vocês que a comem.’

b) \hat{i} ti-noe-mo niko-a
 2ENF-PL-IRR comer=3O
 ‘São vocês que comerão.’

51) Terceira pessoa do plural

\emptyset =yáko-a-ne-hiko
 3=dormir-3O-ENF-PL
 ‘Foram eles quem dormiram.’

5.4 Demonstrativos

Os demonstrativos em Terena antecedem o nome, ou seja, a pessoa orientada ao objeto, assim como um sistema dêitico, marca uma distância entre o falante e o objeto referido (BHAT, 2004, p. 140). De uma forma semelhante, Dixon (2010, p. 117) afirma que um demonstrativo é “um elemento gramatical, que pode ser utilizado – geralmente, acompanhado de um gesto – para assinalar uma entidade na situação comunicativa”. Em Terena, esse pronome

ocorre tanto na indicação espacial quanto temporal. Assim, temos dois tipos de demonstrativos: aqueles que ocorrem presos a um radical e os livres. As formas presas são: *ra=* ‘proximidade’ e *ne=* ‘distanciamento’. Também há as formas longas, que ocorrerão quanto estiverem na posição de núcleo do sintagma nominal, sendo estas *râ'a* e *nê'e*.

Pronome *ra=* é usado quando o falante tem proximidade com o referido.

52)

a) ínati ra=mâla
pesado DEM=mala
‘Esta mala é pesada. (quem está falando está próximo ao objeto)’

b) enepo ra=pi'aâti áinovo íningone.
ENF. DEM=dois ambos amigo
‘Todos os dois são meus amigos.’

c) uhápu'i ne=yikú-na
se.forte DEM=luz-POSS
‘Sua luz é forte (brilha muito).’

d) enepo ne=hóyeno poréxo=nu náranga.
TOP DEM-homem dar=1O laranja
‘Aquele homem me deu laranja.’

5.4.1 Formas longas do demonstrativo

As formas longas do demonstrativo (*râ'a* e *nê'e*) ocorrem em predicções não verbais. A predicção não verbal é “[...] em termos estruturais, orações que ou não possuem um verbo inteiramente ou que têm um verbo semanticamente vazio ou reduzido, que serve principalmente como um meio de indicar ao ouvinte que o núcleo do predicado é um elemento não verbal.” (OVERALL; VALLEJOS; GILDEA, 2018, p. 2).

Arrais e Galucio (2020, p. 158) nos mostram que esse tipo de predicção é formado a partir de três subtipos, a saber, “a zero cópula não verbal, uma cópula não flexionada, e a cópula verbal, a qual funciona como qualquer verbo”. Nesse contexto, encontramos em Terena uma cópula zero, uma vez ser possível observar que essas formas longas do demonstrativo (*râ'a*

e *ne'e*) estão sempre em uma posição argumental em uma sentença predicativa não verbal; como não há a presença de nenhuma cópula com conteúdo fonético, pode-se compreender que se esteja diante de uma cópula zero.

53)

a) p<i>píki-na rá'a
 <2>tambo DEM
 'Este é teu tambor?'

b) x<i>ûpa rá'a
 <2>madioca DEM
 'Esta é tua mandioca?'

c) Ø=hí'e rá'a
 3=capim DEM
 'Este é seu capim?'

54)

a) l<e>áta-na nê'e
 <2>lata.POSS DEM
 'Essa é tua lata?'

b) Ø=íngele nê'e
 3=inglês DEM
 'Esse é inglês. (Ele é inglês)'

5.4.1.1 Morfemas próprios dos demonstrativos *ra'a* e *ne'e*

Os morfemas de distanciamento *-tikene* e *-kene* só ocorrem com *ra'a*, mas *-kono* e *koxono* podem ocorrer tanto com *ra'a* como com *ne'e*. Os dois primeiros morfemas indicam um distanciamento em movimento, sendo *-tikene* relativo a um movimento de distanciamento (usaremos como CF 'centrífuga'), enquanto *-kene* indica uma aproximação do centro de fala (usaremos como CP 'centrípeto'), também carregando o sentido temporal. Os morfemas *-kono* e *-koxono* indicam um distanciamento do centro de referência, mas estagnado, *-kono* é utilizado

para coisas não vivas (usaremos para glosar esse morfema DIST1) e -koxono para seres vivos (usaremos para o glosar DIST2). Com a sufixação desses morfemas, o demonstrativo fica na forma curta, ou seja, *ra-* e *ne-*.

55)

a) enepo ra=kono káxe
 TOP DEM-DIST1 sol

‘O sol fica lá distante.’

b) enepo ra=koxono árunoe
 TOP DEM-DIST2 moça

‘Aquele moça parada lá (mostrando de quem está falando).’

56)

a) kutiya ra=kéne
 QU DEM-DIST.CP

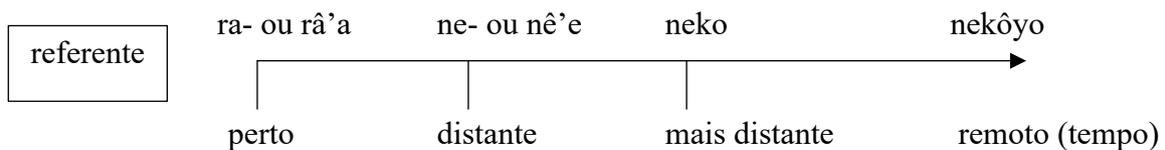
‘Quem é aquele que vem aproximando?’

b) kutiya ra-tikene
 QU DEM-DIST.CF

‘Quem é aquele que está distanciando?’

5.4.2 Os demonstrativos *neko* e *nekôyo*

Os demonstrativos *neko* e *nekôyo* ocorrem quando o distanciamento entre o falante e o referido é maior do que o percebido com o uso dos pronomes anteriormente apontados e ambos se referem a tempo e espaço.



57)

a) ako naí-nj-a=a neko mómi-ti sêno
 EXIST.NEG 1/ver-VT/POT=3O DEM cansar-NMLZ mulher
 ‘Eu não vi aquela mulher cansada.’

b) kótu-ti yaa-nekôyo
 Quente-PERF PERF-DEM
 ‘Estava quente naquele tempo.’

c) yaa neko káxe
 PERF DEM dia
 ‘Naquele dia (passado).’

d) nekôyo xúna-ti
 DEM.REM ser.forte-DESC
 ‘Naquele tempo era forte.’

5.5 Interjeições

Interjeições, segundo Trask (1993, p. 144), são “formas de palavra ou frase lexical que servem principalmente para expressar emoção e que normalmente não conseguem entrar em nenhuma estrutura sintática, como: *Ouch!* (Ai!), *Hooray!* (Viva!). *Yippee!*. *Damn!* (Droga!). *Shil!*, *My God!* (Meu Deus!)”.

Também é possível dizer que são palavras usadas com propósitos exclamativos específicos, como chamar alguém, gritar, expressar dor, surpresa ou outro tipo de sentimento. Em Terena, ainda há muito a ser levantado, principalmente relativo a fatores de gênero e idade, entre outros que nos parecem ter um papel na determinação do uso de tais palavras. Formalmente, em Terena as interjeições ocorrem como palavras isoladas, como *hém...* ‘Meu Deus!’, *yuí* ‘Caramba, imáko e pá ‘poxa!!’, *eêm* ‘Sim! É!’. Destaca-se que *yuí* é uma interjeição utilizada por mulheres.

58)

a) hém mani ongonu-k-o-a-ti ra-tope
 INTERJ quase 1/pisar-VBLZ-VT-3O-DESC DEM-espinho
 ‘Meu Deus! Quase pisei no espinho.’

b) yuí ipuhuko-vo-ti ra-kalivono
 INTERJ ser.bravo-REFL-DUR DEM-criança
 ‘Caramba! (como) esta criança é brava.’

c) pá iringo-vo-ne
 INTERJ 1/ficar.para.trás-REFL-COMPL
 ‘Poxa! Fiquei para trás’

d) imáko koeku ra-kalivono ako a-kuti-po
 INTERJ AUX-INTENS DEM-criança EXIST.NEG POT-ouvir-REF
 Poxa!!! Que criança que não ouve/escuta/obedece! (tipo criança rebelde)

e) únati itukóv-o-ke-ti ne-oye’ék-ea-ti
 ser.bom fazer-VT-NMLZ-N.ESP FOC.D-cozinhar-3.INF-DESC
 ‘Cozinhar é um bem de ser feito (trabalho).’

Resposta:

êm únati
 INTERJ ser.bom
 ‘Sim! é bom!’

Além dessas interjeições anteriormente apresentadas também há aquelas que funcionam como de ordem, do tipo: “Cuidado!”, “Vamos!” e “Força!”

59)

Nexipa ‘Cuidado!’
 Pihéne ‘Vamos!’
 Yaxuna ‘Força!’
 Hînga ‘Vamos!’

5.6 Partículas de discurso

No discurso, existem também algumas partículas que observamos serem usadas em Terena. Algumas dessas partículas de discurso são expressões analisáveis, mas semanticamente não transparentes. Partículas de discurso podem ser usadas em respostas de saudações, como *únati*, ‘está tudo bem!’. No entanto, esse item lexical, em outras situações, significa ‘estar.bem’, ‘ser.bom’, e, nesses casos, recebe morfemas flexionais.

Outra partícula muito utilizada na língua é *ina*, que traduzimos como ‘veja’ ou, então, ‘olha’. Entendemos que essa partícula talvez não signifique exatamente isso, mas, como dito anteriormente, é semanticamente transparente e apesar disso, quando na sentença, alguns morfemas são atraídos por esse item, como, por exemplo, pelo morfema *-hi* ‘reportativo’. Ainda, encontramos as partículas: *nakeyeye* ‘olá, bom dia’, *ainapo yakoe* ‘obrigado’, *kutiyane* ‘o quê? (como resposta de algo não compreendido, não ouvido...), *auhepe kêku* ‘felicidades!’.

60)

a) *únati* *kaxe*
 ser.bom dia
 ‘Bom dia!’
 Resposta:
únati
 ‘Bom!’

61)

a) <i>unáti-po-ne-mo</i>	<i>v-ápe-iyea</i>	<i>vo'óku-ke</i>
estar.bem-REFL-CONCL-IRR	1PL-AUX-INF	CONJ-LOC
<i>ra-êno</i>	<i>ha'i tikóti</i>	
FOC-INT	fruta árvore	
‘Nós vamos ficar bem novamente por termos muitas árvores frutíferas.’		

62)

a) ína-hi kôe neko koéxoe
 PART.D-REPOR dizer passado cobra
 ‘Veja, a cobra disse naquele tempo’

b) ina-mo píh-a ne-Xuâum
 PART.D-IRR ir-VT/POT FOC.D João
 ‘Então, é o João que vai!’

Os palavrões ou xingamentos são outras formas de interjeições que ocorrem em todas as línguas, contudo, é preciso estudar a dimensão semântica do uso dessas palavras na língua Terena, bem como verificar se tais palavras têm conotações somente negativas ou se podem funcionar como na língua portuguesa, em situações de fala que não sejam negativas, como ‘Putá merda, você passou no vestibular!!!’. Até o momento, temos apenas palavras no sentido negativo, como as que se seguem: tamuku, significando ‘cachorro’; kure, para ‘porco’; yôpe, ‘seu osso’; tapi'i, ‘galinha’; e murika, ‘burro’.

5.7 Palavras onomatopeicas

Palavras onomatopeicas, segundo Sharp e Warren (1994, p. 439), “são consideradas expressões denotativas descritivas em que há uma conexão entre a forma acústica da palavra e seu *denotatum*”¹⁸ (tradução nossa). No entanto, a semelhança acústica não pode ser toda a história, uma vez que as palavras onomatopeicas nem sempre se referem a sons. Existem várias palavras ou raízes onomatopeicas, a maioria das quais se refere a nomes e ruídos de animais. A maioria são nomes. Além disso, existem algumas raízes verbais, nesses casos sempre associando-se ao ato e à produção sonora, por exemplo, o verbo bater com pau.

Em Terena, em outras classes de palavras não encontramos onomatopeias. Os nomes de animais mais comuns de ocorrência onomatopeicas são aqueles relacionados aos nomes de pássaros, pois há uma comparação dos sons emitidos pelos pássaros e aqueles captados pela audição e interpretados pela fonologia. Em geral, as sílabas já reconhecidas na língua falada se assemelham aos sons que os pássaros fazem, geralmente reduplicados, como *karákara*, ‘tipo de pássaro – maritaca’, ou *kerékere*, ‘Tipo de pássaro – pardal’, entre outros.

¹⁸ “Onomatopoeic words are considered to be descriptive denoting expressions in that there is a connection between the acoustic form of the word and its denotatum.” (SHARP; WARREN, 1994, p. 439).

Não observamos, nos itens levantados, algo estranho à fonologia da língua Terena, a fim de notar se houve empréstimos de outra(s) língua(s). Segue um quadro de palavras onomatopeicas.

Quadro 19 – Palavras onomatopeicas

Palavras onomatopeicas: nomes de pássaros	
aká'aka	Tipo de ave (popular: frango d'água)
heu'ihéu'i	Tipo de pássaro (popular: alma de gato)
ilí'ili	Tipo de gaviãozinho
karákara ou karakará	Tipo de pássaro (popular: maritaca)
kerékere	Tipo de pássaro (popular: pardal)
pixápixa	Tipo de pássaro
táutau	Tipo de pássaro (popular: quero-quero)
tómutomu	Tipo de pássaro marrom
tútu	Tipo de pássaro azulado
xáuxau	Tipo de pássaro
xirixíri	Tipo de pássaro (popular: cantador)
xiuxiu	Tipo de pássaro
xúxu	Tipo de pássaro

Fonte: Dados da pesquisa.

Também encontramos onomatopeia em palavras como *hóroroko* ‘cachoeira’, ou *korókoko*, ‘gargalhada’, *verekeke*, ‘tipo de sapo’, *xikixikina*, ‘chacoalho’, entre outros.

Ao mesmo tempo em que estamos tratando de formas onomatopeicas, não é possível deixarmos de tratar esses itens como um tipo de **reduplicação inerente**, ou seja, as raízes nominais que levantamos envolvem a repetição de segmentos fonológicos, cujos significados não possibilitam identificação a partir de uma forma simples, não reduplicada.

Van der Voort e Gómez (2014, p. 4), ao abordarem sobre a reduplicação inerente, afirmam que

[...] muitos idiomas têm tipos improdutivos de reduplicação que não podem ser relacionados às formas não reduplicadas. Isso também é conhecido como reduplicação inerente ou lexical e é vista especialmente em formas onomatopaicas, ou de outras representações simbólicas. (tradução nossa).¹⁹

A reduplicação de partes da raiz ou da raiz completa está lexicalizada, além de a encontrarmos em nomes de animais ou outros (cf. Quadro 19). Ademais da reduplicação de toda a palavra, há muitos casos de reduplicação apenas da sílaba final, como *váhaha*, para ‘aranha’, *vétekeke*, para ‘jaracé’, *víhihi*, para ‘tipo de pato pequeno’, e *vitête*, para ‘morcego’.

¹⁹ “Many languages have unproductive types of reduplication that cannot be related to non-reduplicated forms. This is also known as inherent or lexical reduplication and is seen especially in onomatopoeic, or in other ways symbolic forms.” (VAN DER VOORT; GÓMEZ, 2014, p. 4).

Também podem marcar intensidade (cf. 64). O processo de marcar verbos de intensidade por reduplicação não é totalmente produtivo.

63)

xakaxáka	‘tipo de peixe’
xulixuli	‘mel’
vákavaka	‘borboletinhas ou mariposas’
tanánapi	‘chacoalhar todo o corpo / tremer’
tanánapu’i	‘chacoalhar a cabeça/ balançar’

64)

a) \emptyset =namu’ñamu’-kixo-a
 3=pegar-INTENS-AUX.TR-3O
 ‘Ele o pegou de surpresa.’

b) \emptyset =topí’-topi \emptyset =kixo-a (transitivo)
 3=corte-INTENS 3=AUX.TR-3O
 ‘Ele o cortou muito.’

5.8 Marcadores de plural, coletivo e quantificadores

De acordo com Sanches-Mendes, Gomes e Julio (2020, p. 384), “na ausência de marcadores de número como demonstrativos, recíprocos ou quantificadores, as frases nominais em Terena podem ser interpretadas como singular ou plural”, mas a forma de marcação mais comum é com *-hiko*, podendo algumas vezes ocorrer com *-noe* (que é o marcador básico de plural para a segunda pessoa); para esses casos, o singular e o plural podem ser distinguidos, sendo o singular a forma não marcada.

Os nomes não possuídos podem ser pluralizados, assim como os possuídos. Além disso, também os verbos nominalizados são pluralizados exatamente da mesma maneira que os nomes não derivados. É importante salientar que Sanches-Mendes, Gomes e Julio (2020), em seu artigo, destacam que *-hiko* se comporta diferentemente da forma de plural que ocorre em português ou em inglês com o marcador *-s*, pois esse pluralizador nessas línguas só ocorre com nomes e adjetivos, diferentemente de *-hiko*, como se verá mais adiante, que pode ocorrer em

vários outros lugares da frase. Tanto no artigo supracitado quanto na dissertação de Julio (2018) é discutido o deslocamento desse morfema dentro da frase, como pode ser visto a seguir.

65) Dados extraídos de Júlio (2018, p. 79), com segmentação feita por nós:

a) tetuke-x-o-ti naum vaka ne-seno-hiko
 corta-VBLZ-VT-DESC carne vaca DEM-mulher-PL
 ‘Estas mulheres cortaram a carne de vaca.’

b) tetuke-x-o-ti naum vaka-hiko ne-seno
 corta-VBLZ-VT-DESC carne vaca-PL DEM-mulher
 ‘Estas mulheres cortaram a carne de vaca.’

c) tetuke-x-o-ti naum-hiko vaka ne-seno
 corta-VBLZ-VT-DESC carne-PL vaca DEM-mulher
 ‘Estas mulheres cortaram a carne de vaca.’

c) tetuke-x-o-ti-hiko naum vaka ne-seno
 corta-VBLZ-VT-DESC-PL carne vaca DEM-mulher
 ‘Estas mulheres cortaram a carne de vaca.’

O morfema *-hiko* possui múltiplas funções que, segundo Sanches-Mendes, Gomes e Julio (2020), são comuns em línguas aglutinantes (2020). Com isso, os autores afirmam que

[o] morfema livre *-hiko* em Terena também é um “multitarefa”. Além de seu papel como um marcador de plural nominal (número), *-hiko* também funciona como o pronome argumental de 3ª pessoa do plural (2a) e o pronome possessivo de 3ª pessoa do plural (2b).²⁰ (SANCHES-MENDES; GOMES; JULIO, 2020, p. 385, tradução nossa).

Assim exemplificam com o seguinte:

²⁰ “The free morpheme *-hiko* in Terena is also a “multitasker”. Besides its role as a nominal (number) plural marker, *-hiko* also functions as the argumental 3rd person plural pronoun (2a) and 3rd person plural possessive pronoun (2b).” (SANCHES-MENDES; GOMES; JULIO, 2020, p. 385).

66)

a) nonjoa -hiko
 ver.1s -3PL
 ‘Eu os vejo’ (nossa tradução)

b) ha’a -hiko
 pai -3PL
 ‘Pai deles’ (nossa tradução)

Julio (2018) e Sanches-Mendes, Gomes e Julio (2020) discutem o papel de coletivizador que *-hiko* possui, enquanto Butler e Ekdhal (1979) destacam como coletivizadores os morfemas *-noe* e *-xapa*. Assim, os exemplos apresentados para esses dois últimos morfemas são: *kaliketi-noe*, ‘são do tipo pequenos’ (p. 27), *yokóyuhu-noe*, ‘falem’ (p. 160), *xúnati-noe* ne kalivôno, ‘as crianças são todas fortes’; para o morfema *-xapa*, apresentam o seguinte: *xe’éxa-xapa*, ‘os filhos dele’ (p. 89), *iyéno-xapa*, ‘os parentes dele’ (p. 153). Quando observamos os exemplos apresentados por Butler e Ekdhal (1979), notamos que ambos ocorrem em situações diferentes às apresentadas por Sanches-Mendes, Gomes e Julio (2020), visto que *-noe* ocorre com verbos, enquanto *-xapa* sempre está relacionado a itens lexicais de parentesco.

-hiko, como coletivizador,²¹ ocorre em nomes massivos, segundo Julio (2018) e Sanches-Mendes, Gomes e Julio (2020), como é possível verificar nos exemplos a seguir:

67) exemplos do trabalho de Julio (2018, p. 88-89, exemplo 35):

a) vanejoa ne râmoko -hiko
 comprar-1s DET farinha -PL
 ‘Eu comprei pacotes de farinhas.’ (Lit. ‘Eu comprei farinhas (em pacotes)’)

b) nonjoa úne -hiko
 ver.1s água -PL
 ‘Eu vi as águas.’ (contexto: muitas porções de água no Pantanal)

(65) exemplo apresentado por Sanches-Mendes, Gomes e Julio (2020, p. 387-388, exemplo 4)

a) nonjoa hapátuna-hiko
 ver-1s sapato-PL
 ‘Eu vi um conjunto de sapatos.’ (nossa tradução)

²¹ Em nossos dados, optamos por glosar quando a ideia de coletivizador ocorrer como coletivo, doravante COL; quando a ideia de pluralizador ocorrer, teremos plural, doravante PL.

5.9 Quantificadores

Os quantificadores, segundo Schachter (2007, p. 37), ocorrem junto aos nomes como modificadores, os quais indicam quantidade. Payne (1997, p. 63) os entende como quantificadores não numerais, uma vez que esses quantificadores são aqueles que incluem itens como muito, poucos, alguns, toneladas etc. Para o Terena, segundo Sanches-Mendes, Gomes e Julio (2020), há apenas um tipo de quantificador, que se refere ao conceito de ‘muito’ ou ‘bastante’, *êno*. Contudo, consideramos também a existência do quantificador de pouca quantidade *kali*, como veremos abaixo. O *êno* ocorre sempre modificando o nome, por exemplo:

68)

a) êno xané-yaa
 QUANT ser.gente-LOC
 ‘Tem muita gente lá.’

b) êno íti yaa
 QUANT sangue LOC
 ‘Tem muito sangue lá (longe).’

O quantificador *êno* também pode ser sufixado pelos morfemas flexionais *-hiko*, ‘pluralizador ou coletivizador’, *-nini*, ‘aspecto inconcluso’, *-ne*, ‘aspecto concluso’, *-hi*, ‘reportativo’, entre outros.

69)

a) enó-hiko hóyeno-hiko yaa
 QUANT-COL homem-PL lá
 ‘Tem muitos homens lá (longe).’

b) oye’é-k-o-hi ra-árunoe enó-hi ayuí-ti
 cozinhar-VBLZ-VT-REP FOC-moça QUANT-REP fazer.festa-N.ESP
 ‘Fizeram muita festa, quando a moça cozinhou.’

c) êm enó-ne

PART.D QUANT-CONCL

‘Sim, já tem bastante.’

Outro morfema quantificador que encontramos na língua Terena é o *kali*, que indica menor quantidade, ou seja, ‘pouco’. Em certos contextos, também tem o significado de diminutivo (cf. 71), podendo ocorrer na forma *kaliha*, ‘uma quantidade bem pequena’; é possível que *-ha* indicasse um tipo de intensificador, contudo, não existem outras palavras que terminem em *-há* e, com isso, consideramos que esta seja uma forma cristalizada.

70)

a) yayé'e-k-ina-nu kali nîng-a
 2=cozinha-VBLZ-BENF/POT-1O QUANT 1/comer-VT/POT
 ‘Você cozinhe para mim, para eu comer.’

b) ápe koe-ku-ti kali karéuke kali râmoko
 EXIST.AFIR AUX.NMLZ-DESC QUANT feijão QUANT farinha

énomone ovô ra-mbâriti-na-ke
 PART.D colocar FOC-1/balde-POSS-POSP

‘Quando tenho pouco de feijão, pouco de farinha eu coloco no meu bande.’

A seguir estão alguns exemplos do uso de *kali* com significado de diminutivo.

71)

a) kali mbóla râ'a
 pequeno bola DEM
 ‘Está é uma bola pequena’

b) áko-yea-ne ínjuk-a ra-kali mbepéke-na
 EXIT.NEG-INF-CONCL 1/tocar-VT/POT FOC-DIM 1/tabor-POSS
 ‘Agora eu não gosto de tocar o meu tamborzinho.’

Por fim, o morfema *-noe*, que é o indicador de pluralidade da segunda pessoa, em certos contextos indica coletivo ou totalidade, contudo, falta-nos explorar mais as ocorrências de *-noe* no uso da língua.

72) *-noe* como pluralizador da segunda pessoa

a) áko-noe pîh<e>a
 EXIT.NEG-PL ir<2>VT/POT
 ‘Vocês não foram.’

b) ápe-noe t<î>keti-na enapo-ra
 EXIST.AFIR-PL <2>dinheiro-POSS TOP-DEM

tiûketi ndiûketi-na
 dinheiro 1/dinheiro-POSS
 ‘Vocês têm dinheiro, esse dinheiro é meu!’

73) *-noe* como coletivizador ou totalizador

a) ainovo kaliso-ti-noe ne-tôpe
 todos ser.fino-DESC-COL DEM-agulha
 ‘Todas estas agulhas são finas.’

b) xúna-ti-noe ne-kalivôno
 ser.forte-DESC-COL FOC.D-criança
 ‘(Todas) As crianças são fortes.’

5.10 Numerais

A numeração em Terena ocorre com base ternária. Nesse sentido, Julio (2018, p. 77) afirma que

[...] o sistema de numerais cardinais (“um”, “dois”, “três”, e assim por diante) tem morfemas nativos (isto é, não emprestados) somente até “três”; os números iguais ou maiores que quatro são empréstimos do português e apresentam um constituinte a mais, o verbo auxiliar koeti.

Assim, temos os seguintes números:

74) números étnicos

púhuti	1
pi'âti	2
mapo'âti	3

75) número emprestados

kuaturu koeti	4
singú koeti	5
seí koeti	6
seti koeti	7
oitú koeti	8
nove koeti	9
yehí koeti	10

Como é possível observar, os números podem receber morfemas verbais, como ocorrem com os verbos auxiliares e as partículas de discurso.

76)

a) vintí'-koe-tí-mea	kalivôno	nza'íneinovo
vinte-AUX-DESC-INCERT	criança	1/companheiro

v-íhika-x-eo-vo

1PL-estuda-VBLZ-INF-REFL

'Éramos talvez vinte colegas quando estudávamos.'

b) pi'âti	mopo'âti	mbáxeru	índuke
dois	três	baixeiro	1/pertence

motóv-a	vané-nj-a	pi'âti	ngo'ítukepe	póhuti
poder-POT	1/compra-VBLZ-3O	dois	1/utensílio	somente

'Dois ou três baixeiros que me pertence, eu posso comprar somente dois utensílios.'

5.11 Conjunção

As conjunções, segundo Shopen (2014, p. 63), “são palavras que se usam para conectar palavras, frases ou orações. Normalmente, se distinguem duas classes gerais de conjunções, as coordenadas e as subordinadas.” (nossa tradução).²²

A coordenativa une os constituintes de um mesmo valor gramatical; enquanto a subordinativa faz com que os elementos se relacionem gramaticalmente um com o outro. Ilari (2015, p. 311) apresenta algumas ideias sobre conjunções, a saber: 1) podem ser vistas como palavras dotadas de uma função conectiva: “[...] essa característica bastaria para distinguir as conjunções de outro tipo de conectivo.”; 2) a conjunção típica é externa às sentenças que conecta, “no sentido de que não desempenha nelas qualquer função definida pela estrutura gramatical dessas sentenças.”; 3) a conjunção é aquela que tem um papel definido de marcar a subordinação e a coordenação; por fim, 4) são os conectivos que introduzem, em integrantes e circunstanciais, as sentenças.

Em Terena, podemos compreender realmente algumas dessas funções, mas ainda é necessário um estudo mais aprofundado sobre as conjunções nessa língua.

Encontramos as seguintes conjunções:

Quadro 20 – Conjunções

aditiva	yoko
adversativa	itea
adversativa	kene
aditiva	enemone
causativa	koahati ‘pq, por causa de
causativa	vo’ókuke porque, por causa de
conclusiva	ina
consecutiva	epó’oxo
concessiva	mará’inamo
modal	kútea / kuti- ‘como’

Fonte: Dados da pesquisa.

5.11.1 Conjunção yoko

Yoko pode ser usado para coordenar partes da oração e parece ter uma função de conector de discurso. Nos demais casos, é possível verificar que está coordenando as orações.

²² “Las conjunciones son palabras que se usan para conectar palabras, frases o cláusulas. Habitualmente se distinguen dos clases generales de conjunciones, las coordinantes y las subordinantes.” (SHOPEN, 2014, p. 63).

77)

a) enepone	koixómoneti	ikó'ituke-x-o	kumá'a		
TOP	ajé	usar-VBLZ-VT	pinga		
vêla	ímokó'iuti úne	kipâhi	yoko	torôro	kôehati itâka
vela	água benzida	abanico	CONJ	muringa	nome de cocalho

‘O pajé usa pinga, velas, água benta, abanico e porunga.’ (Coleção itúkeovo têrenoe – O homem pajé, p. 11).

b) ivókov-o-ne	mbêyo	tamúku	yoko	koâti	exoti
morrer-VT-CONC	1/doméstico	cachorro	CONJ	certamente	treinado

kopíye	neko	mbêyo
tatu	passado	1/doméstico

‘Morreu meu cachorro e ele sabia caçar tatu.’

5.11.2 Conjunções itea e kene

As conjunções adversativas são descritas como *itea* e *kene* ‘mas, porém’. Segundo Butler e Ekdahl (1979, p. 77), *kene* carrega uma força de expressividade maior que *itea*, ou seja, é um tipo de conjunção adversativa enfática.

78) **itea**

a) itea	ka-há'i-ne	ako	êho	vo'oku	kâ'í
CONJ	CAUS-fruto-COMP	EXIST.NEG	resultado	CONJ	macaco

‘Mas (o bananal) deu fruto não colheu por causa do macaco.’ (Cartilha 8 - usando a cabeça “xâne iko'ítukexoti tûti”)

b) enepo	ra-yékoteno	ako-tôpi	ká'anána-ti	ako-tôpi
TOP	DEM-velho	inimigos	CAUS-inimigo-3	inimigo

éveti	nokonoku emo'úti	itea	akopíka	ina	kôe [...]
razão	denunciar	CONJ	não.ter.medo	CONJ	dizer

‘Este velho tinha muitos inimigos, que o denunciaram. Porém ele não tinha medo, então dizia [...]’ (Cartilha 8, p. 20 - Bom conselho ‘unati enekoti’)

79)

a) **kene**

yaa	neko	inúxoti	ápee	râmoko	kohépití
lá	começo	passado	EXIT.AFIR	farinha	ser.caro

kene	kó'oyene	ivóleo-po-ne
CONJ.ENF	atualmente	n.ser.inchado-REF-CONCL

‘No princípio quando tinha farinha era cara, mas agora ficou barata. (Ap. Terena II, p. 76).

b) enepo	ra-árunoe	mayane	purútuye	kene
TOP	DEM-moça	semelhante	não-indígena	CONJ.ENF

haina	purútuye
EXIST.NEG	não-indígena

‘Esta moça parece brasileira; mas não é brasileira.’ (Ap. Terena II, p. 76)’

5.11.3 Conjunção enemone

A conjunção *enemone* carrega o sentido de causa-efeito e pode vir em construções justapostas, tendo valor causal explicativo. Nesse sentido, é uma conjunção coordenada.

80)

a) enepone-itâka	énomone	iháxik-ea	ne-∅=ixómone
TOP purunga	CONJ	chamar-3.REF.PASS	FOC.D-3=espírito

‘Com a purunga ele (pajé) chamou, então invoca o seu poder.’ (Coleção Itúkeovo têreno - O homem pajé ‘koixómoneti hôyeno, p. 14)

b) enepone inúxo-ti inikone énomone nox-ô=a
 TOP ser.primeiro-DESC amigo CONJ predizer-VT=3O

xuná-ko ne-kalivôno
 ser.forte-NMLZ FOC.D-criança

‘Seus primeiros amigos foram aqueles que viram sua força sem sentirem inveja.’²³

5.11.4 Conjunção *vo’ókuke*

A conjunção causal *vo’ókuke* ‘porque, por causa de’ é frequente. Em geral, conecta duas sentenças marcando uma delas como a causa do evento descrito na outra.

81)

a) hoko k<e>môhi pirítai **vo’ókuke**
 EXIT.NEG.IMP <2>brincar faca CONJ

râ’a ko’itúke-pe-ti
 DEM trabalhar-NMLZ-N.ESP

‘Não brinque com a faca porque é um instrumento de trabalho.’²⁴

b) ápe itúkoti kavâne itúkoti êno pânana
 EXIST.AFIR trabalhador roça trabalhador muita banana

itea ka-há’i-ne ako
 CONJ CAUS-fruto-COMPL EXIST.NEG

êho **vo’oku** kâ’í
 resultado CONJ macaco

‘O trabalhador (roceiro) tem um bananal, (o bananal) deu fruto, porém não colheu por causa do macaco.’²⁵

²³ Fragmento da Coleção Itúkeovo Têrenoe – O menino forte ‘Kalivôno xunati’ (2019, p. 16).

²⁴ Fragmento da Cartilha 8- Kuri’kuri’kixo ake tiketi, ‘Não brinque com faca!’ - *Hoko kemoti pirítai*, 1960:03

²⁵ Cartilha 8- Kuri’kuri’kixo ake tiketi, ‘Usando a cabeça’ - *Xane iko’itukexoti tuti*, p. 15

c) eyexovo okovo neko koyonoti kavane
 ser.orgulhoso sentimento passado tomar.conta roça

vo'okuke neko omo-ti kopuhia'ikope-ti-hiko
 CONJ passado levar-DESC espingarda-N.ESP-PL

ako ita ka'i
 EXIST.NEG vencer macaco

'O vigia sentiu-se orgulhoso porque aqueles que levaram as espingardas não ganharam do macado.'

5.11.5 Conjunção *ina*

Conjunção de consequência *ina* é usada para dar segmento à sequência narrativa. Sempre é traduzida pelos Terena como 'então' em seus materiais didáticos.

82)

a) [...]

ituk-o okovo xâne-ya ímo-a xe'ó kavâne
 fazer-VT esqueleto gente-? colocar-3O ao lado roça

kenó'o-k-o kâ'i píko=a râ'a
 chegarVBLR-VT macaco ter.medo=3O desse

itea éxo-a-ne áko-yea itúk-a-pu xâne
 CONJ saber-3O-CONCL EXIST.NET-ANT fazer-VT/POT-REFL gente

ina pih-inô-a neko ipunéti píti
 CONJ ir-DIR-3O passado estatua negro

ihápa-none-a itopó kíxea ne-vô'u koane po'i vo'u **ina**
 luta-rosto-3O ? FOC.D-mão igual outra mão CONJ

okonú-k-o-a kutea-ne koêku vo'u
 chutar-VBLZ-VT-3O semelhantemente-CONCL teminou mãos
 ‘[...] (O homem) fez um espantalho e colocou na beira da roça. O macaco, vendo o espantalho, teve medo, mas quando percebeu que não era gente, foi na direção do espantalho (que é de cera). Deu um tapa na cara e ficou com a mão grudada, o mesmo ocorreu com a outra mão. Então, deu-lhe um chute e ocorreu o mesmo que as mãos, ficou grudado.’ (Cartilha 8 - Usando a cabeça “xâne iko’ítukexoti tûti”)

5.11.6 Conjunção epó’oxo

A conjunção consecutiva *epó’oxo*, quando em início de sentença, tem, além de um papel também de focalização, o papel de explicativa ou causal.

83)

a) enepone yuvo-k-eâ-ti ôriti exo-â-ti
 TOP atirar-VBLZ-REF.PASS-DESC dificuldade saber-3O-DESC

y=akahá’a y=ovóku hoko yuvo-hí kê
 2=POT/querer 2=lugar EXIST.NEG.IMP atirar-PERJ

epó’oxo hoko noixó kíxe pó’i-ti kopuhá’iko-pe-ti
 CONJ EXIST.NEG.IMP ver outro-N.ESP atirar-NMLZ-N.ESP

hoko namú kixêa itíki-vo yuvó-k-o-ti
 EXIST.NEG.IMP pegar AUX.TR imitar-REFL espingarda-VBLZ-VT-N.ESP
 ‘Não é qualquer pessoa que sabe atirar. Se você quiser atirar não faça imprudentemente. Ao ver a espingarda de alguém, não a pegue imitando como se fosse atirar.’²⁶

b) **epó’oxo** kaváne=a ra-hánde akóiyé ovoku ene hók-o
 CONJ roça=3O FOC-melancia CONJ habita NEG seguir-VT

‘Do mesmo modo que tem melancias compridas que dão para ser cobiçadas.’

²⁶ Cartilha 10, ‘As espingardas são perigosas’ - *kóimaiti nekopu há’ikopeti* (1960, p. 4).

c) enjoa	áko-iyea	omótovo	okovo	êno
PART.D	EXIST.NEG-INF	amar	sentimento	mãe
epó'oxo	áko-iyea	omótovo	okovo	há'a ²⁷
CONJ D	EXIST.NEG-INF	amar	sentimento	pai

'Sei que ama a mãe da mesma maneira que ama o pai.'

5.11.7 Conjunção mará'inamo

A conjunção temporal *mará'inamo* tem a função de ligar um novo evento que poderá ocorrer, com um sentido de incerteza. A possível presença de *-mo* na estrutura cristalizada desse item lexical pode ser devido à possível ocorrência de algo que ainda não ocorreu, ou seja, o *irrealis*.

84)

a) neix-a=a	ne-úne	mará'inamo	ávak-a-pu
ter.cuidado-VT=3.REF	DEM-água	CONJ	derramar-VT/POT-REFL/POT

'Cuidado com essa água, senão derrama.'

b) hoko	v<i>yô-a	ne-káneta
EXIST.NEG.IMP	<2>pegar-VT/POT	DEM-caneta

mará'inamo	k<e>isayu'i-x-a=a
CONJ	<2>estragar-VBLZ-VT/POT=3O

'Não pegue essa caneta, caso contrário você vai estragá-la.'

²⁷ Fragmentos extraídos da Coleção Itúkeovo Têrenoe, do livreto: Nossa Literatura, 2019.

6 CLASSES ABERTAS

Morphology is the study of systematic covariation in the form and meaning of words (HASPELMATH, 2002, p. 2).

6.1 Introdução

Nesta seção, trataremos das classes de palavras abertas na língua Terena. Nossa proposta, aqui, é discutir a morfologia nominal e a morfologia verbal. Iniciamos nossa seção tratando dos sistemas de partes do discurso.

6.2 Sistemas de partes do discurso

Os sistemas de partes do discurso são considerados tradicionalmente como distintores gramaticais de classes de palavras das línguas naturais. Schachter e Shopen (2007) afirmam, ainda, que a base de classificação das diferentes partes do discurso deva ser gramatical, e não semântica.

Diante disso, a classificação das distintas partes do discurso se baseia na distribuição da palavra em sua função sintática, além da sua especificidade a partir de suas categorias morfológicas e sintáticas.

Não há, no entanto, um consenso categórico com relação à distinção das partes do discurso. Ansaldo, Don e Pfau (2010) questionam se elas deveriam ser tratadas como ferramentas descritivas ou se deveriam ser postuladas como construtos universais. Os autores ainda provocam perguntando se esses universais, se assim puderem ser considerados, deveriam ser considerados semanticamente, sintaticamente ou de outra forma.

Haspelmath (2007), no entanto, afirma que não devemos pré-estabelecer categorias gramaticais para todas as línguas. O autor defende a ideia de que as categorias estruturais de uma língua são baseadas em suas particularidades e que o melhor para podermos estabelecer categorias tipológicas seria levar em conta similaridades translinguísticas pautadas em suas substâncias, ou seja, semântica, uma vez que não seria necessária a correlação idêntica, mas sim uma pautada na função comunicativa dessas categorias nas línguas estudadas.

Nessa mesma direção, Givón (2001) defende que nem todos os membros de uma categoria lexical sejam exemplos prototípicos dessa mesma categoria, embora ainda faça parte

dela. Ele continua explicando que o critério universalmente mais preditivo é o semântico e que o morfológico é capaz de mostrar o maior grau de diversidade translinguística.

Sendo assim, entendemos que, com relação à língua Terena, as partes do discurso são divididas em classes de palavras que podem ser abertas ou fechadas, pautando-nos em aspectos semântico-funcionais em sua estrutura. A seguir falaremos sobre as classes abertas dos nomes e dos verbos.

6.3 Nomes

Schachter e Shopen (2007) dizem que a distinção entre nomes e verbos é, aparentemente, um dos poucos universais dentre as classes de palavras e, dessa forma, não há línguas em que falte essa distinção. Os autores continuam expondo ser conveniente explorar questões que vão além daquilo tradicionalmente atribuído aos nomes (classe de palavras em que ocorre a maioria dos nomes de pessoas, coisas e lugares). Nesse sentido, é necessário explorar questões semânticas.

Para Wierzbicka (1988), há uma tênue ‘linha’ entre nomes e adjetivos. A autora busca explorar a distinção entre essas classes de palavras pautando-se não na diferença de referentes quanto ao seu alcance ou tipo, mas sim quanto a sua estrutura semântica. Ela continua:

[...] uma descrição implica a presença de um número de características, todas no mesmo nível de importância. Assim, pode-se descrever uma pessoa como alta, magra, loira e sardenta, e assim por diante. Mas se alguém classifica uma pessoa como um corcunda, um aleijado, um leproso, uma virgem, ou um adolescente, não se está mencionando uma característica entre muitas; em vez disso, se está colocando-a em uma determinada categoria, visto no momento como “única”. Se coloca um rótulo sobre essa pessoa, como se poderia colocar uma etiqueta em um frasco de conservas. Pode-se dizer que um nome é comparável a uma construção de identificação: “esse é o tipo de pessoa que é essa pessoa”. Um adjetivo, por outro lado, é comparável a um predicado simples compatível com muitos outros tais predicados: ‘essa pessoa é X, Y, Z’.” (WIERZBICKA, 1988, p. 468, tradução nossa).²⁸

²⁸ “A description implies the presence of a number of characteristics, all on the same level of importance. Thus, one might describe a person as tall, thin, blond, freckled, and so on. But if one categorizes a person as a hunchback, a cripple, a leper, a virgin, or a teenager, one is not mentioning one characteristic among many; rather, one is putting that person into a certain category, seen at the moment as 'unique'. One is putting a label on that person, as one might put a label on a jar of preserves. One might say that a noun is comparable to an identifying construction: ‘that’s the kind of person that this person is’. An adjective, on the other hand, is comparable to a simple predicate compatible with many other such predicates: ‘this person is X, Y, Z’.” (WIERZBICKA, 1988, p. 468).

Baker (2004, p. 95) aponta dois diferentes aspectos, o semântico e o sintático, que nos ajudam a determinar o que venha a ser os nomes em dada língua:

- a) versão semântica: nomes e somente nomes têm critérios de identidade, através do qual eles podem servir como padrões de identidade.
- b) versão sintática: X é um substantivo se e somente se X é uma categoria lexical e X tem índice de referência, expresso como um par ordenado de números inteiros. (BAKER, 2004, p. 95, tradução nossa).²⁹

A classe lexical dos Nomes é uma classe aberta por excelência (SCHACHTER; SHOPEN, 2007, p. 3) e tem uma quantidade lexical alta, uma vez que a nominalização é produtiva e os neologismos estão constantemente entrando no escopo dessa classe lexical. Dentro da categoria de Nomes, a classe fechada Pronomes compõe uma categoria importante, contendo várias subclasses (pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos e pronomes demonstrativos), que vimos na Seção 5.

A morfologia dos Nomes é restrita à prefixação e à sufixação envolvendo, por exemplo, morfema possessivo, de plural, clíticos, entre alguns outros. Tanto os nomes quanto os verbos podem ser reduplicados como forma de indicar intensidade.

Os Nomes podem ser identificados, em Terena, como uma classe distinta de radicais em bases morfológicas e sintáticas. As raízes referem-se, prototipicamente, a conceitos estáveis no tempo, como pessoas, lugares, animais e coisas e, portanto, contrastam com os verbos que se referem, prototipicamente, a conceitos instáveis no tempo, como ações e eventos. Há nomes derivados (nominalizados) de bases verbais, mas a morfologia de nominalização geralmente se refere a um participante particular, como agente, instrumento etc. (cf. 6.4.9.3.16).

6.3.1 Nomes simples

Os Nomes que possuem apenas uma raiz são nomes simples. A seguinte regra de formação de palavras, portanto, representa o tipo mais simples de estrutura possível, afirmando que um nome é realizado como raiz (Nome > Raiz). Esses nomes estão divididos em alienáveis e inalienáveis (cf. 6.3.3).

85)

²⁹ “a Semantic version: nouns and only nouns have *criteria of identity*, whereby they can serve as standards of sameness.

b Syntactic version: X is a noun if and only if X is a lexical category and X bears a *referential index*, expressed as an ordered pair of integers.” (BAKER, 2004:95).

- a) sêno
‘mulher’
- b) hékere
‘estrela’
- c) kindana
‘quintal’
- d) mûtu
‘árvore em geral’
- e) nakákure
‘arroz’

6.3.2 Nomes compostos

O processo de formação de palavras em Terena tem [Nome]+[Nome] como sua forma canônica. Ainda há outras formas, como [Verbo]+[Nome]. A composição é um processo bastante importante em Terena. Muitos compostos não consistem somente em dois radicais nominais, sendo construídos com bases nominais com a ordem possessor e possuído pela justaposição, dos quais principalmente o segundo é a cabeça mais genérica e o primeiro nome serve como seu modificador. Em Terena, é muito produtivo as composições ocorrerem nas coisas da fauna e flora, ou seja, nomes de plantas, caracterização de animais, acidentes geográficos etc.

Payne (1997, p. 92) aponta haver dois critérios para determinar um composto, o semântico e o critério formal. Nesse caso, os morfemas que fazem parte do complexo nominal devem ter como escopo todo o composto, por exemplo, o sufixo de posse (-na, -ti). O sufixo, para atestar que é um composto, não pode vir afixado ao primeiro componente da composição, visto que violaria a integridade do composto. Por exemplo:

Incorreto: [Nome]-suf.+[Nome]

Correto: [[Nome]+[Nome]]-suf.

Os compostos podem ser formados por Nome e Nome, Nome e Verbo ou Advérbio e Nome como podemos observar a seguir:

86) [Nome]+[Nome]

- a) none óvoku
 rosto casa
 ‘Entrada (parte da frente da casa).’

Nos compostos Verbo e Nome que encontramos, sempre o verbo é sufixado com o morfema *-ti*.

87) [Verbo]+[Nome]

- a) nókuti irunóerotí
 agrupar ornamento com flor
 ‘Jardim, praça.’

- b) ixu’ókoti tikóti
 cortar (algo) árvore
 ‘Pica-pau.’

88)

- a) [mayne]-ti
 igual-N.ESP
 ‘Maxixi (tipo de planta) de alguém.’

- b) [kámo]-ti
 cavalo-N.ESP
 ‘Cavalo de alguém.’

- c) [[Advérbio]+[Nome]]-suf.
 [mayane kámo]-ti
 igual cavalo-N.ESP
 ‘Anta de alguém.’

d) [mayane kámo]-hiko

igual cavalo-PL

‘Antas (ou um grupo de antas).’

e) omomb-o [pohuti [kali [mayane kamo]]]

1=trazer-VT ser.pequeno anta (igual cavalo)

‘Eu trouxe uma anta pequena.’

6.3.3 Categoria de Posse

A língua Terena distingue a posse em tipos alienável e inalienável, como ocorre nas outras línguas da família Arawak. Esse tipo de posse recebe nomenclaturas distintas. Segundo Velazquez-Castillo (1996, p. 23),

[...] alguns desses termos são: “inerente” vs. “acidental” (Dixon 1910), “separável” vs. “inseparável” (por exemplo, Boas (1911) e Sapir (1917)). Swanton (1911) usa o termo “transferível” para se referir à posse alienável. A julgar pelo seu uso, esses termos parecem ser aproximadamente equivalentes à forma atual dos termos alienável e inalienável. (tradução nossa).³⁰

Esse tipo de posse é encontrado nas línguas Arawak, como em Mehináku (FELIPE, 2020), Paresi-Haliti (BRANDÃO, 2014; SILVA, G. R., 2013), Baure (DANIELSEN, 2007), Tariana (AIKHENVALD, 2003).

Em Terena, os primeiros registros sobre esse tipo de posse foram feitos por Ekdhal e Butler (1979). As autoras, ao analisarem a posse, a dividiram em dois grupos para cada tipo de posse, ou seja, palavras alienáveis e inalienáveis especificadas e não especificadas. Elas descrevem o seguinte:

Os substantivos inalienavelmente possuídos são aqueles de posse obrigatória: hhêve ‘a perna dele’, êno ‘a mãe dele’. Os substantivos alienavelmente possuídos não precisam de possuidor káxe ‘dia/sol’, sopôro ‘milho’, hhixôe ‘vestido’, mas podem ser possuídos: kaxéna ‘seu dia’, sápara ‘milho dele’, hhîxo ‘vestido dela’. (EKDHAL; BUTLER; 1979, p. 50).

³⁰ “Some such terms are: ‘inherent’ vs. ‘accidental’ (Dixon 1910), ‘separable’ vs. ‘inseparable’ (e.g., Boas 1911 and Sapir 1917). Swanton (1911) uses the term ‘transferable’ to refer to alienable possession. Judging from their use, these terms seem to be roughly equivalent to the way the terms alienable and inalienable are commonly understood today.” (VELAZQUEZ-CASTILLO, 1996, p. 23).

Já em nossa análise, em comparação com outras línguas da família Arawak, pudemos verificar que a língua Terena segue muito semelhantemente às análises apresentadas das línguas Baure, Tariana e Paresi, de forma que os nomes podem ser alienáveis com posse, sendo opcionais, e marcados por *-na*.

Por sua vez, os nomes inalienáveis são obrigatoriamente marcados como posse. Ao compararmos a análise da língua Paresi, realizada por Brandão (2014), esse grupo é entendido como ‘nomes inerentemente possuídos’ (SILVA, G. R., 2013, p. 161). Por fim, há os nomes alienáveis irregulares, que são um conjunto de palavras em que a realização da posse ocorre da seguinte forma: i) mudança de vogal no interior da palavra; ii) redução da vogal [e] final; iii) acréscimo do morfema =a e iv) acréscimo do morfema *-xa* (~ *e-*) (cf. 18).

6.3.3.1 Nomes não possuíveis

Os nomes não possuíveis são, basicamente, nomes de elementos da natureza, mas também podem fazer parte desse grupo os itens que forem sufixados por *-e*, indicando ‘não posse’ (cf. 94).

89)

a) káxe

‘sol’

b) hékere

‘estrela’

c) ipú’i

‘poeira’

6.3.3.2 Nomes alienáveis e inalienáveis

Em Terena, as palavras inalienáveis carregam consigo, semanticamente, traços [+possuídos], enquanto os alienáveis, [-possuídos], por isso, em nomes inalienáveis não ocorre a marca de posse *-na*, pois o próprio item possui o traço de posse e, obrigatoriamente, devem ser afixados por um pronome possessivo. Contudo, nos termos de parentesco, a sufixação do não especificado (impessoal) *-ti* não é permitida.

90) Inalienável

a) Ø=há'a

3=pai

'Pai dele'

b) nzá'a

1=pai

'Meu pai'

c) *há'a-ti

pai-N.ESP

'Pai de alguém'

d) Ø=êno

3=mãe

'Mãe dele'

e) y=êno

2=mãe

'Tua mãe'

91)

a) Ø=páho

3=boca

'Boca dele'

b) mbáho

1=boca

'Minha boca'

c) páho=ti
 boca=N.ESP
 ‘Boca de alguém’

d) *paho-na

92) Nomes alienáveis

a) lapape
 tapioca
 ‘Tapioca’

b) lambape-na
 1=tapioca-POSS
 ‘Minha tapioca’

c) lapape-ti
 tapioca-N.ESP
 ‘Tapioca de alguém’

93)

a) áhara
 enxada
 ‘Enxada’

b) Ø=áhara-na
 3=enxada-POSS
 ‘Enxada dele’

c) ánzara-na
 1/enxada-POSS
 ‘Minha enxada’

- d) áhara-ti
 enxada-N.ESP
 ‘Enxada de alguém’

6.3.3.3 Morfema de indicação de não posse -e

Alguns itens lexicais podem ser sufixados por *-e*, fazendo com que o item não seja possuído, ou seja, o nome passa para a categoria de nomes não possuídos, como os apresentados em 6.3.3.1.

94)

- a) Ø=iha
 3=nome
 ‘Nome dele’

- b) ihâ-e
 nome-N.POSS
 ‘Nome’

- c) mûyo=m
 corpo=1
 ‘Meu corpo’

- d) muyô-e
 corpo-N.POSS
 ‘Corpo’

6.3.3.4 Nomes alienáveis irregulares

6.3.3.4.1 Mudança de vogal na palavra

Como dito anteriormente, há um grupo de itens lexicais que são alienáveis irregulares, que ocorrem com uma mudança da vogal [o] para a vogal [a] no interior da palavra:

95)

a) sopôro	nzápara	∅=sápara
milho	1/milho	3=milho
‘Milho’	‘Meu milho’	‘Milho dele’
b) vôtoti ³¹	nzása	vása
linha	1=linha	3=linha
‘Linha’	‘Minha linha’	‘Linha dele’
c) voyôre	váyaram	vayára
inhame	vayara-m	3=inhame
‘inhame’	‘meu inhame’	‘inhame dele’

6.3.3.4.2 Nomes alienáveis irregulares

O acréscimo do morfema de posse *-a*, que nos parece ser uma redução de *-na*, se a palavra terminar em vogal /i/ passará a /e/, como se pode observar a seguir:

96)

a) pahapéti	∅=páhapete ³² =a	mbáhapete-a
porta	3=porta-POSS	1/porta-POSS
‘Porta’	‘Porta dele’	‘Minha porta’
b) xupukóxe	∅=xupúkoxe-a	
talo de mandioca	3=talo de mandioca-POSS	
‘Talo da mandioca’	‘Talo de mandioca dele’	

6.3.3.4.3 Acréscimo de morfemas parassintéticos

Nesse grupo de itens lexicais, não nos foi possível compreender a motivação da parassíntese abaixo exemplificada, com a ocorrência simultânea de *i-* *-a*:

³¹ Muitos itens lexicais ocorrem com o morfema *-ti*, que está cristalizado. Com isso, não é mais possível segmentar, por exemplo: *karáraunati*, ‘mamão’, *sáepoti*, ‘tempestade’, *tikóti*, ‘pau’, entre outras.

³² *-te* ocorre sempre diante de vogal [a].

97)

a) pîti ‘cera’

í-∅=pite-a

POSS-3=cera-POSS

‘Cera dele’

b) í-pit<i>-i

POSS<2>cera-POSS³³

‘Tua cera’

c) hîhi ‘mandioca ralada’

í-∅=hihe-a

POSS-3=mandioca ralada-POSS

‘Mandioca ralada dele.’

6.3.3.3.4 Posse enfática

O sufixo *-ne* indica a ênfase da posse.

98)

a) njovó’i-ne

xovo’í-ti

1=chapéu-POSS.ENF

chapéu=N.ESP

‘É meu aquele chapéu!’

b) óvongu-ne

ovokú-ti.

1=casa-POSS.ENF

casa=N.ESP

‘É minha aquela casa!’

c) rembéno-ne

repenó=ti.

1=camisa-POSS.ENF

camisa=N.ESP

‘É minha aquela camisa!’

³³ Nesse exemplo temos um caso claro de harmonia vocálica que ocorre em algumas palavras quando infixada pelo clítico 2ª pessoa (cf. 5.1).

6.3.4 Afixação nominal

Quando se trata da flexão em uma língua, Anderson (1982, p. 589) afirma que “as categorias flexionais são relevantes sintaticamente”, tendo em vista que há uma relação direta entre a estrutura da palavra e a da sentença. Podemos observar, na tabela a seguir, a flexão pronominal que ocorre nos nomes.

Quadro 21 – Afixação pronominal nos nomes

Pessoa	No trabalho
1	(Traço Nasal (cf. 3.3))
2	(Mudança de e, u >i; a, o>e (cf. 5.1.1.2))
3	(Morfema Zero) (cf. 4.1.1.3)
1PL	(V- ~ Úti) (cf. 5.1.2.1)
2PL	(Mudança de e, u >i; a, o>e + <i>-noe</i> (cf.5.1.2.2))
3PL	(Morfema Zero)+ <i>-hiko</i> (cf. 5.1.2.3)
N.ESP	<i>-ti</i> (cf. 6.3.3.1)

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 22 – Sufixos nominais

SUFIXOS NOMINAIS	<i>-e</i> N.POSS ‘Não possuído’(cf. (5.3.3.1))
	<i>-ti</i> N.ESP (cf.5.3.3.1)
	<i>-na</i> (cf. (12)). AL ‘Alienável’
	<i>-hiko</i> (cf. 4.3.1) PL ‘Plural’
	<i>-xapa</i> (cf. 4.3.2) COL ‘Coletivo’
	<i>-xu</i> (cf. 4.3.3.6) DUB ‘Dubitativo’
	<i>-x</i> (cf. 5.3.4.4) VBZR ‘Verbalizador’
	<i>-k</i> (cf. 5.3.4.4) VBZR ‘Verbalizador’

Fonte: Dados da pesquisa.

6.3.4.1 Morfema *-hiko*

Os morfemas flexionais que se sufixam ao nome não carregam em si nenhuma mudança de significado. Assim, o plural se realiza a partir da sufixação de *-hiko* ao nome, havendo ainda concordância no nível sintático, como nos aponta Anderson (1982).

99)

a) etakaki-hiko

flauta-PL

‘Flautas’

b) ovoku-ti-hiko

casa-N.ESP-PL

‘Casas de alguém’

- c) múkina-hiko
 músculo-PL
 ‘Músculos’

No exemplo a seguir, percebemos que o plural ocorre no item ‘irmão’, como forma de concordar com a pluralização referente à locução nominal ‘duas moças’; ao invés de vir anexado ao item *árunoe*, *-hiko* vem anexado ao nome mais à esquerda na construção predicativa nominal.

100)

- | | | | | |
|---------|--------|--------------|------------|---------|
| enepora | hóyeno | [ayó-hiko-ra | pi’â-ti | árunoe] |
| TOP | homem | [irmão-PL-?? | duas-N.ESP | moça] |
- ‘Esse homem é irmão destas duas moças.’

6.3.4.2 Morfema coletivizador *-xapa*

A ocorrência do coletivizador *-xapa* é restrita e observamos que ela ocorre mais com itens lexicais relacionados a indivíduos, com exceção da palavra ‘mandioca’.

101)

- a) iyéno-xapa
 povo-COL
 ‘Povo dele’

- b) peyó-xapa
 criação-COL
 ‘Criação dele’

- c) xupu-xapa
 mandioca-COL
 ‘Plantação de mandioca’

6.3.4.3 Morfema *-xu*

O morfema derivativo *-xu* ocorre tanto em nomes quanto em verbos descritivos. Quando ligado ao nome, carrega um sentido de dúvida.

102)

a) Miranda-xu \emptyset =ukópe=a
 Miranda-DUB 3=vir=3O
 ‘É de Miranda que ele veio?’

b) áko-mo mbîha vo'ókuke Xuâum-xu-mo \emptyset -koyuhô
 EXIST.NEG-IRR 1/ir CONJ João-DUB.-IRR 3=falar
 ‘Não vou porque acho que é o João que vai falar.’

6.3.4.4 Verbalizadores *-k* e *-x*

Ekdahl e Grimes (1964) destacam que na língua Terena há a ocorrência de 3 (três) consoantes temáticas, sendo elas *k*, *x* e \emptyset . Rosa (2010), no entanto, apresenta um total de 6 (seis) consoantes temáticas: *k*, *x*, *h*, *m*, *w* e \emptyset . Nascimento (2012) apresenta 4 (quatro): *k*, *x*, *h* e \emptyset . Em nossa pesquisa, por outro lado, encontramos os mesmos morfemas propostos por Ekdahl e Grimes – *k*, *x* e \emptyset –, contudo, em nossa análise, entendemos não haver consoantes temáticas na língua Terena, como previamente descrito (cf. EKDAHL; BUTLER, 1979, EKDAHL; GRIMES, 1964; FERREIRA; OLIVEIRA, 2014; NASCIMENTO, 2012; ROSA, 2010).

Esses morfemas são por nós analisados como verbalizadores. Por sua vez, afirmamos também que, em Terena, não há classes verbais, como defendido por Ekdahl e Butler (1979, p. 134): “os sufixos temáticos não possuem significado próprio, eles apenas identificam classe de raiz verbal”. Nossa interpretação não reconhece as consoantes temáticas sem significado e assim, conseqüentemente, não reconhecemos as classes apresentadas nos trabalhos anteriores.

O morfema *-xo*, analisado por alguns pesquisadores supracitados, é, segundo nossa análise, segmentado em verbalizador *x-* e vogal temática *-o*. Em todos os itens emprestados sempre se verbalizará com *-x*. Outro ponto a ser considerado é a não presença da vogal temática na sufixação de alguns morfemas (instrumento, assertivo, benefactivo, entre outros), por exemplo, quando se tem o benefactivo *-ino* (cf. 6.4.10.15) não há a presença da vogal temática.

103)

a) Ø=alúka-x-o

3=alugar-VBLZ-VT

‘Ele aluga ou alugar.’

Ø=alúka-x-ino-no

3=alugar-VBZR-BEM-1O

‘Ele aluga para mim.’

b) mbôla-na

1/bola-POSS

‘Minha bola ou bola.’

mb<e>le-x-o-ti

<2>bola-VBLZ-V.T-DESC

‘Você está jogando bola.’

c) y=arenda-x-o

ne-ovoko

2=arrendar-VBLZ-VT DEM-casa

‘Você arrenda aquela casa?’

Como pode ser observado, no caso da palavra ‘bola’, para se pronunciar a oclusiva bilabial sonora, é preciso utilizar a forma flexionada em pessoa, ou seja, mb < p. É a estratégia utilizada pela língua para os empréstimos, de forma que fiquem semelhantes ao léxico da língua portuguesa. Caso análogo ocorre em 103 (c) para a palavra ‘arrendar’. Um ponto a ser observado no exemplo de ‘bola’ é que se forma <mb>: quando flexionada em segunda pessoa tem-se *mbeléna* ‘tua bola’, ou seja, se mantém o <mb> e ocorre a infixação da 2ª pessoa. Quando há flexão em primeira pessoa (que é a alternância de sonoridade e pré-nasalização), percebemos mudança de acento, por exemplo: *mbolána*, ‘minha bola’.

O exemplo 104 nos parece esclarecedor quanto ao caráter verbalizador do sufixo em questão. Um correlato a ‘bola’ na língua Terena também demonstra a função de verbalizador do morfema -x, como no exemplo a seguir:

106)

a) Miranda-ke yón-o ra-hoyeno
 Miranda-POSP ir/viajar-VT FOC-homem

‘O homem está indo para Miranda.’

b) Miranda-ke ukóp-ea ra-hoyeno
 Miranda-POSP vir-3.INF/POT FOC-homem

‘O homem está vindo DE Miranda.’

c) Miranda-ke óvo-heixo ra-hoyeno
 Miranda-POSP mora-REPET FOC-homem

‘O homem está EM Miranda.’

6.4 Verbos

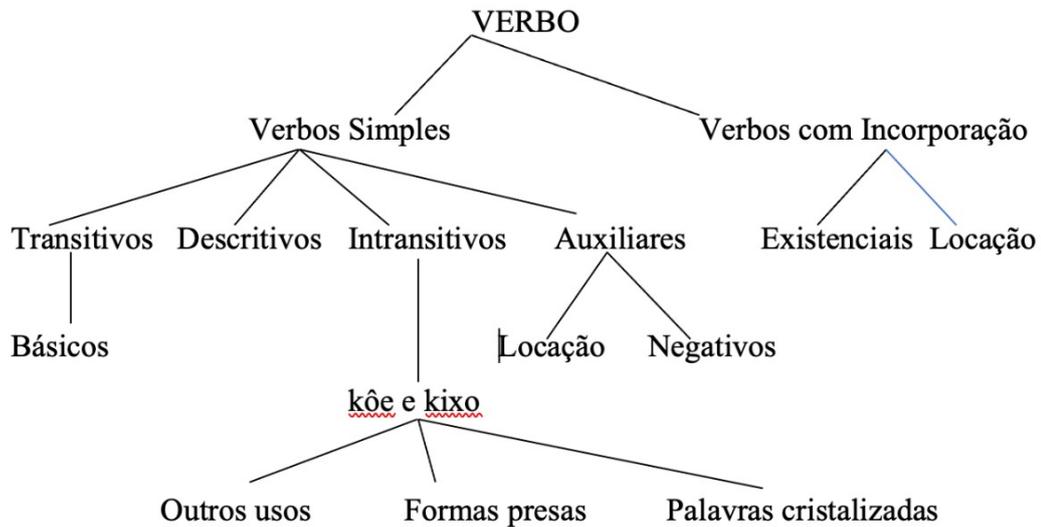
Em Terena, os verbos carregam a complexidade morfológica da língua e, assim como a maioria das línguas da família Arawak, é considerada como sendo uma língua aglutinante, como afirma Aikhenvald (1999). O pesquisador terena, Aronaldo Júlio (2018, p. 38), na dissertação *Língua Terena: prosódia, semântica e aspectos da prática escolar*, afirma que

[...] a língua terena é classificada como uma língua aglutinante, por se observar que o verbo e o nome, quando aglutinados a morfemas, expressam significados diferentes daquele ligado a raiz verbal ou nominal, significados esses facilmente identificados, de acordo com a teoria sobre as línguas aglutinantes.

Para exemplificar, o autor apresenta a seguinte palavra: *ning-o-pino-p-ea-ti-mea-mo-maka*, ‘Talvez eu vá comer novamente por você’. Desse modo, é possível observar a forma aglutinante da palavra Terena.

No esquema abaixo, apresentamos os tipos verbais na língua Terena.

Esquema 1 – Esquema verbal da língua Terena



Fonte: Dados da pesquisa.

6.4.1 Para começar

Os verbos em Terena seguem a seguinte estrutura: podem ser prefixados e sufixados. Na terceira pessoa do plural, em função de sujeito, há o circunfixo, e, na flexão de primeira pessoa, há a ocorrência do suprasegmento nasal. Semelhantemente ao verbo em Wapixana (cf. SANTOS, 2006), o verbo terena se constitui de uma raiz de natureza verbal e seus morfemas flexionais e derivacionais, bem como também de bases não verbais, sendo estas pertencentes a outras classes verbalizadas.

107)

a) hamí'i-ti

ser.brilho-DESC

‘Brilho’

b) ka-hámi'i-k-o=a

CAUS-ser.brilho-VBLZ-VT=3O

‘Fazer ele brilhar.’

6.4.2 Marcadores de pessoa no verbo

Os verbos em Terena são flexionados em pessoa e os pronomes livres ocorrem como enfáticos (cf. 5.4). As marcas de pessoa ocorrem tanto nos verbos quanto nos nomes. Com isso, é no verbo que se marca os argumentos quando o emprego for pronominal. Nesse momento, exemplificaremos apenas a ocorrência dos pronomes no verbo, pois, no item 5.4, trouxemos a explicação mais ampla do funcionamento desses pronomes na língua.

O Quadro 23 apresenta a marcação pronominal no verbo quando em posição de sujeito e em posição de objeto.

108)

Quadro 23 – Marcação pronominal no verbo em posição de sujeito e de objeto

Em posição de Sujeito	Em posição de Objeto		
a) oyóngo-mo 1/gostar-IRR 'Eu gostarei.'	oréne-x-o= nu devedor-VBLZ-VT=1O 'Aquele homem me deve.'	ne-hóyeno DEM=homem	
b) is<é>neu-ti <2>pensar-DUR 'Você está pensando.'	énjoko= pi 1/mostrar-2O 'Eu mostro para você minha casa.'	ovongu 1/casa	
c) Ø=isóneu-pu 3=pensar-2O 'Ele pensa em você.'	ngo'ítuke-ino= a 1/trabalhar-BENF=3O 'Eu trabalho para ele.'		
d) v=itixá-pu 1PL-reunir-REFL 'Nos reunimos.'	ihíka-x-o= ovi-ti ensino-VBLZ-VT=1O.PL 'O Pedro nos ensina.'	ne-Peturu FOC.D-Pedro	
e) áko- noe pik<e>a EXIST.NEG-PL <2>ir-3O 'Vocês não têm medo dele?'	Ø=noí-x-o= pi-noe 3=ver-VBLZ-VT=2O-PL. 'Ele viu vocês.'		
f) Ø=vatá'koé-po- hiko 3=sentar-REF-PL 'Eles sentaram novamente.'	vane-x-ino= a-hiko compra-VBLZ-BEN=3O-PL 'Pedro comprou bala para eles.'	Peturu Pedro	karamelu bala

Fonte: Dados da pesquisa.

6.4.3 Verbos transitivos

Os verbos transitivos em Terena são aqueles que selecionam mais de um argumento na sintaxe, ou seja, aqueles que requerem sujeito (A) e objeto (O). Há, também, os que selecionam mais de dois argumentos.

Os verbos transitivos têm um sujeito marcado por um morfema pronominal, mas também podem ter um objeto marcado por morfemas pronominais específicos para essa função. Os objetos podem ser tanto recipientes, pacientes humanos ou não humanos. O papel semântico do objeto pode ser indicado pela marca de terceira pessoa referencial sufixada ao verbo, a saber, =a. Nesse caso, o objeto é precedido pela marca de foco *ne-*.

109)

a) *nik-o-ti* *tapî'i* *ne-kalivôno*
 comer-VT-DUR galinha FOC.D=criança
 'A criança está comendo galinha.'

b) *nik-o-â-ti* *tapî'i* *ne-kalivôno*
 comer-VT=3O-DUR galinha FOC.D=criança
 'A galinha está comendo a criança.'

c) *enepone* Rogério *pore-x-o=a* *ra-xaku*
 TOP Rogério dar-VBLZ-VT=3O DEM-saco
 'Foi o Rogério que deu esse saco para ele.'

6.4.4 Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos padrão são os verbos monovalentes mais típicos que expressam eventos. Esses verbos requerem lexicalmente um argumento externo.

Como os exemplos em (110) ilustram, o intransitivo padrão inclui verbos que levam sujeito semelhante ao paciente, como em 'morrer', e sujeito semelhante ao agente do verbo 'chegar', ou de estado, como em 'sentar'. Portanto, a classe de significados desses verbos não pode ser estabelecida com base nos papéis semânticos de seus argumentos.

110)

a) *vókovo-ne* *mbêyo* *tamúku*
 morrer-CONCL 1/doméstico cachorro
 'Meu cachorro morreu.'

b) *simíno-mo* *Miranda-ke* *ne-sêno*

chegar-IRR Miranda-POSP FOC.D.mulher
 ‘A mulher chegará de Miranda.’

c) hara-mo im<é>k-a
 aqui-IRR <2>dormir-VT-VTPOT
 ‘Aqui é (onde) você dormirá!’

6.4.4.1 Verbos intransitivos estativos

Os verbos intransitivos estativos têm em seus conteúdos semânticos referências ao tipo de propriedade física, valores, estados, cores, entre outros. Contudo, quando causativizados, há um aumento de sua valência, tornando-os transitivizados e, conseqüentemente, ocorrerá o verbalizador *-k*. Dessa forma, temos os seguintes verbos:

111)

- | | | |
|---|---|--|
| a) \emptyset =xeméke-ti
3=ser.ligeiro-DESC
‘Ele é ligeiro.’ | → | ko- \emptyset =xémeke-k-o=a
CAUS-3=ser.ligeiro-VBLZ-VT=3O
‘Ele o fez tornar-se ligeiro.’ |
| b) \emptyset =xúna-ti
3=ser.forte-DESC
‘Ele é/está forte.’ | → | kó- \emptyset =xuna-k-o=a
CAUS-3=ser.forte-VBLZ-VT=3O
‘Ele o fez forte/fortaleceu.’ |
| c) \emptyset =tiú’i-ti
3=ser.duro-DESC
‘Ele é/está duro.’ | → | kó- \emptyset =tiu’i-k-o=a
CAUS- \emptyset =ser.duro-VBLZ -VT=3O
‘Ele o reforçou (Ele o deixou duro).’ |

6.4.5 Verbos não estativos e não agentivos

Em Terena, não há uma morfologia diferenciada para o uso dos verbos não estativos e não agentivos, ou seja, aqueles que estão em eventos não controlados, como pode ser observado na lista a seguir, apresentada no Quadro 24:

Quadro 24 – Verbos não estativos e não agentivos

Verbos	Tradução
íyoo	‘chorar’
sérati	‘o chorar de criança’
kósera	‘chorar muito’
óekovo	‘vomitar’
vékoa	‘passar’
iyúkovo	‘acordar’
hopúxo	‘sonhar’
hopú’opexoa	‘visão’

Fonte: Dados da pesquisa.

112)

a) vok-ó-vo-ti

ser.morto-VT-REFL-N.ESP

‘Pessoa morta.’

b) kuti h<e>pú-x-o yóti-ke

QU <2>sonha-VBLZ-VT noite-POSP

‘O que você sonhou pela noite?’

c) ako njopú-ne

AUX.NEG 1/sonha-CONCL

‘Eu não sonhei.’

6.4.6 Verbos descritivos intransitivos

Em termos semânticos, os verbos intransitivos descritivos diferem dos verbos intransitivos padrão, na medida em que os intransitivos descritivos são exclusivamente palavras referentes a propriedades, enquanto o intransitivo normalmente se refere a eventos ou, em alguns casos, a estados.

Os verbos descritivos (intransitivos descritivos) consistem nas formas verbais de referência de propriedade que podem assumir as formas pronominais do sujeito, somados a mais uma expressão nominal livre correferencial, estruturalmente opcional na posição pós-verbal. Nos exemplos a seguir, os marcadores pronominais do sujeito são: (i) traço nasal ‘primeira pessoa do singular’; (ii) infixação de <e> ou <i> ou y= antes de vogais para ‘segunda pessoa do singular’; (iii) a ‘terceira pessoa do singular’ é marcada pelo morfema zero; (iv) v= antes de itens lexicais iniciados por vogais e *úti* para itens lexicais iniciados por consoantes para

6.4.7.1 Verbos existenciais locacionais

Esses verbos existenciais locacionais denotam distância e os entendemos como uma variação do existencial *ápee*, visto que seu significado básico é de ‘ter/haver/existir’, contudo, com uma indicação locativa, ou seja, ‘aqui, lá’, tanto no sentido centrípeta quanto centrífuga.

Quando o verbo existencial tiver função centrípeta, ou seja, existir próximo ao falante, usa-se *aneéye* ‘existe/há aqui’.

115)

- a) *aneéye* *xúpu* *ko’êe* *mô’i* *hándeá*
 EXIST.LOC.CP mandioca batata moranga melancia
 ‘Aqui tem mandioca, batata, moranga e melancia.’

- b) *aneéye* *ngéne-ke*
 EXIST.LOC.CP 1/COM-POSP
 ‘Ele está aqui comigo.’

Quando os verbos existenciais indicarem um afastamento do falante, ou seja, sentido centrífuga, usa-se o *anêko*, ‘existe/há lá’.

116)

- a) *anêko* *xúpu-yaa*
 EXIST.LOC.CF mandioca-LOC
 ‘A mandioca está lá.’

- b) *anêko* *ôho*
 EXIST.LOC.CF rato
 ‘Tem rato (para lá).’

- c) *anêko* \emptyset =pore-x-íno-no=a-ti
 EXIST.LOC.CF 3=dar-VBLZ-BENF=1O=3O-DESC

xúpu *ne-hóyeno*
mandioca FOC.D.-homem

‘Tem alguém que deu mandioca a esse homem ao meu favor.’

6.4.7.2 Verbos existenciais negativos

O existencial negativo pode ser realizado por quatro formas – *ako*, *áko'one*, *avo*, *ávaina* – como formas para o existencial/auxiliar negativo e, *hâina*, como existencial negativo incompleto. Quando ocorre antes de nomes, seu papel é de existencial; quando antes do verbo, sua função é de verbo auxiliar negativo.

117)

a) *ako* *yuvó-nu-ti*
 EXIST.NEG errar-1O-DESC
 ‘Estou bem. Não há nada errado comigo.’

b) *áko-iyea* *á-xuna* *ne-Xûaum*
 EXIST.NEG-REF.PASS POT-ser.forte FOC.D-João
 ‘Antigamente, o João não era forte.’

c) *ako* *ndiûketi-na*
 EXIST.NEG 1/dinheiro-POSS
 ‘Não tenho dinheiro.’

Quando o existencial negativo ocorre, destacamos que, nesse caso, o verbo principal precisa se apresentar no modo potencial, ou seja, a vogal temática passa de [o] para [a]. Observe que, no exemplo 118 (c), os verbos descritivos não somente têm alteração da vogal no verbo como também recebem o potencial *a-*.

118)

Afirmativo

Negativo

a) \emptyset =*yôno-ti*
 3=viajar-DUR
 ‘Ele está viajando.’

ako \emptyset =*yâna=m*
 EXIST.NEG 3=viajar=1
 ‘Eu não vou viajar.’

b) \emptyset =*poré-x-o-ti*

ako \emptyset =*paré-x-a=a*

3=dar-VT-DUR 'Ele dá (algo).'	EXIST.NEG	3=dar-VBLZ.VT/POT=3O 'Ele não o deu.'
c) k<e>'aríne-ti <2>estar.doente-DESC 'Você está doente?'	ako EXIST.NEG	a-ngá'arine POT-1/estar.doente 'Eu não estou doente.'
d) hárrara'i-ti ser.vermelho-DESC 'É vermelho?'	ako EXIST.NEG	a-∅=hárrara'i POT-3=ser.vermelho 'Não é vermelho.'

O verbo existencial negativo sempre precede o verbo principal e atrai para si alguns morfemas verbais como, por exemplo, o modo irrealis *-mo*, o aspecto perfectivo *-ne*, modalizador *-maka*.

119)

Afirmativo		Negativo	
a) mbího-mo	Buriti-ke	áko-mo	mbíh-a
1/ir-IRR	Buriti-POSP	EXIST.NEG-IRR	1/ir-VT/POT
'Eu irei para Buriti.'		'Eu não irei.'	
b) pihó-po-ne	ne-íhikau	∅=kixó=nu	áko-iyea-mo
ir-DESL-CONCL	FOC.D-estudante	3=disse=1O	EXIST.NEG-REF.PASS-IRR
'O estudante já foi embora.'		∅=pih-á-pa	
		3=ir-VT/POT-DESL	
		'Ele me disse que não iria para casa.'	
c) énj-o-maka-mo		ako-maka-mo	énja
1/saber-VT-MDZR-IRR		EXIST.NEG-MDZR-IRR	1/saber-VT/POT
'Eu também sei.'		'Eu também não sei.'	

Arawak, na qual é uma forma prefixal. Segundo Brandão (2014),³⁴ nas línguas dessa família o comum é a ocorrência da negação *ma-*. A autora afirma que

[...] em Tariana, por exemplo, o negativo *ma-* ocorre com substantivos obrigatoriamente possuídos e vários verbos estativos, como uma contrapartida do atributivo *ka-*. Em Apurinã, uma língua Arawak do Sudoeste, o marcador negativo ocorre apenas com verbos intransitivos descritivos objetivos. (BRANDÃO, 2014, p. 357, tradução nossa).

Como podemos perceber, Terena se difere dessas línguas por ter uma forma livre de negação com a função de existencial negativo.

121)

a) *hâina* *íngele*
 EXIST.NEG inglês
 ‘Não é inglês?’

b) *hâina* *êno* *úne* *itea*
 EXIST.NEG muito água CONJ

motóva=a *v=éno-iyeo-va=a*
 ser.possível=3O 1PL=beber-1/3ASSRT-REFL=3O
 ‘Não tem muita água, mas dá para nós a bebermos.’

c) *hainá-xu* *koyúho-pe* *Pêturu*
 EXIST.NEG-HAB escrever-NMLZ Pedro
 ‘Não é a carta de Pedro (como de costume)’

6.4.8 Verbos auxiliares *kôe* e *kixo*

Os verbos auxiliares possuem funções e significados diferentes que merecem ser destacados nesse momento. Primeiramente, é preciso destacar suas relações com a

³⁴ “In Tariana, for example, the negative *ma-* occurs with obligatorily possessed nouns and numerous stative verbs, as a counterpart of the attributive *ka-*. In Apurinã, a Southwestern Arawak language, the negative marker occurs only with objective descriptive intransitive verbs.” (BRANDÃO, 2014, p. 357).

- c) ína-hi kôe neko koéxoe
 CONJ-DUV REP.INTR DEM serpente
 ‘No passado foi aquela serpente quem disse (expressando dúvida).’

125)

- a) Ø=kixó-nu
 3=REP.TR=1O
 ‘Foi ele que me disse’
- b) na koé-neeye ûti kixó-koko
 QU AUX.I-PART.D 1PL REP-REC
 ‘Como nós faremos agora? Disseram uns aos outros.’
- c) mbihó-po-ti-ne ako íxa-nu
 1/ir-DIR-DESC-CONCL EXIST.NEG 3=REP.TR=1O
 ‘Foi dito para mim para não ir embora.’

6.4.8.1 Formas presas de *-kôe* e *-kixo*

Os verbos auxiliares *kôe* e *kixo* também ocorrem na forma presa, concordando com a transitividade dos verbos aos quais se afixam. Quando aparecem nessa função morfológica, a extensão semântica do verbo é a de que algo ocorreu inesperadamente ou de modo abrupto.

126)

- a) Ø=poré’-kixo=a
 3=dar-AUX.TR=3O
 ‘Ele o deu inesperadamente.’
- b) Ø=namu’ñamu’-kixo=a
 3=pegar-INTENS-AUX.TR=3O
 ‘Ele o pegou de surpresa.’

127)

- a) Ø=simó’-koe-ne
 3=chega-AUX.I-CONCL
 ‘Ele já chegou (inesperadamente/de repente).’

b) \emptyset =apé'-kôe

3=EXIST.AFIRM-AUX.I

'De repente ele apareceu/inesperadamente ele surgiu.'

c) áko-mo

pih-ó'

á-koe

EXIST.NEG-IRR

ir-VT

POT-AUX.I

'Ele não irá de repente.'

6.4.8.2 Outras situações do uso de *kôe* e *kixo*

A ocorrência de *kôe* e *kixo* após um nome, na construção frasal, provoca uma mudança semântica do nome, uma vez que ele passa a se comportar como um verbo e, assim, quando acompanhado de *kixo*, será transitivizado e, quando por *kôe*, será intransitivizado, como pode ser visto a seguir:

128)

a) \emptyset =topí'-topi

\emptyset =kixo=a

3=corte-INTENS 3=AUX.TR=3O

'Ele o cortou muito.'

b) esa'i'

ngixo=a

custo/preço

1/AUX.TR=3O

'Eu o financiei.'

c) esa'i'

ngôe

virado

1/AUX.I

'Eu (me) financio.'

d) hirerekee

kôe

ne-tomáti

fila

AUX.I

FOC.D-tomate

'O tomate está enfileirado.'

O morfema *-ye* ‘transitório’ se sufixa somente ao verbo *kôe* quando em locução que indica a posição do corpo ou o estado de saúde. *-ye* tem a função de indicar o momento transitório do estado posicional.

129)

a) xe’o ngó-ye
parado 1/AUX.I-T
‘Eu estou parado (em pé, por enquanto).’

b) xe’o Ø=koê-ti
parado 3=AUX.I-DESC
‘Ele apenas parou.’

c) unatí ngó-ye
ser.saudável 1/AUX-T
‘Eu estou bem.’

Observe a mudança na significação quando se tem a inserção de *-ye*:

130)

a) hirerekee kôe ne-tomáti
fila AUX.I FOC.D-tomate
‘O tomate está em fila.’

b) hirerekee kó-ye ne-xâne
fila AUX.I-T FOC.D-pessoa
‘As pessoas estão enfileiradas no momento.’

As palavras cristalizadas³⁵ com os auxiliares são apresentadas a seguir, como pode ser observado no Quadro 25. Em busca dessas palavras no dicionário de Ek Dahl e Butler (1969) e em D. Silva (2013), observamos que as formas cristalizadas são produtivas com *kôe*, enquanto palavras cristalizadas com *kixo* foram encontradas em apenas 4 (quatro) ocorrências.

³⁵ Dados extraídos de Terêna Dictionary (EKDAHL; BUTLER, 1969) e SILVA, D. (2013).

131)

heu'kixo xoiñae Ø=yón-ea
 todo ano 3=viaja-INF/POT
 'Ele viaja todo o ano.'

132)

uhá'koêti káxe
 todo dia
 'Todo o dia.'

Quadro 25 – Ocorrências de palavras cristalizadas com *kôe* e *kixo*

<i>Kôe</i>	<i>Kixo</i>
homehi'kôe 'para ser espalhado, espalhar'	hino'kíxoa 'fazer um buraco'
hu'koêti 'rapidamente'	hopi'kíxoa 'cortar'
huku'kóeye 'quebradiço'	noyu'kixóa 'esnoabar'
hapaxo'kóeye 'remendado, gesso'	veo' kixoti 'todo o período de tempo'
hipiri'ikôe 'cicatrizado'	
hokororo kóeye 'rolar de pessoas, barril, troco de árvore'	
humu'ikoéne 'ser perfurado'	
hupihupi'kóeye 'ser soprado, abanado'	
kahi'kahi'koe 'andar tropeçando'	
kapuvake'kôe 'ficar de olho no caminho'	
koataxo'kôe 'ser quadrado'	
mataxo'o'kôe 'contornar'	
matakee'kôe 'espalhado (como fumaça)'	
mbiu'koe 'ser bom, bem'	
meya'kôeti 'metade, meio (empréstimo)'	
murarake'kôe 'esmagar'	
murehii kôe 'folhas de bananeira queimadas, morrendo de feitiço de frio'	
pambaxo'o' kôe 'casamento misto'	
Po'ero koe 'voce tirar ou arrancar toco, ou um pé de árvore'	
rakavo'u kôe 'mãos geladas'	
soruke' kôe 'parcialmente cru'	
to'ero' kôe 'cortar um pedaço do dedo'	
uha'koêti 'todos, qualquer um'	
vitatahi' koêti 'melhorando (saúde)'	
xanehi' koêti 'pessoa comum, classe baixa'	
xovorope' koêti 'côncavo'	
yahi' kôe 'está úmido'	

Fonte: Dados da pesquisa.

6.4.9 Verbos seriais

Os verbos seriais não são uma particularidade da língua Terena. Temos, em outras línguas da família Arawak, construções seriais como em Baure, Paresi-Haliti, Tariana, entre outras. Em se tratando de verbos seriais, é importante destacarmos que esse tipo de construção se faz a partir da justaposição de dois ou mais verbos; que não há um elemento de ligação capaz de expressar um único evento em uma única cláusula; compartilham valores de tempo, aspecto, modalidade e negação, bem como argumentos, e, por fim, codificam relações semânticas (MUYSKEN; VEENSTRA, 1994, p. 290).

Partindo de uma reflexão tipológica, ao observarmos as línguas Arawak temos algumas características interessantes a serem levadas em consideração, como, por exemplo, em Baure (DANIELSEN, 2007, p. 428), em que há, na construção de verbos seriais, obrigatoriamente, a *cross-reference* do sujeito. A pesquisadora afirma que os verbos seriais ocorrem com mais de dois verbos seriados e, em seu exemplo (exemplo 73, p. 406), apresenta o seguinte:

133)

čas monči-wo=ni ni=kač ni=yon-poek šonoki-ye
kong.ago child-COP=1SG 1SG-go 1SG=walk-down way-LOC
'In earlier times when I was a child, I walked barefoot that way.' [JC-7/3/05-4]

Para esse exemplo, Danielsen (2007, p. 428) afirma que

[...] o falante usa dois verbos para se referir ao evento de andar/caminhar: o primeiro é o verbo geral *-kač-* 'ir', e o segundo especifica o evento pelo verbo *-yonpoek-* 'andar descalço (lit. caminhar para baixo)'. Ambos os verbos se referem ao sujeito 1SG pelo *ni-* proclítico. O verbo *-kač-* também é usado em construções de complemento. Geralmente significa "ir fazer algo", mas também pode se referir de forma mais abstrata a um evento ou intenção futura. (tradução nossa).³⁶

Assim, vemos que a forma com que os verbos se posicionam segue as colocações apresentadas para se considerar uma construção de verbo serial.

³⁶ "[...] the speaker uses two verbs to refer to the event of walking: the first one is the general verb *-kač-* 'go', and the second one specifies the event by the verb *-yonpoek-* 'walk barefoot (lit. walk down)'. Both verbs cross-refer to the 1SG subject by the proclitic *ni-*. The verb *-kač-* is also used in complement constructions. It generally means 'to go to do something' but can also refer more abstractly to a future event or intention." (DANIELSEN, 2007, p. 428).

Em Tariana, segundo Aikhenvald (2003), mais de 70% das cláusulas nos textos e nas conversações contém verbos seriais. A restrição, nessa língua, para a não ocorrência da construção serializada está com os verbos estativos (So), como no exemplo abaixo.

134)

dhe	di-anisawa,	du-he	dunu-pidana
3sgnf+enter	3sgnf-go-WHILE:DS	3sgf-enter	3sgf-come-REM.P.REP

‘While he was coming in, she entered.’ (ex. 18.4)

Quando se trata de construção de verbo serial se sabe, segundo Foley e Olson (1985), que construções causativas em línguas que possuem serialização verbal frequentemente requerem ‘que o objeto esteja ligado a um verbo e o sujeito a outro correferencial’³⁷. Contudo, em Tariana há uma referência cruzada do sujeito do verbo causativizado sobre todo componente da construção serial, ainda que dois verbos possuam diferentes sujeitos (AIKHENVALD, 2003). Essa complexidade que ocorre em Tariana se difere de Baure e entendemos que isso demonstra a importância dos estudos sobre construções seriais nas línguas da família Arawak.

A análise com construções de verbos seriais em Terena assemelha-se à da língua Baure, que possui, obrigatoriamente, o sujeito em referência cruzada. Como pode ser visto no exemplo a seguir, a marca de sujeito ocorre em todos os verbos.

135)

ungué’e-x-o-ne	ngomohi-iyea	ivanda-k-o-po-ne
1/terminar-VBLZ-VT-CONCL	1/brincar-INF	1/sentar-VBLZ-VT-REFL-CONCL

‘Eu terminei de brincar e sentei.’

Os verbos serializados são palavras fonológicas independentes, cada uma flexionada para pessoa, aspecto, estado real e modo. Ambos os membros de construções verbais em série podem aparecer sozinhos no discurso. Algumas sequências verbais em série parecem ter se tornado lexicalizadas quando coocorrem com os verbos *kíxo* e *kôe* (cf. Quadro 25), por exemplo, *hónoti*, para ‘ser.alta’, mais *kíxoa*, ‘verbo auxiliar’, quando a ocorrência passa a significar ‘bote de cobra’.

³⁷ ‘[...] the object of one verb and the subject of another be coreferential’.

Ao observar os sintagmas multiverbais, notamos que verbo (verbo primário) fornece a informação principal sobre o evento descrito, enquanto o outro (verbo secundário) serve ao propósito de modificação do verbo principal, transmitindo informações aspectuais ou direcionais, ou outros significados ‘auxiliares’, como afirmam Aikhenvald (2006, p. 26) e Dixon (2010, p. 50).

136)

pasi’-kix-o-ti	xapau	ra-Aronaldo
amassar-AUX.TR-VBLR-DUR	mamão	FOC-Aronaldo

‘O Aronaldo está pisando no mamão.’

No exemplo a seguir temos o uso do auxiliar de modo seriado, de forma que a somatória dos dois verbos resulta em apenas um único significado. Destacamos que o morfema aspectual ocorrerá ligado ao auxiliar, e não ao verbo principal.

137)

a) pih-ó’	koé-ne	ne-Paulo
ir-VT	AUX.I-CONCL	FOC.D-Paulo

‘Paulo foi embora de repente.’

b) pih-o-ne	ne-Paulo
ir-VT-CONCL	FOC.D-Paulo

‘Paulo já foi (embora).’

6.4.10 Morfemas verbais

Muitas sentenças em Terena consistem somente em uma única palavra verbal, principalmente por se tratar de uma língua aglutinante. Isso se deve em parte aos pronomes, mas também com as noções de um grande número de afixos que são codificados, morfologicamente, no verbo.

Terena codifica noções causativas, reflexivas, recíprocas e passivas com sufixos verbais, enquanto, por exemplo, o português as codifica por construções analíticas (por exemplo, o causativo: fazer dormir), frases preposicionais (por exemplo, para ele, em seu favor), pronomes reflexivos (por exemplo, si mesmo), frases recíprocas (por exemplo, um ao

outro), entre outros. Nessa língua se codificam noções aspectuais, como repetitivamente, continuamente, e noções relacionadas, como habitualidade.

A pluralidade pode ser marcada nos verbos, a modalidade epistêmica (por exemplo, *-mea*, ‘incerteza’) e a evidencialidade (por exemplo, *-pera*, ‘suposição’) são codificados em Terena por sufixos derivacionais, enquanto em português temos advérbios e modais como talvez, evidentemente, realmente etc.

O verbo, em Terena e nas línguas da família Arawak, tem uma estrutura morfológica complexa que se segmenta em raiz, radical e base. A raiz do verbo é o elemento lexical mais básico de sua estrutura, não sendo, por si só, analisável; tampouco carrega, necessariamente, um significado específico, principalmente devido ao fato de os verbos serem, em sua maioria, derivados.

As raízes verbais, como nas outras línguas da família, são geralmente dissilábicas. Algumas apresentam traços semânticos que só podem ser recuperados quando em comutação com outros itens, sendo possível resgatar seu significado quando afixadas, por exemplo: *movó’o-ti* (estar.seco-N.ESP), ‘estar seco’, *ko-móvo’-iko-vo* (CAUS-estar.seco-PROP-REFL), ‘fazer ficar seco’, e *movo-kavo* (estar.seco-CL:longo), ‘ramo seco’, ou seja, não há somente a forma *movo-*.

Por outro lado, um verbo como *éxo*, ‘conhecer’, pode ser derivado, como *exo-ne*, ‘conhecimento’, *éxo-a-ti*, ‘inteligente’, *éxo-ko*, ‘mostrar, ficar sabendo’, *éxo-pono*, ‘reconhecer’, *éxo-vo-koxo*, ‘saber a diferença entre’. Esse verbo pode ocorrer sem afixos, mas será derivado, de forma que sempre se desdobrará a um sentido novo a partir da forma livre.

Como se verá mais adiante, alguns itens lexicais podem ser anexados às raízes, como também uma série de sufixos, incluindo classificadores incorporados que derivam o radical. Além disso, existem prefixos e sufixos radicais, que formam a base do verbo, a unidade completa do verbo como os sufixos aspectuais (cf. Quadro 26), entre outros anexados.

6.4.10.1 Aspecto

As noções aspectuais codificadas por sufixos derivacionais são mais específicas. As subseções da presente seção discutirão esses sufixos com mais detalhes e explicarão as diferenças, frequentemente sutis, existentes entre eles.

Aspecto, tradicionalmente, é descrito como “referência à estrutura interna de uma situação” (COMRIE, 1976, p. 6). Em definições mais amplas, como a de Smith (1997), aspecto

inclui pontos de vista (imperfeitos *versus* perfeitos) e tipos de situação (começo, fim, estado e duração).

Quadro 26 – Morfemas aspectuais em Terena

	semântica	forma	glosa
	costumeiro	-kena	habitual
	costumeiro	-xu	habitual
Durativo	ação contínua	-ti	durativo não passado
	durativo (descritivo)	-ix	durativo/repetitivo
	durativo (verbo intransitivo e transitivo)	-heixo	durativo/repetitivo
	outra vez	-po (~ -p)	reiterativo
	ação desde o começo	-neekene	incoativo
Completivo	ação já realizada	-ne	concluso/completivo
	ação já realizada recente	-meku	concluso/completivo
Incompletivo	ação não concluída	-ni'i (~ -ni)	incompletivo
	ação inconclusa (estar por fazer, mas ainda não o fez)	-iko (~ -Vvo)	inconcluso

Fonte: Dados da pesquisa.

6.4.10.1.1 Aspecto habitual

Da mesma forma como ocorre em Paresi, segundo G. R. Silva (2013), o morfema *-kena* traz o significado de algo que ocorre habitualmente, ou seja, é de duração ilimitada. Comrie (1976, p. 27) discute que a habitualidade e a interatividade não é apenas uma mera situação de repetição, ainda que seja “apenas” algo que ocorre por um período prolongado. Para se ter algo como habitual é preciso que a

[...] característica comum a todos os habituais, sejam eles também iterativos ou não, é que descrevam uma situação que é característica de um período de tempo prolongado, que sua extensão de fato seja uma situação não vista como uma propriedade incidental de momento, mas, precisamente, como um traço característico de todo um período. (COMRIE, 1976, p. 27, tradução nossa).³⁸

Esse é o caso que encontramos na língua Terena quando sufixada pelo morfema *-kena*.

138)

- | | |
|------------------|----------------|
| a) arúxu-kena-ti | ne-tamúku |
| morde-HAB-DESC | FOC.D-cachorro |

³⁸ “The feature that is common to all habituais, whether or not they are also iterative, is that they describe a situation which is characteristic of an extended period of time, so extended in fact that the situation referred to is viewed not as an incidental property of the moment but, precisely, as a characteristic feature of a whole period.” (COMRIE, 1976, p. 27).

‘O cachorro que sempre morde (é bravo).’

b) akásura-kena-ti ne-kámo.
coice-HAB-DESC FOC.D-cavalo
‘O cavalo que sempre coiceia.’

c) óro-kena-ti ne-hóyeno.
ronco-HAB-DESC FOC.D-homem
‘O homem que sempre ronca.’

6.4.10.1.2 Aspecto iterativo

Em Terena, o morfema *-ku* também indica uma ação duradora ou repetitiva, como ocorre com *-kena*, porém, sua função se assemelha ao que Travaglia (2014, p. 32) aponta como aspecto iterativo que, segundo o autor, seria “um aspecto variante de duração”.

139)

a) v=opósik-ea koe-ku ûti
1PL-precisar-INF/POT AUX.I-REPT 1PL
‘Nós sempre precisamos fazer.’

b) v=éx-ea kixo=a-ku ûti
1PL-sabe- INF/POT AUX.TR=3O-REPT 1PL
‘Nós sempre o sabemos fazer.’

c) ápee níng-ea-ku
EXIST.AFIRM 1/comer-INF/POT-REPT
‘Eu estou sempre comendo.’

6.4.10.1.3 Aspecto durativo

O aspecto durativo, que também se contrapõe ao iterativo, e por vezes conhecido como não iterativo, ocorre quando a ação/situação se desenvolve por um período prolongado

sem um exato momento de término. Bhat (1999, p. 54) afirma que “as línguas também usam suas formas durativas para denotar significado habitual”. Os exemplos a seguir demonstram a relação entre os aspectos durativo e habitual, segundo o quadro anterior.

140)

a) Ø=komom-â-ti ne-koyuhópe-ti.
 3=olhar=3REF-DUR FOC.D-livro-N.ESP
 ‘Ele está olhando o livro.’

b) Ø=xo’ópee-ti
 3=passear/caminhar-DUR
 ‘Ele está passeando.’

c) Ø=kataráko=a-ti ne-tapí’i
 3=criar=3REF-DUR FOC.D-galinha
 ‘Ele está criando galinha.’

6.4.10.1.4 Aspecto inconcluso

Aspecto inconcluso ocorre por meio do morfema *-iko*, que apresenta a ideia de uma ação não realizada ou a permanência de um estado (cf. 140 (b)). Segundo Travaglia (2006, p. 33), “sem alusão ao início ou ao fim, a ação em seu curso é ainda inconclusa.”

141)

a) Ø=piho-tí’-iko
 3=ir-REL.-INCON
 ‘Ele que (ainda) vai.’

b) heú’i-ti-iko ne-piritau
 afiar-REL-INCON FOC.D-faca
 ‘A faca que está afiada (continua).’

c) honóno-ke-iko
 madura-PL.-INCON
 ‘Todas continuam verdes?’

6.4.10.1.5 Aspecto durativo e repetitivo

Os morfemas *-ix* e *-heix* indicam uma ação recorrente. A alomorfa é condicionada segundo o tipo de verbo ao qual se afixam: *-ix* ocorre afixado aos verbos descritivos, enquanto *-heix* aos transitivos e intransitivos.

142)

- a) kóyeekune Ø=hopú-x-o-heix-ea
 sempre 3=sonho-VBLZ-VT-REPET-INF/POT
 ‘Ele sempre sonha.’

- b) ngo-yúho-heix-o-pi
 1/CAUS-fala-REPET-VT-2O
 ‘Eu (sempre) falo de você.’

(146)

- a) ixomo ya’i-íx-o neko hóyeno
 continuamente grito-REPET-VT DEM homem
 ‘Aquele homem continua gritando.’

- b) hóko-noe kixo-íx-o yúho ihíkaxo-pi-ti
 EXIST.NEG-PL AUX.TR-REPET-VT dizer ensinar-NMLZ-N.ESP
 ‘Vocês nunca esperam o que teu professor tem para dizer.’

6.4.10.1.6 Aspecto habitual

O morfema *-xu* é comumente utilizado quando se quer expressar algo que ocorre como de costume ou comumente. A sua ação está relacionada à durabilidade, a algo repetitivo, mas como algo que ainda não ocorreu, que pode vir a ocorrer como sempre aconteceu, como pode ser visto nos exemplos a seguir.

147)

- a) ngahá’a-ti-xu-mo

1/querer-DESC-HAB-IRR

‘Vou querer como de costume.’

b) áko-mo mbîh-a vo’ókuke Xuâum-xu-mo koyuhô
 EXIST.NEG-IRR 1/ir-POT CONJ João-HAB-IRR falar

‘Eu não vou, porque novamente o João falará.’

6.4.10.1.7 Aspecto reiterativo

O morfema *-po* (~ *-pa* (ocorre na forma potencial)) marca a repetição de uma situação. Esse morfema, à semelhança do Baure, também possui função de movimento (deslocamento), porém, podemos estar, novamente, diante de um morfema homófono.

148)

a) unáti-po-ne-mo v=ápe-iyea vo’ókuke
 ser.bom-REIT-CONCL-IRR 1PL-EXIST.AFIRM-INF CONJ

ra-êno ha’i tikóti.
 FOC-QTD tipo de fruta

‘Será bom para nós novamente devido ter bastante fruta.’

b) Ø=nikó-po-ti tapî’i
 3/comer-REIT-DUR galinha

‘Ela está comendo galinha novamente.’

c) y=aúka-pa-maka keyúh-o-iyii
 2/retornar-REIT.POT-MDZR conversar-VT-INF

‘Você retornou para conversar outra vez.’

6.4.10.1.8 Aspecto incoativo

Entendemos que o morfema *-neekene* tem a função incoativa que, segundo Travaglia (2006, p. 31), tem a “ideia de ação iniciada, mas ainda não concluída”, ou seja, indicando o começo de um novo estado. Vejamos os exemplos abaixo.

149)

- a) imoke-â-ti-neekene ukeâ-ti Hána'itike mêm
 dormir-3=CONT-INC ser.grande campo
 'Ele dormiu desde que saiu de Campo Grande (e continuou dormindo).'
- b) itipú'i-x-eo-vo-ti-neekene
 ajuntar-VBLZ-REF-REFL-DESC-INC
 'Ele é paralítico de nascença.'

6.4.10.1.9 Aspecto inceptivo

Analisamos o morfema *-ovo* (~ *-vo*) como um aspecto imperfectivo-inceptivo. De acordo com Castilho (1968, p. 62), “o inceptivo ocorre quando se indicam claramente os primeiros momentos da ação, escapando-nos a duração sequente que é, todavia, pressentida pelo falante”.

É nesse ponto que esses morfemas se diferenciam do incoativo, anteriormente apresentado.

150)

- a) v=ámamika'-avo
 1PL-descansar-INCEP
 'Nós iremos (começar a) descansar.'
- b) y=áreka-pana'-avo varápu
 2=beber-DESL-INCEP garapa
 'Vá (agora) tomar garapa.'
- c) poré-x-o-nu ínzika-x-e-ovo ne-nzá'a
 permitir-VBLZ-VT=1O 1/estudo-VBLZ-?-INCEP FOC.D-pai
 'Meu pai me deu permissão para eu (começar) a estudar.'
- d) níká'-avo ûti
 comer-INC 1PL

‘Nós vamos (começar a) comer.’

6.4.10.1.10 Aspecto completivo

-iyea é um morfema com outras funções (cf. 6.4.10.7), entre elas a indicativa de ação finalizada, sendo um dos tipos de forma do perfectivo.

151)

a) us-ó'-iyea ne-Xuâum
 ser.pronto-VT-COMP FOC.D-João
 ‘João está totalmente pronto.’

b) ímake-iyea FOC.D-nakáku
 cozinhar-COMP FOC.D-arroz
 ‘O arroz cozinhou completamente.’

c) enó'-iyea pêyo ne-Xuâum ya Pánana-ke
 ter.muito-COMP criação FOC.D-João DIR Bananal-LOC.
 ‘João tinha muitos animais em Bananal.’

5.4.10.1.11 Aspecto conclusivo

O morfema *-ne* realiza ações concluídas (tendo, portanto, um significado do tipo perfectivo). Essa marca aspectual denota um ‘estado de conhecimento’, como percebemos nos exemplos abaixo.

152)

a) Ø=nik-o-póno-ti
 3=comer-VT-DESL-DUR
 ‘Ele foi comer.’

b) Ø=nik-ó-ne
 3=comer-VT-CONCL
 ‘Ele já comeu.’

c) kuti pihop-ó-ne
 QU ir-embora-VT-CONCL

‘Quem já foi embora?’

6.4.10.1.12 Aspecto concluso não recente

O morfema *-meku*, semelhantemente ao morfema *-ne*, tem a função aspectual de algo concluído recentemente, como podemos ver a seguir:

153)

a) *ihikaxoti-meku* *ne-eungo*
 ser.professor-CONCL.REC FOC.D-1/tio
 ‘Meu tio era (até agora) professor.’

b) *iná-meku* \emptyset =*píh-o-po*
 P.D-CONCL.REC 3-ir-VT-DESL
 ‘Ele foi embora agora mesmo.’

6.4.10.2 Modo e modalidade

A modalidade em Terena apresentada segue Bhat (1999, p. 63) por entender que o

[m]odo está preocupado com a realidade de um evento. Existem três parâmetros diferentes, que são usados pelas línguas para se estabelecer tais distinções, a saber: 1. (i) a opinião ou **juízo** de um falante sobre a realidade de um evento, 2. (ii) tipo de **evidência** que está disponível para o falante em formar o julgamento, e 3. (iii) tipo de necessidade ou **exigência** que força o locutor (ou outra pessoa) a se envolver em um evento (ou a realizar uma ação). (tradução nossa).³⁹

O autor ainda coloca que (i) e (ii) são modalidades “epistêmicas” baseadas no conhecimento do falante, enquanto o (iii) se baseia na ação realizada, ou seja, “deôntica”.

6.4.10.2.1 Formas epistêmicas pelos morfemas *-mea* e *-pera*

³⁹ “Mood is concerned with the actuality of an event. There are three different parameters that are used by languages while establishing modal distinctions; these are the following: (i) a speaker’s opinion or *judgement* regarding the actuality of an event, (ii) kind of *evidence* that is available for the speaker to form this judgement, and (iii) kind of *need* or requirement which forces the speaker (or someone else) to get involved in an event (or to carry out an action).” (BHAT, 1999, p. 63).

O morfema *-mea* é utilizado pelo falante quando faz uma colocação de incerteza sobre o que está ocorrendo. Ekdhal e Butler (1979, p. 92) apontam que o uso de tal morfema no verbo indica algo que “parece também suavizar a declaração feita, tornando-a menos dogmática, mesmo quando não há dúvida ou incerteza”.

154)

a) áko-mea-mo Ø=kená'ak-a
 AUX.NEG-INCERT-IRR 3=vir-POT.
 ‘Talvez ele não vem.’

b) kutí-mo Ø=pih-ô Xuãum-mea
 QU-IRR 3=ir-VT João-INCERT
 ‘Talvez é o João quem irá?’

c) ngásaxo-mea
 1/ter.frio-INCERT
 ‘Talvez ele esteja com frio.’

-pera é um morfema que traz um significado de suposição quanto a um acontecimento ou a uma situação. Tal suposição ocorrerá por um conhecimento extra ou por alguma indicação que foi feita, permitindo, assim, ser uma informação de primeira mão ou não.

155)

a) ma-pera Ø=itúko=ti râmoko
 QU-SUP 3=fazer=N.ESP farinha
 ‘Ele acha que alguém faz farinha.’

b) Ø=pihó-ne-pera
 3=ir-CONCL-SUP
 ‘Ele já foi? (supõe).’

c) ná-pera ovo óngoku xoko xé'=a
 QU-SUP permanecer 1/casa lugar COM filho=3O
 ‘Qual é o lugar que vou ficar com meu filho?’

6.4.10.2.2 Irrealis

O sufixo de modo *-mo* faz referência a eventos irrealis, quando se trata de questões relacionadas ao futuro. Ekdhal e Butler (1979), Nascimento (2012) e Julio (2018) trataram esse morfema como marca de futuro, e não como um irrealis. Rosa (2010) discute o modo real e irreal em sua dissertação, contudo, há um equívoco de análise, uma vez que a autora analisa o morfema *-o* como realis e a sua forma no potencial *-a* e os potenciais de concordância com a negação *a-* e *o-* como irrealis. A pesquisadora analisa *-mo* como marca de futuro. Em nossa análise, no entanto, consideramos *-mo* como modo irrealis, que contrasta com a ausência de marcação morfológica para a marca de realis.⁴⁰ Essa análise ocorre uma vez que tal modo expressa situações que não correspondem necessariamente a fatos, atua de forma a expressar desejo, vontade da realização de uma ação, sem, contudo, ser um fato que realmente ocorrerá. Com isso, seguimos Palmer (2001) ao apontar a distinção entre tempo gramatical e tempo.⁴¹

156) Realis

a) ihík<e>x-o-vo-ti-∅

<2>estudo-VBLZ-VT-REF-DUR-REAL

‘Você está/estava estudando.’

b) ∅=movó’i-ti-∅

3=estar.seco-DESC-REAL

‘Ele está/estava seco.’

(148) Irrealis

a) mbíh-o-mo Buriti-ke

1/ir-VT-IRR Buriti-LOC

‘Eu irei para Buriti.’

b) ma-ni	pih<é>ti	itea	áko-mo	pih<e>-pó
PART-INCOMP	2/ir-VT-DESC	CONJ	EXIST.NEG-IRR	2/IR-DESC

⁴⁰ Optamos por não marcar todas as sentenças que ocorrem como realis, visto que a ausência morfológica já indica esse modo e se contrasta com a marcação irrealis *-mo*.

⁴¹ “The distinction between mood and modality is then similar to that between tense and time.” (PALMER, 1986, p. 21).

‘Você queria ir, mas não vai embora.’

A presença dos verbos existenciais, auxiliares, partículas de questão, partículas de discurso, entre outras, fará com que o morfema *-mo* se sufixe a eles, e não mais ao verbo.

157)

a) ngipo-pú’i-k-o-vo-ti-mo

1/lavado-cabeça-VBLZ-VT-REFL-DESC-IRR

‘Eu vou lavar a cabeça.’

b) ávo-mo ngipá-pu’i-k-a-pu

AUX.NEG-IRR 1/lavar-cabeça-VBLZ-VT/POT-REFL

‘Ainda não vou lavar a cabeça.’

158)

a) kuti-mo itukóvo káxe sím<i> Rio
 QU-IRR tipo sol (dia) <2>chegar-DIR Rio de Janeiro

‘Qual o dia você chegará no Rio?’

b) na-mo pih-ii

QU-IRR 2/ir-DIR

‘Você irá quando?’

159)

ina-mo ning-a ne-sépara
 PART.D-IRR 1/comer-VT/POT FOC.D-milho/POT

‘Então eu comerei o teu milho!’

6.4.10.2.3 Potencial

Em Terena, segundo Ekdhal e Butler (1979), há, na língua, o que denominaram modo potencial, mas, no entanto, não definiram de que exatamente se trata esse modo. Ao observarmos a definição de potencial, segundo o Dicionário de Linguística, temos que “[...] exprime, nas frases hipotéticas, a ação que ocorrerá no futuro se a condição for realizada”

(DUBOIS, 1973, p. 479, grifo nosso). A atenção ao que foi grifado é que o potencial requer a ideia de hipótese ou de condição, por isso também pode ser tratado como condicional.

Contudo, quando observamos as sentenças em Terena, em parte encontramos requisitos que satisfazem essa definição de potencial, mas é preciso colocar que, segundo Dubois (1973, p. 479), “[o] potencial opõe-se ao irreal”. Diante disso, não há como dizer que esse modo proposto por Ekdhal e Butler (1979), além de Nascimento (2012) e Rosa (2010), seja aceito completamente.

Dessa forma, propomos, para este trabalho, que o modo potencial seja tratado também como indicativo, uma vez que, segundo Mateus *et al.* (2003), tanto o modo indicativo quanto o modo conjuntivo associam-se a uma forma modal. Em Terena, as sentenças indicativas, imperativas e, ademais, as que expressam dúvida, incerteza, trazem uma mudança na vogal ou insere-se um morfema *o-* e a vogal temática passa à forma potencial quando em verbos descritivos. É-nos claro que, nas sentenças em que ocorre a negação, o verbo sempre se apresenta no modo potencial.

O indicativo, imperativo afirmativo e potencial são realizados com a mudança da vogal [+média +posterior] ([o]) para [+baixa +posterior] ([a]). Tal ocorrência é condicionada quando, diante de *ako*, os verbos descritivos e intransitivos recebem a prefixação do potencial *a-* (~ *o-* que ocorre em palavras que na primeira sílaba haja a vogal [o]), ou quando o morfema irrealis ocorre nas partículas de discurso, ou na forma imperativa.

160) Ocorrência no irrealis

a) *ína-mo* \emptyset =*píh-a*
 PART.D-IRR 3=*ir-VT/POT*
 ‘Então ele irá.’

b) *ína-mo* *o-koyúh-a*
 PART.D-IRR POT=*falar-VT/POT*
 ‘Então ele falará.’

161) Negação

a) *ako* \emptyset =*inát-a-pa=a* *okóvo*
 EXIST.NEG 3=*esquece-VT/POT-REFL/POT=3O* centro-emoção
 ‘Ele não o esqueceu.’

- b) ako a-∅=úhe'e-k-a
 EXIT.NEG POT-3=ser.bonito-VT/POT
 'Não é bonito.'

6.4.10.2.3.1 Ocorrência dos alomorfes indicativo e potencial

Alguns morfemas variam a depender do modo em que se encontram (indicativo, imperativo, negativo), como ocorre com os morfemas reflexivo, iminente e emotivo.

O reflexivo tem os seguintes alomorfes *-vo* (*-va* ~ *-pu*), o inceptivo *-iko* (~ *-Vvo*) e o afetivo *-inovo* (~ *-inapu*).

162)

- a) inzíka-x-o-**va**=a-ti
 1/estudar-VBLZ-VT-REFL.=3O-DUR.
 'Eu estou o estudando.'

- b) ako íhika-x-a-**pu**
 AUX.NEG estudar-VBLZ-VT/IND-REFL.
 'Não estudou (sozinho).'

- c) mbih-á-pa-**avo**
 1/ir-VT/IND-DIR.IND-INCEP.POT
 'Eu já estou indo embora.'

- d) mbih-ó-po-ti-**iko**
 1/ir-VT-DIR-DESC-INCEP
 'Por enquanto, vou indo para casa'.

- e) ∅=yusíko-p-**inovo**-ne
 3=ser.bom/melhor-REFL-AF-CONCL
 'Ele já está melhor.'

164)

a) enepo a-ka-váne=a vanenj-o=â-ti-mo
 COND POT-CAUS/POT-vender=3O 1/comprar-VT=3O-DESC-IRR
 ‘Se ele o vender, eu comprarei.’

b) enepo o-ko’-ítuk-e nzuvo’ó-x-o=a-ti-mo
 COND POT-CAUS-trabalhar 1/ajudar-VBLZ-VT=3O-DESC-IRR
 ‘Se ele trabalhar, eu o ajudarei.’

165)

a) enepone homoéhou koépek-o-Ø típe
 TOP moço matar-VT-REAL veado
 ‘Foi o moço que matou o veado.’

6.4.10.2.4.2 Condicional contrafactual afirmativa

A forma condicional contrafactual afirmativa ocorre quando há uma locução hipotética da situação, em seguida com uma exortação, mandato ou com dissuasão.

166)

a) aye’ék-a=a ína-mo nik-a ûti
 cozinhar-VT/POT=3O então-IRR comer-VT/POT 1PL
 ‘Quando ele o cozinhar, então nós vamos comer.’

b) y=epem-á-kana arakéne y=á-koe-mo
 2=pergutar-POT-PSDR/POT aquele que vem 2=POT-dizer-IRR
 ‘Quando você for perguntado, diga: ela vem!’

6.4.10.2.4.3 Condicional contrafactual negativa

Condicional contrafactual negativo ocorre por meio de *hoko-* mais o morfema *-ti*. Em outro contexto, *hoko-* também tem a função de hortativo negativo (cf. 6.4.10.2.7).

167)

a) hóko-ti Ø=pih-ô-po undí-mo piho-pô
 CONT.F.NEG.-DESC 3=ir-VT-DIR 1.ENF-IRR ir-VT-DESL
 ‘Se ele não for embora, eu mesmo irei.’

a) hóko-ti itukóvo sopôro
 CONT.F.NEG-DESC tipo de milho

xúpu ene véy=o
 mandioca DEM arrancar-VT
 ‘Se não tiver tipo milho, se arranca mandioca.’

6.4.10.2.5 Imperativo afirmativo

Em Terena, se reconhece a forma do imperativo afirmativo quando a vogal temática do verbo está na forma do potencial e flexionada em segunda pessoa do singular.

168)

a) y=úruk-**a**-pu
 2=entrar-VT/POT-REFL
 ‘Entre!’ (como assertivo)

b) y=**a**-yé’ek-**a**=a
 2=POT-cozinhar-VT/POT=3O
 ‘Cozinhe-o!’

c) y=**o**-kóyuh-o
 2=POT- VT
 ‘Fale!’

6.4.10.2.5.1 Imperativo afirmativo com auxiliares

Quando há a ocorrência dos verbos auxiliares *kíxoa* e *kôe* nas expressões imperativas afirmativas, percebemos duas situações distintas: (i) há a marca de potencial, bem

como *kíxoa* passa a *íxea*, considerando que [o] passa a [e] quando em segunda pessoa e (ii) com o uso do auxiliar *kôe* percebemos o acréscimo da vogal potencial /a/, assim como ocorre com os verbos descritivos, e a prefixação da segunda pessoa y=.

169) *kíxoa* ‘auxiliar transitivo’

a) Imperativa

xe’o’ íx<e>a
colocar de pé <2>AUX.TR/POT
‘Você o coloque de pé!’

b) Afirmativa

xe’o’ kík<e>a
colocar de pé <2>AUX.TR/POT
‘Você o colocou de pé.’

c) Imperativa

kipeva’uxa-pu íx<e>a
lavar-mão/POT-REF/POT <2>AUX.TR/POT
‘Diga, lave a mão!’

d) Afirmativa

kipeva’uxa-pu kík<e>a
lavar-mão/POT-REF/POT <2>AUX.TR
‘Você disse para ele lavar a mão.’

170) *kôe* (~*koyee*) ‘auxiliar intransitivo’

a) Imperativo

yunú’ y=a-koe
ficar.quieto 2=POT-AUX.I
‘Fique quieto!’

b) Afirmativo

yunú k<e>ê-mo
ficar.quieto <2>AUX.INTR-IRR
‘Você ficará quieto.’

6.4.10.2.5.2 Imperativo negativo

A forma imperativa negativa ocorre com o verbo existencial negativo. Ressaltamos que não há, na forma negativa, a mudança da vogal para [+posterior +baixa], permanecendo a vogal temática base.

171)

ako <e>yûh-o
 AUX.NEG <2>CAUS-fala-VT
 ‘Não fale!’

6.4.10.2.6 Hortativo afirmativo

O modo hortativo afirmativo pode ser realizado de duas formas: (i) com *hinga* ‘Vamos!’, que possui a primeira pessoa inclusiva, realizado pelo traço nasal de primeira pessoa e (ii) apenas com o uso da primeira pessoa do plural, mas com o acento em primeira posição, seguindo, nesse caso, Ekdhal e Butler (1979, p. 79). Em certos contextos, também pode ser compreendido como uma forma de indicação temporal de reencontro, que se traduz como ‘até logo’.

172)

a) hinga pih-ó-po-ti ûti
 1.INC/DESL ir-VT-DESL-DESC 1PL
 ‘Estamos indo! Nós (precisamos) vamos embora.’

b) hinga kipó-heo-ti ûti
 1.INC/DESL lavar-CL:pano-DESC 1PL
 ‘Estamos indo! Nós (precisamos) vamos lavar roupa.’

173)

a) v=omómi-k-o-ti
 1PL-descanso-VBLZ-VT-ASP.DUR.
 ‘Nós estamos descansando.’

também em evidencial visual, não visual, inferência genérica, inferência específica e reportada. A autora coloca que no tempo presente não existem os inferenciais.

Em Terena temos os seguintes morfemas evidenciais:

Quadro 27 – Morfemas de evidencialidade em Terena

Morfema	Evidencialidade
-hi	Reportativo
-pepo	Inferência visual
-ino	Pressuposto

Fonte: Dados da pesquisa.

6.4.10.3.1 Reportada/relatada

Uma boa colocação para o termo da evidencialidade reportada é o exposto por Vendrame (2005, p. 181) da seguinte forma:

[...] a evidência relatada definida, o falante, ao mesmo tempo em que se descompromete com o conteúdo de tal informação, também busca a credibilidade do leitor **ou do ouvinte**, mostrando que tem conhecimento acerca da área do saber sobre **ou do acontecimento** a qual faz suas considerações. (acréscimos nosso).

Pode-se verificar que a evidencialidade relatada em Terena é realizada por meio do morfema *-hi*.

177)

a) ma-hi Ø=yono-ti xoko po'ínu
 PART-REP 3=ir-DUR COM irmão
 'Dizem que está indo com irmão.'

b) ma-hi ka-unáko-pa=a neko étukuna úne
 PART-REP 3=CAUS-arrumar-REIT=3O DEM navio (trem da água)
 'Dizem que foi ele que consertou o navio.'

c) enó-hi úko Miránda-ke
 muito-REP chuva Miranda-LOC.
 'Diz que tem muita chuva em Miranda.'

6.4.10.3.2 Inferencial (visual)

A inferência direta (visual) indica que o falante possui conhecimento do evento, uma vez que teve acesso a essa informação por meio de uma evidência sensorial direta. *-pepo* indica uma constatação, o falante tem certeza do ocorrido, quer por meio da evidência visual, quer pelo acesso à informação em primeira mão, ou seja, indicando que o ocorrido realmente aconteceu.

178)

a) Ø=isúko-ti-pepo-mo

3=carnear-DUR-INF-IRR

‘Ele vai carnear (sem dúvida).’

b) áko-ne-pepo

pîh-a

AUX.NEG-CONCL-INF.DIR ir-POT

‘Ele não vai mais (certeza).’

c) hóyeno-ne-pepo

homem-NMLZ-INF.DIR

‘Já se tornou homem (sem dúvida).’

6.4.10.3.3 Pressuposição

O morfema *-ino*, além da função de benefactivo (cf. 6.4.10.15), também exerce a função de evidencialidade, no caso de pressuposição. Galvão (1999, p. 148), ao tratar das múltiplas funcionalidades do verbo *achar*, traz o conceito de vetor proposto por Hook (1974), e expõe: “o *verbo vetor* funciona como quase-auxiliar e é finito, codifica tempo, aspecto e modo; semanticamente adiciona nuances de aspecto, direção e benefactividade à cláusula”. O morfema *-ino* não é um verbo, no entanto, podemos observar essa relação apresentada pela autora com a benefactividade também nesse morfema em Terena.

179)

a) uhé’ek-o-ti-ino-nu

ser.bonito-VT-DESC-PRESS-10

‘Eu acho bonito.’

- b) kutí'-ino-pi Ø=imatá-x-o-vo-ti
 QU-PRESS-2O 3-estar.satisfeito-VBLR-VT-REFL-DESC
 'Você acha que ele está cheio/satisfeito?'
- c) ako a-únati-ino-nu
 EXIST.NEG POT-ser.bom-PRESS-1O
 'Eu não acho bom.'

6.4.10.4 Incorporação

A incorporação nominal que ocorre nos verbos é um fenômeno muito difundido interlinguisticamente (QUEIXALÓS, 1995). Também podemos afirmar que a incorporação é um processo lexical em que uma raiz nominal e uma raiz verbal formam, a partir de composição, um verbo de raiz derivada (MITHUN, 1986, p. 379), por exemplo: *-ŋal-* 'saliva' + *-geyk-ɔa-*, 'jogar/atirar', forma a raiz verbal: *-ŋal-geykɔa-*, 'cuspir' (HEATH, 1978).

Assim como os compostos nominais, a incorporação nominal também forma uma base lexical nova, estreitando o escopo do verbo hospedeiro. No caso do exemplo apresentado, temos a raiz nominal *ŋal*, em *ŋalgeykɔa-*, que não se refere a um tipo específico de saliva, mas sim qualifica o predicado do verbo hospedeiro.

A língua Terena não é a única que possui incorporação nominal da família Arawak, também há a descrição desse fenômeno na língua Apurinã (FACUNDES, 2000), Baure (DANIELSEN, 2007), Paresi (BRANDÃO, 2014; SILVA, G. R., 2013), Alto Perené (MIHAS, 2015), Nanti-Kampa (MICHAEL, 2008) e Mehinakú (FELIPE, 2020). Os pesquisadores, ao descreverem essas línguas, discutem, alguns com mais detalhes que outros, o processo de incorporação, mas o importante é saber que tal fenômeno faz parte da família Arawak.

É possível que muitas línguas historicamente tenham perdido o processo de incorporação, como, por exemplo, a língua Tariana e Wapixana, porém, quando sobre os classificadores podemos perceber que houve incorporação nessas línguas, como, no caso em Wapixana, no número 1, há um resquício dessa incorporação:

180)

ba-i-da-?-ap

um-mão-gênese-CL:PTT-CL:extensão

‘um’

A incorporação nominal em Terena envolve partes do corpo e, em geral, o argumento do objeto é incorporado a qualquer tipo de base verbal. A incorporação de substantivos é bastante versátil, pois é usada para fins de composição lexical e manipulação de valência (cf. 6.4.10.6). A incorporação de substantivo é uma operação que afeta a valência quando aplicada a bases transitivas. Mori (2014, p. 3), ao mencionar Mithun (1984), aponta que “[...] a incorporação mais produtiva é aquela em que ocorrem modificações nos papéis dos participantes, [...], é denominada incorporação com ‘manipulação de caso’”. A ordem dos componentes compostos incorporados é sempre verbo-substantivo, o que pode ser atribuído aos efeitos sintáticos da ordem constituinte. Com isso, temos o seguinte:

Raiz (Vb)+Raiz (N) → Base (Vb)

A seguir trazemos um quadro de partes do corpo que funcionam como morfemas de incorporação. Os dados foram extraídos de Marcus (1994) e confrontados com nossos dados.

Quadro 28 – Morfemas de partes do corpo

Morfemas partes do corpo	Significado
-heve	‘pé’
-ihi	‘cauda’
-ine	‘lábio’
-inuku	‘testa’
-ke’e	‘costas’
-keno	‘ouvido’
-kiri	‘nariz’
-koxe	‘corpo, tronco’
-kuno	‘quadril, coxa’
-mujo	‘garganta’
-naka	‘nuca’
-nene	‘língua’
-no’e	‘cintura’
-noke	‘garganta’
-none	‘rosto’
-ope	-osso
-paho	‘boca’
-pu’i	-cabeça

(continua)

(conclusão)

-puhu	‘joelho’
-sene	‘urina (talvez’ bexiga ‘)
-tere	‘nádegas’
-toko	‘nuca’
-uke	‘olhos’
-vo’u	‘mãos’
-xa’a	‘peito’

Fonte: Marcus (1994, p. 914) e adaptação de nossos dados.

181) none ‘rosto’

a) Ø=kipo-none-o-vo

3=lavar-rosto-VT-REFL

‘Ela lavou o seu (próprio) rosto.’

b) kipo-none-o-vo ne-Xuaum.

lavar-rosto-VT-REFL FOC.D-João

‘João lavou o rosto.’

182) paho ‘boca’

a) Ø=timaru-paho-x-o-vo

3=lamber-boca-VBLZ-VT-REFL

‘Lambeu a boca.’

183) ine ‘lábios’

a) Ø=timaru-ine-x-o-vo ne-kalivôno

3=lamber-lábios-VBLZ-VT-REFL FOC.D-criança

‘A criança lambeu os lábios.’

184) pú’i ‘cabeça’

a) Ø=kalaká-pu’i-k-o-vo-ti vo’oku otúko

3=molhar-cabeça-VBLZ-VT-REF-DUR motivo calor

‘Ele está molhando a cabeça por causa do calor.’

b) ngipo-pú’i-k-o-vo-ti-mo

1/lavar-cabeça-VBLZ-VT-REF-DESC-IRR

‘Eu vou lavar a cabeça.’

6.4.10.5 Classificadores

Os classificadores, segundo Danielsen (2007), são um fenômeno que têm sido estudado em inúmeras línguas Arawak, como também em línguas amazônicas. A pesquisadora afirma que os classificadores Baure se afixam em numerais e adjetivos e são parte de substantivos e se incorporam aos verbos. Os classificadores também podem ser considerados “classificadores verbais”, que “não classificam o verbo em si, mas sim um dos argumentos nominais do verbo” (GRINEVALD, 2000, p. 67).

Em Terena, não entendemos como classificador verbal quando se trata de um argumento nominal no verbo, mas sim uma incorporação (cf. 6.4.10.4). É importante destacar que muitas vezes o item tratado como incorporação em outra situação funciona como classificador, como, por exemplo, *pu'i*, que, em uma situação como *em ngipo-pú'i-k-o-vo-ti-mo*, ‘Eu vou lavar a cabeça.’, funciona como um argumento do verbo. Contudo, em um caso como *y=oye-pú'i-k-o-ti ko'ee*, ‘Você está cozinhando batata.’, não temos no verbo *pu'i* um argumento, mas sim o vemos como classificador, concordando com o argumento que, nesse caso, é *ko'ee*, ‘batata’.

Em *Aprenda Terena I* (1979) surge, na literatura que trata sobre a língua Terena, pela primeira vez, algo com relação aos morfemas classificadores; contudo, as pesquisadoras não os tratam como classificadores, mas como qualificadores. Para elas, esses qualificadores atribuíam aos verbos distintos significados, ora vinculados a partes do corpo, em outros momentos a categorias físicas. Nesse trabalho se levantaram setenta morfemas. Seguem alguns exemplos retirados do ‘Aprenda Terena I’:

185) Partes do corpo, por exemplo: -povo ‘ombro’ e -noke ‘pescoço’ (Ap. Terena I, p. 144)

a) ombé-povo

1/osso-ombro

‘Minha omoplata (osso do meu ombro)’

b) Ø=opé-noke

3=osso-pescoço

‘Osso do pescoço dele’

186) Categorias físicas, por exemplo: -pu'i ‘cabeça’ (Ap. Terena I, p. 144)

190) Outras categorias (ex., 24, p. 917)

haká + ke + ti ne pêixo

3p.black CL:many dur sub.marker beans

‘The beans are black.’⁴⁶

6.4.10.5.1 Uma releitura sobre os classificadores em Terena

A partir da leitura dos trabalhos supracitados, com a coleta de novos dados,⁴⁷ seguindo em parte a análise de Marcus (1994) sobre os classificadores, apresentamos uma divisão dos morfemas apresentados por Ekdhal e Butler (1979) em três situações: i) incorporação (cf. 6.4.10.4), ii) classificadores, e iii) compostos. Isso tendo em vista que Marcus (1994) incluiu todos os morfemas qualificadores que estão em *Aprenda Terena I* como classificadores.

Aikhenvald (2000) aponta que o classificador verbal necessita categorizar um nome que geralmente está em função de S (sujeito intransitivo) ou O (objeto direto) em termos de sua forma, consistência e animacidade. Como a autora exemplifica por meio da língua Waris (Papuan), mostrando como o classificador *put-*, ‘objetos redondos’, é usado com o verbo ‘pegar’ para caracterizar o argumento ‘coco’.

191)

sa ka-m put-ra-ho-o

coco 1SG-para VCL:ROUND-GET-BENF-IMPERATIVE

‘Give me a coconut.’ (lit. ‘coconut to-me round.on-give’)⁴⁸

Em Terena, os classificadores concordam com o argumento (O) fazendo referência à sua propriedade física ou localização. Nos exemplos a seguir justificamos o motivo pelo qual separamos os morfemas classificadores de incorporação. Nos exemplos 192 a 194 temos morfemas parte do corpo que atuam ora como incorporação, ora como classificador e como verbo descritivo.

⁴⁶ Trad.: ‘Os feijões são pretos.’

⁴⁷ Boa parte de nossos dados foram extraídos a partir de conversas com falantes via redes sociais.

⁴⁸ ‘Pegue-me o coco.’ (lit.: ‘o coco para mim redondo-dê).

várias línguas, inclusive nas línguas Arawak, implica um aumento de valência, como também o benefactivo. O recíproco, reflexivo e o passivizador alteram a valência verbal, diminuindo-a. O causativo e o benefactivo, geralmente não alteram muito o significado do verbo. À semelhança do Baure (DANIELSEN, 2007), os dois afixos estão na fronteira entre o domínio derivacional e o flexional. O prefixo causativo precede diretamente da base do verbo e os morfemas: benefactivo, passivo e o recíproco ocorrem sufixados.

6.4.10.6.1 Causativos

Dixon (2000, p. 33) apresenta três tipos de causativos: lexical, morfológico, sintático e o realizado por construções verbos seriais causativos. O autor, ao apresentar as discussões, afirma que

[...] causativos marcados por um processo morfológico aplicado ao verbo da oração subjacente, então prossiga para discutir causativos que envolvem dois verbos constituindo um único predicado, então construções causativas biclausais (ou perifrásticas). [...] pares lexicais que estão em relação causal e para verbos ambitransitivos do tipo S = O, que podem ser considerados como causativos. [...] examinamos a linguagem que arquiva um efeito causal ao trocar os auxiliares pelo acompanhamento de um verbo léxico. (DIXON, 2000, p. 33, tradução nossa).⁴⁹

6.4.10.6.2 Causativo morfológico

Existem dois morfemas causativizadores, *ko-* e seu alomorfe *~ka-* ocorrem com verbos descritivos e, conseqüentemente, aumentam a valência verbal. O morfema *i-* (e seu alomorfe *~o-*) reduzem a valência quando afixado ao verbo transitivo, mas a aumenta quando em um verbo intransitivo (cf. 5.4.4). Com isso, nossa análise segue por outra direção às apresentadas por Butler e Ekdahl (2012 [1979]:136), em que analisam o morfema *ko-* (*~ka-*) como transitivizador e, em outros momentos, como causativo, nós só o analisamos como causativo.

Os itens transitivizados analisados pelas linguistas são verbos descritivos que, ao serem prefixados pelo causativo *ko-*, há aumento de valência, o que é atestado pelo aparecimento de O (cf. 6.4.4)

⁴⁹ “[...] causatives marked by a morphological process applied to the verb of the underlying clause, then go on to discuss causatives that involve two verbs making up a single predicate, then biclausal (or periphrastic) causative constructions. §2.4 looks at lexical pairs that are in causative relation, and at ambitransitive verbs of type S=O, which can be regarded as causatives. In § 2.5 we look at language that archive a causative effect by exchanging the auxiliaries with accompany a lexical verb.” (DIXON, 2000, p. 33).

6.4.10.6.2.1 Verbos descritivos

199)

a) **nga-laká'i-k-o=a-ti** ra-váhere
 1/CAUS-estar.molhado-VBLZ-VT=3O-DESC FOC.P-roupa
 ‘Eu estou molhando esta roupa.’

b) **kó-∅=tiu'i-k-o=a**
 CAUS-3=ser.duro-VBLZ-VT=3O
 ‘Ele o reforçou (Ele o deixou duro).’

c) **ka-∅=pasi-k-o=a**
 CAUS-3=esmagado-VBLZ-VT=3O
 ‘Ele o esmagou’

d) **xúna-ti** ne-hóyeno
 ser.forte-DESC FOC.D-homem
 ‘O homem é forte.’

e) **ka-xuna-k-o-nu-ti** ne-hóyeno
 CAUS-ser.forte-VBLZ-VT-1O-DESC FOC.D-homem
 ‘O homem está me fortalecendo. (O homem está fazendo eu ficar forte.)’

O morfema *i-* (~o-) funciona como um redutor de valência quando anexado a verbos transitivos, mas, quando afixado a verbos intransitivos, a sua valência é aumentada.

6.4.10.6.2.2 Verbos transitivos

200)

a) **ko-∅=tuvó-k-o-ti** úne
 CAUS.TRANS-3=-agitar- VBLZ-VT-DESC água

6.4.10.6.5 Morfema Passivizador

Na língua Terena há uma construção que pode ser interpretada como um passivo, que envolve o morfema passivo *-kono*. A construção passiva apresenta um agente desconhecido, causando algo como estado. O estado, por sua vez, é o resultado de uma ação e os verbos que passam a uma forma passiva são os de natureza transitiva. Quando o passivizador *-kono* se sufixar no verbo, verificamos que o objeto vai para a posição de S e há uma diminuição da valência, pois não há argumento O.

Payne (1997, p. 204-205) aponta para quatro tipos de formas de se fazer o passivo nas línguas, sendo eles: i) passivo pessoal, ii) passivo lexical, iii) passivos morfológicos e iv) outros tipos de se fazer a passiva.

A forma morfológica de passivização que encontramos em Terena se respalda na seguinte colocação de Payne (1997, p. 205) quando afirma que “[...] os morfemas passivos são algumas vezes derivados de cópulas ou de afixo/partículas que formam nominalizações a partir do paciente de um verbo.” (tradução nossa).⁵¹

Diante dessa colocação e observando a língua Terena, o que se tem é a cópula relacionada ao distanciamento *-kono* (~*-koxono*) com o sentido de lugar distante.

O morfema passivo, ao se afixar a um verbo transitivo, provoca um decréscimo da valência verbal, não mais tendo um argumento O, mas não somente isso, uma vez que o argumento O, quando na passiva, tem a função de S da passiva.

205)

kótu-ti	yaá-kono
se.quente-N.ESP	lá-DIST
‘Lá (longe) é um lugar quente.’	

206)

a) Ø=noí-x-o=pi
 3=ver-VBLZ-VT=2O
 ‘Ele te viu.’

⁵¹ “Passive morphemes are also sometimes derived from copulas or affixes/particles that form nominalizations on the patient of a verb.” (PAYNE, 1997, p. 205).

b) Ø=eke'e kó'-ino-koko
 3=estar.de.costa AUX.I-MOTIV-RECP
 'Eles estão de costas uns com os outros.'

c) v=isú-k-eo-koko
 1PL-luta-VBLZ-DUR- RECP
 'Lutávamos entre nós. (lit. nós lutávamos uns com os outros)

6.4.10.7 Morfemas de referência

Segundo Ekdahl e Butler (1979, p. 95), os morfemas *-eo* (~ *-iyeo*, *-íyeo*) concordam com a 1ª e a 3ª pessoas, enquanto que *-ii* (~ *-iyii*, *-íyii*) concordam com a 2ª pessoa. Eles foram analisados pelas autoras como morfemas referenciais; contudo, observamos que sua função vai além de referencial genérico colocado por elas: suas funções são de instrumento, assertivo e referencial temporal.

No exemplo a seguir podemos observar que o morfema *-iyeo* tem uma função de assertivo.

208)

hâina	êno	úne	itea	motóva-a
EXIST.NEG	muito	água	CONJ	ser.capaz/POT-REF

v=éno<iyeo>v=a=a

1PL-beber<1/3ASSRT>POT=3O

'Não tem muita água, mas é o suficiente para nós a bebermos.'

209)

a) kiyakáxe-ke	sím-ea	ne-Paulo
tarde-POSP	chegar-3.REF.PASS	FOC.D-Paulo

'Paulo chegou (naquele dia) à tarde.'

b) na	ník-ea	Péturu
QU	comer-3.REF.PASS	Pedro

'Quando foi que Pedro comeu?'

- c) áko yáxuna-iyea ne-hóyeno
 EXIST.NEG ser.forte-3.REF.PASS FOC.D-homem
 ‘O homem antigamente era forte.’

Para essa análise temos considerado os morfemas *-eo* (*-ea* forma potencial), *-ii* e seus alomorfes, também com a função de infinitivo, porém, como ainda se faz necessário mais testes, optamos por não os colocar junto ao modo.

210)

- a) Ø=poéha=a-ne Ø=kahá'a nik-ea naum kûre
 3=somente-3O- CONCL 3=querer comer-3.INF/POT carne porco
 ‘Ele deseja comer somente carne de porco.’

- b) Ø=kahá'a hók-eo=nu
 3=querer seguir-3.INF=1O
 ‘Ele quer me seguir.’

- c) p<e>réd-a-nu énxea ngo'ítuke-iyea
 <2>dar-VT=1O 1/ter.inteligência 1/trabalhar-3.INF/POT
 ‘Você me dê inteligência (capacidade) para trabalhar.’

- d) usó' kéyee x<e>né'e-2.iyii-nu
 estar.pronto <2>acompanhar-INF=1O
 ‘Você está pronta para me acompanhar?’

- e) usó' ngóyee njané'e-iyeo-pi
 1/estar.pronto 1/acompanhar-INF-NMLZ
 ‘Estou pronta para te acompanhar.’

Por fim, também apresentamos a função de instrumento, semelhantemente como afirmam Ekdhal e Butler (1979).

211)

- b) mbásiya koati-maka nóng-o-ne
 bacia da mesma forma-EQUIV 1/precisar-VT-CONCL
 ‘Eu preciso da mesma bacia.’

6.4.10.11 Morfema de intensidade

O morfema *-oxo* traz um sentido de intensidade, em alguns momentos indicando intensidade comparativa.

216)

- a) koa-ti uhapú’ite-oxo
 ser/estar-DESC ser.claro-INTENS
 ‘É muito claro.’
- b) kótux-o ína-po-oxo Xuâum
 estar.quente-VT PART.D-REFL-INTENS João
 ‘Ele está com calor, quanto mais João!’
- c) laka’ite-oxo
 ser.molhado-INTENS
 ‘Está muito molhado.’

6.4.10.12 Morfema *-pini*

Quando o morfema que se afixa ao verbo é *-pini*, há um conteúdo semântico que remete à ideia de esquecimento ou dúvida. O morfema *-pini* é atraído nas perguntas em que ocorrem as partículas interrogativas, ou quando há partículas de discurso (cf. 217 (b)). Na língua é possível utilizar também a forma verbal isolada *kóevoa*, ‘esquecer alguma coisa (objeto)’, ou inótoovo okóvo (notúkoa okóvo), ‘esquecer de alguém ou de fazer algo’.

217)

- a) ning-o-pini yuponi koeti-ke
 1/comer-VT-ESQU ser.cedo hoje-LOC
 ‘Será que comi hoje cedo?’

b) ná-mo-oye píh-ea óvo-ku
 QU-IRR-PERG ir-3.REF.PASS lar-NMLZ.LOC
 ‘Quando ele foi para casa?’

c) ako á-koe-ne-eye ya x<e>pákuke
 EXIST.NEG POT-AUX.I-CONCL-ARGUM CONJ <2>entre
 ‘Não foi dessa forma entre vocês.’

6.4.10.14 Morfema *-hi* pejorativo

O morfema *-hi* possui um conteúdo semântico relacionado a algo negativo e, quando sufixado ao nome, traz um sentido pejorativo ou depreciativo/preconceituoso.

220) Nomes

a) sêno ‘mulher’ → senó-hi ‘prostituta’
 seno-PEJ

b) haha’iti ‘preto’ → haha-hi-ti ‘quase preto’
 preto-PEJ-DESC

221) Verbos

a) piho-hí koé-ne-noe ûti
 ir-PEJ AUX.INTR-CONCL-PL 1PL
 ‘Nós todos fomos sem necessidade.’

b) sim-o-hi kôe ne-árunoe
 chegar-VT-PEJ AUX.I FOC.D-moça
 ‘A moça chegou sem motivo.’

6.4.10.15 Morfema benefactivo *-ino*

O morfema benetactivo *-ino* ‘BENF’ é um aplicativo e em várias línguas esse tipo de morfema é derivado de verbos transitivos ou intransitivos; com isso, ao afixar-se ao verbo

d) í-pik-o=a-ke

CAUS-ter medo-VT=3O-NMLZ

‘A coisa que faz ter medo.’

D) O morfema *-ke*, quando associado ao *-na*, traz a ideia de intensidade. Butler e Nancy (1979) os consideram como um só morfema *-kena*. Entendemos que o fato de já haver um morfema nominalizador *-ke* corrobora com a decisão da segmentação, tendo em vista que sempre a semântica da palavra traz a noção de algo intenso e/ou repetitivo.

226)

a) arúxu-ke-na-ti

ne-tamuku

morder-NMLZ-INTENS-DESC

FOC.D-cachorro

‘O cachorro é mordedor (quem sempre morde).’

b) koyúho-ke-na-ti

ne-hóyeno

falar-NMLZ-INTENS-DESC

FOC.D-homem

‘O homem falador (quem sempre fala).’

c) éha-ke-no-vo-ti

ne-kalivono

andar-NMLZ-INTENS-REFL-DESC

FOC.D-criança

‘O menino andador (quem sempre anda).’

E) O morfema nominalizador *-pe* tem a função de instrumental e ocorre com verbos transitivos.

227)

a) ehéhe-k-o-pe

serrar-VBLZ-VT-NMLZ.INS

‘Serrote’

b) énov-o-pe

beber-VT-NMLZ.INS

‘Copo’

c) kam-ó-pe

ouvir-VT-NMLZ.INS

‘Objeto para ouvir.’

F) O morfema nominalizador *-u.*, quando sufixado ao verbo, traz o significado de ‘algo é resultado de’.

228)

a) \emptyset =oréve-x-o

3=dever-VBLZ-VT

‘Ele deve.’

b) orevé-u

dever-NMLZ

‘Dívida’

c) \emptyset =úhe-o

3=trançar-VT

‘Ele fez crochê/trançar.’

d) úhe-u

trançar-NMLZ

‘Crochê, tricô.’

e) \emptyset =hoké-x-o

3=enfeitiçar-VBLZ-VT

‘Ele enfeitiçou.’

G) O morfema *-ti*, além das funções aspectuais, descritivo, de posse não especificada, também foi encontrado na função de nominalização agentiva, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

229) Anexo 18, Aprenda Terena II.

a) \emptyset =arúxu-k-o

3=morde-VBLZ-VT →

a₁) arúxu-kena-ti

morde-HAB-NMLZ.AG

‘Ele morde.’

‘Mordedor’

b) Ø=oyé’e-k-o

b₁) oye’e-k-o-ti

3=cozinha-VBLZ-VT →

cozinha-VBLZ-NMLZ.AG

‘Ela cozinha.’

‘Cozinheira/o’

c) Ø=hopú-x-o

c₁) hopú-x-o-kena-ti

3=sonha-VBLZ-VT →

sonha-VBLZ-VT-HAB-NMLZ.AG

‘Ele sonha.’

‘Sonhador’

6.5 Advérbios

Os advérbios “são palavras invariáveis, que eventualmente aparecem na sentença como parceiras do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio” (CASTILHO *et al.*, 2014, p. 267). Do ponto de vista semântico, eles “cobrem uma gama extremamente ampla de conceitos” (PAYNE, 1997, p. 69). Payne (1997) aponta, com essa colocação, que os advérbios são uma categoria ampla. Todos os itens que foram atribuídos a essa classe são morfemas lexicais livres que se referem ao tempo ou ao local de um evento. Ademais, é possível observar que existem muitas outras palavras nessa classe que se referem ao aspecto, à avaliação epistêmica, ao modo, à intensidade ou à quantidade de um evento.

A classe dos advérbios é semifechada. Algumas subclasses são muito pequenas e fechadas, como os advérbios de lugar, e outras são maiores, como os advérbios temporais. Apesar de suas propriedades semânticas variadas, os advérbios podem, no entanto, ser identificados como um grupo coeso de raízes pelas propriedades morfossintáticas que compartilham.

Quadro 31 – Classificação dos advérbios

Advérbio de Lugar			
yaáye	‘aqui’		
yaáko	‘ali’		
yaákono (~ yaákoxo)	‘ali longe’		
yaákene	‘para cá’		
yaátike	‘para lá’		
Advérbios de Maneira			
rápido/rapidamente	‘xuxápati’	suavemente	‘úhepeti’
devagar/vagarosamente	‘he’okovoti’	frequentemente	‘heú koeti’

silenciosamente de novo/novamente intenso/intensamente	‘yunuku koeti’ ‘po’ipoikomaka’ ‘hánati’	sempre	‘koyekune’
Advérbios temporais			
ontem amanhã cedo de manhã de tarde longe longo tempo	‘kiyakáxeke’ ‘ihâroti’ ‘yuponiti’ ‘yupóni koeti’ ‘kíyo’i kaxe’ ‘akoti malíka’ ‘úmoti’	antigamente recentemente futuramente anterioridade de repente	‘mekuke’ ‘inâa’ ‘tumuneke’ ‘neko’ ‘apé’koéne

Advérbio qualificadores			
sozinho pouco bastante muito bem mal alto baixo	‘pohuxovoti’ ‘ako axú’ina’ ‘énoti, yupihovo koe’ ‘koâti’ ‘únati’ ‘ako aúnnati’ ‘hónoti’ ‘hahakovoti’		

Fonte: Dados da pesquisa.

6.5.1 Advérbio de lugar

Os advérbios de lugar variam a partir da forma única *yaa*, que indica ‘lá’, já apontado por Ekdahl e Butler (1979, p. 68) como demonstrativos. Tratamos como advérbios de lugar em virtude de sua função de localização espacial. Esses itens lexicais, como coloca Oliveira (2009), “permitem perceber o grau maior ou menos proximidade que se estabelece no plano topológico, tomando como ponto de referência o lugar em que o locutor se encontra.” Assim, teremos os seguintes advérbios derivados de *yaa*: *yaáye* ‘aqui’, *yaáko* ‘ali’, *yaákono* (~*yaákoxo*) ‘ali longe’, *yaákene* ‘para cá’, *yaátike* ‘para lá’.

230)

- a) *yaáye* ‘aqui, neste local’
pi’âne *xoínae* *v=óv-o* *yaáye-ke*
dois anos 1PL=morar-VT aqui-POSP
‘Nós estamos morando aqui há dois anos.’

- b) êno úhepeti yaáye
 muito ser.tranquilo aqui
 ‘Aqui é muito tranquilo.’

6.5.2 Advérbio de maneira

Os advérbios de maneira compartilham a propriedade semântica de descrever como uma ação foi realizada. As raízes do advérbio de maneira modificam uma ação especificando a intensidade, a velocidade, o volume (aural) ou o aspecto (por exemplo, iteratividade, repetição) com o qual o evento foi realizado.

231)

- a) ápee hánati irúti
 EXIT.AFIR intensidade cupim
 ‘Há grande cupim.’

6.5.3 Advérbio temporal

Os advérbios de tempo (ou temporais) referem-se a partes de um dia e a períodos mais curtos ou mais longos na vida de uma pessoa ou grupo de pessoas em relação ao evento tratado. Além disso, temos a referência dêitica, como veremos a seguir:

O advérbio temporal *neko*, *mekuke* (~*meko*) tem como um de seus significados um uso dêitico. Refere-se a um tempo anterior ao ponto de referência dêitico. O centro dêitico padrão é o ato da fala, mas, em certas circunstâncias, pode ser algum outro ponto de referência temporal.

232)

- a) ma-hi kauná-k-o-pa=a **neko** étukuna úne
 QU-REP consertar-VBLZ-VT-PSDR/POT=3O anteriormente trem água
 ‘Dizem que foi ele que consertou o barco.’

- b) ya **méku-ke** ôriti xapáku-ke ûti
 P.D longo-POSP tempo atrás-POSP 1PL

ituk-ó-vo-ti húndaru
 ser.VT-REFL-DESC soldado

‘Antigamente era raro tornarmo-nos soldados.’ (cartilha 9, “A necessidade de soldados.” - Nókone itukeovoti húndaru, s/p).

6.5.4 Advérbios qualificadores

Em Terena, a qualificação é realizada por um conjunto de advérbios que indicam quantidade. Ainda há muito a ser verificado e discutido em relação a esse grupo de palavras qualificadoras. Podemos observar uso de diferentes itens lexicais, por exemplo, para ‘muito’, quando modifica o verbo, usa-se *koati* (233 (b) e (c)), mas quando para nomes ou locução nominal usa-se *eno* (cf. 233 (a)), como pode ser visto a seguir:

233)

a) êno nakáku ovongú-ke
 muito arroz 1/casa-POSP
 ‘Na minha casa tem muito arroz.’

b) koâti nik-ó-ti ne-kalivôno
 muito comer-VT-DESC FOC.D-criança
 ‘A criança come muito.’

c) koâti exóke-ti ne-séno kalivôno
 muito ser.bonito-DESC FOC.D-mulher criança
 ‘A menina é muito bonita.’

d) pí’a pih-o híy-ea ne-hóyeno koati
 dois ir-VT dançar-3.INF FOC.D-homem muito

 exo-a-ti ne-mohikénati
 conhece-3.REF-DESC FOC.D-dança
 ‘Dois homens que conhecem bem a festa.’

7 SINTAXE

A ordem sintática em Terena é VOS e, segundo Cardoso (2017, p. 70), “as funções gramaticais SAO são codificadas pelo mecanismo de referência cruzada que aponta para um alinhamento nominativo/acusativo.” A autora ainda acrescenta que o “mecanismo de ordem dos constituintes, a língua Terena manifesta uma ordem preferencial, não dominante, capaz de variar.” E conclui que a ordem VS/VAO ocorre com SNs plenos, enquanto que “s-V/A-V-O para argumentos que são pronominais.” (CARDOSO, 2017, p. 70). Com isso, temos um sistema de marcação pronominal de sujeitos e objetos no verbo. Ainda, acrescentamos que há uma mudança de ordem para AVO ou AOV quando há uma ocorrência de foco realizada por *enepo*, fazendo com que A seja promovido para antes do verbo, ao início da sentença. Diante disso, temos o alinhamento gramatical como sendo nominativo-acusativo e não há marcação morfológica de caso.

234)

V	O	A
a) komómo-ti	kalivôno-hiko	ne-sêno
olhar-DUR	criança-COL	FOC.D-mulher
‘A mulher está olhando a criança.’		

V	O	A
b) noí-x-o-ne	pohúti	sîni ne-tamuku
ver-VBLZ-VT-CONCL	apenas	onça FOC.D-cachorro
‘O cachorro viu somente a onça.’		

235)

V	S
a) pih-o-pô	ne-ândi
ir-VT-DESL	FOC.D-irmã mais nova
‘Minha irmã foi embora.’	

V	S
b) híyoke-x-o-ne	ne-sâya
dança-VBLZ-VT-CONCL	FOC.D-cervo
‘O cervo dançava.’	

236) s/V; A/V-O

s/V

a) íngoro-k-o-vo

cai-VBLZ-VT-REFL

'Eu cai (sozinho)'

A/V

O

b) Ø=vané-x-o-ti

kâvo

3=compra-VBLZ-VT-DUR

sabão

'Ele está comprando sabão.'

Como dito anteriormente, a ordem canônica é VOS, contudo, quando observamos as histórias, os mitos e as falas espontâneas, é muito comum a inversão e a ordem por meio do topicalizador *enepo*. Com isso, A ou S são deslocados à esquerda do verbo, sempre próximo do tópico.

237)

A

V

O

a) [enepo ne-homoéhou]_{SN} [[koépe-k-o] tîpe]]_{sv}

TOP FOC.D-rapaz matar-VBLZ-VT cervo

'O moço matou um cervo.' (Contos e lendas)

A

V

O

b) [enepo ra-tuîti névoe]_{SN} [[poréxo-a [pi'a kó'iyeevo névoe]]_{sv}

TOP-FOC rede algodão pertencer-3.REF dois tipo algodão

'A rede de algodão tem dois tipos de algodão.' (cartilha 14, Tuîti 'rede')

A/V

O

c) Ø=kómóm-o-ti

hóyeno

3=olhar-VT-DUR

homem

'Ele está olhando o homem.'

V/O	A
d) komom-a=â-ti	hóyeno
olhar-VT/POT=3O-DUR	homem
‘O homem está olhando-o.’	

7.1 A relação gramatical dos morfemas *ne-* e *ra-*

Os morfemas *ne* e *ra* possuem função morfossintática e, até o momento, são analisados pelos pesquisadores que estudaram a língua Terena como sendo ora demonstrativo ora artigo. Como demonstrativo apresentamos em 5.4. Em *Aprenda Terena I*, Butler e Ekdhal (1979, p. 127) afirmam que estes morfemas são artigos, inclusive os apresentam como sendo indefinido e definido. As pesquisadoras defendem que eles têm como função marcar ou indicar o sujeito ou objeto de uma cláusula. Outros pesquisadores seguiram estas mesmas colocações das pesquisadoras.

Em nosso trabalho, observamos que estes morfemas *portmanteau* possuem duas funções, uma de evidencialidade, pois indicam o distanciamento ou não do acontecimento, ou seja, aquilo que é visto ou não. *ra-* indica proximidade do acontecimento, o enunciador presenciou o ocorrido, ou que está ocorrendo próximo a ele. Enquanto para *ne-* há o distanciamento, uma vez que é algo reportado, algumas vezes também indica que o enunciador o está presenciando, mas o ocorrido está muito distante. Nestes dois casos, pode-se resgatar traços do demonstrativo *ra'a* ‘este(a), isso, isto’ e *ne'e* ‘aquele(a), aquilo’ (cf. I5.4.1.1).

Como função sintática, estes morfemas ora marcam o sujeito, ora o objeto. Quando a oração for com verbo transitivo, há a ocorrência de dois argumentos, se o verbo não for sufixado pelo morfema de terceira pessoa objeto (*-a*), *ne-* ou *ra-* virá sempre marcando A, como podemos ver a seguir.

238) Verbo transitivo

V.Tr	O	A
a) koépe-k-o	sîni	ne -hóyeno
matar-VBLZ-VT	onça	FOC.D homem
‘O homem matou a onça.’		

V.Tr	A	O
b) koépe-k-o	ne- sîni	hóyeno
matar-VBLZ-VT	FOC.D onça	homem
‘A onça matou o homem.’		

V.Tr	A	O
c) koépe-k-o-a	sîni	ne- hóyeno
matar-VBLZ-VT-3O	onça	FOC.D-homem
‘A onça matou o homem.’		

	V.Tr	A	O
d) ina-mo	ning-a-a	hóvenoeno	ra- sépara
PART.D-IRR	comer-VT/POT-3O	velha	FOC-milho/POT
‘Então, a velha comerá o teu milho!’			

Com o verbo intransitivo, o marcador ocorrerá em S (cf. 239). Mesmo havendo um complemento, S continuará focalizado (cf. 239c).

239) Verbo intransitivo

V.I	S
a) pih-ó-po-ne	ne- sêno
ir-VT-DESL-CONCL	FOC.D-mulher
‘A mulher já foi embora.’	

V.I	S
b) haha-pú’i-ti	ne- tapî’i
ser.preto-CL:redondo-DESC	FOC.D-galinha
‘A galinha é preta.’	

V.I	SP	S
c) imó-k-o-po	yâ-kene	ra- njé’a
dormir-VBLZ-VT-DESL	viagem-POSP	FOC-1/filho
‘Meu filho dormiu na viagem.’		

- d) kiyakáxe-ke sím-ea **ne**-Paulo
 tarde-POSP chegar-3.REF.PASS FOC.D-Paulo
 ‘Paulo chegou (naquele dia) à tarde.’

No caso de o argumento A for um clítico, os morfemas *ne-* ou *ra-* ocorrerão sempre no objeto, mas quando o clítico está na posição de O, o argumento A não será marcado.

240)

- | | |
|---------------------------------------|--------------------|
| A/V | O |
| a) ∅=au-pú'i-k-o=a-ti | ne -ímbovo. |
| 3=rolo-CL:redondo-VBLZ-VT=3O-DESC | FOC.D-1/roupa |
| ‘Ele tem a trouxa das minhas roupas.’ | |

- | | |
|----------------------|----------------------|
| A/V | O |
| b) namu-ng-o-a | ra -enovópeti |
| 1/pegar-VBLZ-VT-3O | FOC-copo |
| ‘Eu segurei o copo.’ | |

- | | |
|---------------------------|--------|
| V/o | A |
| c) komom-a=â-ti | hóyeno |
| olhar-VT/POT=3O-DUR | homem |
| ‘O homem está olhando-o.’ | |

7.2 As orações e suas estruturas

Abordamos, aqui, os diferentes tipos de orações e, posteriormente, as suas combinações, tendo em vista a análise dos tipos de oração e como se estruturam os argumentos em diferentes tipos de material textual – como narrativas, histórias pessoais e, quando possível, diálogos coletados –; no entanto, esta análise foi feita, principalmente, a partir de diálogos retirados de materiais publicados, como cartilhas e livretos. Algumas orações também são parte de material de licitação realizado no começo da pesquisa.

Começamos com as orações simples e, como anteriormente já definimos as possíveis ordens dos constituintes e dos argumentos centrais, não voltamos a tocar nessa questão a não ser em casos específicos, quando necessário. Nesse cenário, apresentamos desde as orações simples até as complexas, as existenciais, as negativas e as imperativas, bem como os vários tipos de construções interrogativas, que são outro tipo de orações não declarativas. Finalmente, as orações em narrativas e conversas apresentam algumas características específicas com o apego de enclíticos orais e a repetição de predicados ou partes do enunciado.

7.2.1 Orações simples

Uma oração simples em Terena consiste minimamente em um predicado. Esse predicado pode ser verbal ou não verbal. Devido às ocorrências de referência cruzada, há oração com apenas um predicado, mas sem argumentos explícitos. A ordem dos argumentos predicado internamente pode ser analisada como SVO, que não é idêntica à ordem de argumento preferencial de argumentos explícitos.

241)

- a) \emptyset =komom-ó=nu-ti
3=olhar-VT=1O-DUR
'Ele está me olhando.'
- b) unati'ngóyee
1/estar.bem
'Eu estou bem.'
- c) \emptyset =vané-x-o=nu
3=comprar-VBLZ-VT=1O
'Ele comprou para mim.'
- d) vané-nj-ino=pe=a
1/compar-VBLZ-BENF=2O=3O
'Eu o comprei para você.'

7.2.1.1 Orações intransitivas

Nas orações intransitivas, o verbo elenca apenas um argumento nuclear, sendo este S (o sujeito do verbo). Como é possível observar no exemplo 24 (a), o pronome de primeira pessoa do plural *v-* vem prefixado ao verbo, exercendo a função de S, com a ordem S-V; em (b) o pronome ocorre livre e segue a ordem canônica VS.

Oração intransitiva com o pronome na função de S ligado ao verbo e livre

242)

- a) *v-íhika-x-o-pono-vo*
 1PL=estudo-VBLZ-VT-DIR-REFL
 ‘Nós fomos estudar.’
- b) *píh-o-po ùti*
 ir-VT-DIR 1PL
 ‘Nós fomos embora.’

Quando há a ocorrência do pronome enfático, ou do topicalizador *enepo*, A é atraído para o início da oração (243 e 244). Dessa forma, a ordem será sempre SV, como podemos observar nos exemplos a seguir:

243)

- a) *undí-mo píh-o-pô*
 1.ENF-IRR ir-VT-DIR.
 ‘Eu mesmo que fui embora.’
- b) *íti ihíka-x-o*
 2.ENF ensina-VBLZ-VT
 ‘É você que ensina.’

244)

- a) *koyúh-o-ti ne-hóyeno*
 falar-VT-DUR FOC.D-homem
 ‘O homem está falando.’
- b) *enepo-ne hóyeno koyúh-o-ti*
 TOP-FOC homem falar-VT-DUR

‘É o homem que está falando.’

- c) vatá’-kóyee ne-Xuâum
 sentar-EST FOC.D-João
 ‘O João está sentado.’

7.2.1.2 Orações intransitivas descritivas

As orações intransitivas descritivas ocorrem a partir de itens lexicais verbais que são núcleo da locução e se diferem dos verbos intransitivos em geral, sendo também denominados adjetivos predicativos. Esses verbos selecionam um argumento externo.

245)

- a) uhé'ek-o-ti ra-hixôe
 ser.bonito-VT-DESC DEM-vestido
 ‘Este vestido é bonito’
- b) xuna-ti-mo ne-mbolá-x-o-ti
 ser.forte-DESC-IRR FOC.D-bola-VBLZ-VT-N.ESP
 ‘O jogador ficará forte.’ (lit. aquele que joga será forte)
- c) movó'i-ti-ne rakéne
 ser.seco-DESC-CONCL tempo
 ‘O tempo está seco.’

Nas orações intransitivas descritivas, o verbo descritivo tem a função de núcleo do predicado, como podemos ver nos exemplos abaixo.

246)

- a) [hopú'i-ti]_{SV} [koyúhope ne-Aronaldo]_{SN}
 ser.branco-DESC livro FOC.D-Aronaldo
 ‘O livro do Aronaldo é branco.’
- b) [hó-hopu kóyee]_{SV} [koyúhope ne-Aronaldo]_{SN}

INTENS-ser.branco EST livro FOC.D-Aronaldo
 ‘O livro do Aronaldo é bem branco.’

Nas orações intransitivas descritivas, o verbo descritivo pode mudar de valência devido à prefixação do causativo (cf. 247 (c)), que exigirá também a sufixação do verbalizador transitivo, o que faz com que a oração se torne transitiva, diferentemente dos exemplos 247 (a) e (b).

247)

a) harará'i-ti ra-njixo
 ser.vermelho-DESC DEM-1/vestido
 ‘Este meu vestido é vermelho.’

b) vane-nj-o harara'i-ti njixo
 1/comprar-VBLZ-VT ser.vermelho-DESC 1/vestido
 ‘Eu comprei esse meu vestido que é vermelho.’

c) nga-harara'i-k-o=a-ti-mo ra-njixo
 1/CAUS/POT-ser.vermelho-VBLZ-VT=3.REF-DESC-IRR DEM-1/vestido
 ‘Eu vou fazer esse meu vestido ficar vermelho.’

7.2.1.3 Oração transitivas

As orações transitivas são aquelas nas quais os verbos selecionam dois argumentos, sendo um possuidor da função sintática de sujeito (A) e o outro o objeto (O). Dryer (2014, p. 271) acrescenta que uma distinção entre as orações transitivas e intransitivas é o fato de que nas transitivas se tem objetos, enquanto as intransitivas não os possuem. O alinhamento sintático é, então, nominativo acusativo, como já abordado por Cardoso (2017), sendo que A=S e diferente para O.

Nas construções em que não há locuções nominais em função de A, diante do mecanismo de referência cruzada tem-se os afixos pronominais que correferenciarão a um SN na função de A ou S. Sendo assim, o Terena, segundo Cardoso (2017, p. 64), tem “a padronização entre as funções A e S, distinta de O, num alinhamento do tipo **nominativo-acusativo**.” A autora propõe um quadro que representa S, A e O, contudo, como em nossa

análise temos divergência quanto ao entendimento sobre a segunda pessoa, refizemos o quadro com nossa proposta, com base no quadro apresentado por Cardoso.

Quadro 32 – Pronomes de pessoa e número e suas funções em S, A e O

Pessoa e número	Prefixo Codifica (A=S) Nominativo	Sufixo Codifica (O) Acusativo
1SG	[+NASAL]	=nu
2SG	y= ou <i> ou <e>	=pi
3SG	∅-	=a
1PL	v-	=vi
2PL	y= -noe ou <i> ou <e> - noe	=pi -noe
3PL	∅=hiko	=a -hiko

Fonte: Adaptado de Cardoso (2017, p. 64).

248)

A /V	O
a) v-oré-k-o-ti	lete
1PL=tomar-VBLR-VT-DUR	leite
‘Nós estamos tomando leite.’	

A /V	O
b) ∅=kóyon-o-iyea	xe’éxa
3=cuidar-VT-3.REF.ANT/POT	filho
‘Ele cuidou do filho dela.’	

Nas orações transitivas, como nas intransitivas, o argumento A é precedido do morfema de foco distante *ne-*.

249) VO [ne=SN]_A

V	O	A
a) isuk-o	kalivôno	ne-sêno
bater-VT	criança	FOC.D-mulher
‘A mulher bateu na criança.’		

V	A	O
b) isúko	ne-kalivôno	sêno
bater-VT	FOC.D-criança	mulher
‘A criança bateu na mulher.’		

V	O	A		
c) enó'-iyea	pêyo	ne-Paulo	ya	Pánanake.
ter-ANT	animais	FOC.D-Paulo	lá	Bananal-LOC

‘Paulo tinha muitos animais lá no Bananal.’

Quando ocorre o pronominal enfático, a ordem segue a mesma que vimos quando há referência cruzada, ou seja, AVO.

250)

A	V-O
a) undi	oye'ek-ino=a-hiko
1ENF	cozinhar-BENF=3O-PL.

‘Eu mesmo cozinheiro para eles.’

A	V-O
b) ití-ne	isuk-ó=nu
2.ENF	bater-VT=1O

‘Foi você quem bateu em mim.’

7.2.1.4 Orações existenciais

Segundo Payne (1997, p. 126), “as línguas em geral empregam a estrutura existencial ou possessiva para expressar a noção de posse”. O autor afirma, ainda, que é comum o uso de cópula. Esse tipo de construção ocorre em Terena: uma oração existencial é aquela que possui verbo existencial como núcleo do predicado. As línguas, segundo Payne (1997, p. 123), reduzem as relações gramaticais em construções existenciais, tais como concordância verbal e marcação de caso.

251) Orações existenciais afirmativas

a) ápee	éxetina	sêno	áko-ti	xe'éxa
EXIT.AFIR	história	mulher	EXIT.NEG-DESC	filho

‘Há uma história de uma mulher que não teve filhos.’

- b) ápee k<e>yúho-pe
 EXIT <2>CAUS-escrever-NMLZ
 ‘Você tem livro/papel?’

252) Orações existenciais negativas

- a) ako ndiûketi-na
 EXIT.NEG 1/dinheiro-POSS
 ‘Eu não tenho dinheiro.’

- b) hâina êno úne itea motóv-a=a
 EXIST.NEG.POSS muito água CONJ ser.possível-VT/POT=3O
 v-éno-iyeo-va-a
 1PL.-beber-3.REF-REFL=3O
 ‘Não tem muita água, mas dá para nós a bebermos.’

7.2.1.5 Oração equativas

Seki (2000, p. 161) afirma que as orações equativas fazem parte das identificadoras e estas “consistem em dois nominais, um deles em função de predicado. Elas são usadas para expressar identidade, função, papel correspondendo a construções com o verbo ser e estar do Português.”. Diante disso, observamos que as equativas possuem predicado nominal nuclear, com o outro em função de O. Assim, esse tipo de oração diz respeito àquelas formadas por dois sintagmas nominais justapostos.

253)

- a) ítike ra-povô-ti
 2POSS/COP DEM-machado-N.ESP
 ‘Este machado é teu?’

- b) ihikaxoti ne-eungo
 ser.professor FOC.D-1/tio
 ‘Meu tio é o professor.’

c) ihikaxoti-meku ne-eungo
 ser.professor-ANT FOC.D-1/tio
 ‘Meu tio era professor.’

d) aneko anuku-ke sêno ne-nânga
 lá pescoço-POSP mulher FOC.D-1/colar
 ‘Meu colar está no pescoço daquela mulher.’

Quando se tem *enepo* que é o topicalizador, a ordem passa a ser AO, pois, como nas predicativas verbais, o A é atraído para o início da oração, como pode ser visto no exemplo a seguir.

254)

a) enepo ra-hóyeno ayó-hiko ra-pi'âti árunoe
 TOP DEM-homem ser.irmã de homem-PL DEM-dois moça
 ‘Este homem é irmão destas duas moças.’

7.1.1.6 Orações interrogativas

As línguas em geral seguem caminhos diversos para formar uma oração interrogativa (PALMER, 1986, p. 30). As interrogativas, em Terena, estão divididas em dois tipos: (i) questões sim/não. Esse tipo de oração é realizado sem um morfema interrogativo, utilizando-se apenas o padrão entonacional da língua; (ii) questões Qu-, utilizando-se palavras interrogativas do tipo: quem, qual, que etc.

7.1.1.6.1 Orações polares

Orações polares são aquelas que pedem uma resposta do tipo sim/não. Segundo Payne (1997, p. 295) as línguas empregam certas estratégias em relação a essas construções. Elas podem utilizar morfemas que indicam ser a sentença interrogativa, além de poderem utilizar a ordem sintática (CHISHOLM, 1984; PAYNE, 1997), podem usar estratégias suprasegmentais, como é o caso do português, em que a diferença de uma oração declarativa

de uma interrogativa é feita por meio da entonação, o que, segundo esses autores supracitados, é comum nas línguas do mundo. Em Terena, também é a forma entonacional para as sentenças polares que determinará ser uma interrogativa ou não.

255)

a) ako malika ne-Rio yaáye-ke
 EXIST.NEG ser.perto FOC.D-Rio longe-LOC

‘O Rio de Janeiro fica longe daqui?’

b) Ø=pohú-x-o-po-vo-ti yaákeneeye
 3=retorna-VBLZ-VT-DIR-REFL-DUR deslocamento

‘Ele voltou (sozinho) para cá?’

c) uhé'eko-ti-inopi ne-itunaé-vo-ti
 ser.bonita-DESC-BENF=2O DEM-flor-REFL-S.ESP

‘Essa flor (se tornou) bonita para você?’

7.1.1.6.2 Orações interrogativas do tipo QU

As interrogativas do tipo Qu- exigem do falante uma resposta mais elaborada do que as feitas por interrogativas polares (sim/não). No quadro abaixo, apresentamos as palavras interrogativas que, conseqüentemente, engatilham as orações interrogativas.

Observamos existir uma construção parassintética nas interrogativas com *na* e, para que se construa o significado, é necessária a ocorrência do sufixo -Vye. Quando esse morfema é sufixado diretamente na partícula, ocorre a realização de questão direta, como “Quando?”. Em construções complexas, o morfema -Vye ocorrerá sufixado nos verbos auxiliares transitivos e intransitivos, dependendo de se é de um argumento ou de dois argumentos, sempre no sentido de ‘Como?’; no sentido de “onde”, dependerá do verbo e do contexto pragmático da sentença. Já com o sentido de “Qual tamanho/quantidade?”, o morfema -Vye virá sufixado à base *itóvo*, porém, quando indica numeral, surge sufixado à base *ye-*, como pode ser visto na tabela abaixo.

Além disso, essa partícula, quando sufixada por *-ku*, tem o significado de ‘onde’ no sentido de lugar, contudo, quando no sentido temporal será sufixado por *-aye* para o realis e *-mooye* para o irrealis. No caso de *kuti*, apenas para o sentido de ‘o quê?’ é preciso sufixação com *-ya*.

Quadro 33 – Partículas interrogativas

Palavras interrogativas	tradução
kutiya	O que?
kuti	Do que? Quem? Qual motivo? Como?
naya na'aye namooye	Onde? (lugar) Quando? (modo realis) Quando? (modo irrealis)
na yé'a-aye	Quantos?
na koéne-eye na kixo-aye na itóvo-oye na itóvo-ne-eye na koeti'iye	Como (de que forma e pergunta com um argumento) Como (de que forma e pergunta com mais que um argumento) Qual tamanho? (contável) Qual tamanho (quantidade)? (incontável) Por quê?

Fonte: Dados da pesquisa.

256)

a) kuti pore-x-ó=pi v<í>-yii
 QU permitido-VBLZ-VT=2O <2>arrancar-2.INF
 ‘Quem te permitiu arrancar?’

b) kuti Ø=oyé'ek-o
 QU 3=cozinha-VT
 ‘O que ele cozinha?’

c) kutiya ratíkene
 QU descolamento/CF
 ‘Quem é aquele indo para lá?’

257)

a) na yé'a-ne-eye yén-ii Rio-ke
 QU NUM-INCONT-PERG deslocar-2.REF Rio de Janeiro-LOC.
 ‘Quantas vezes você tem ido ao Rio?’

b) na itóvo-oye ne-kalivôno
 QU tamanho-PERG DEM-criança

‘Qual o tamanho dessa criança?’

(248)

- a) na n<e>í-x-ii
 QU <2>ver-VBLZ-2.REF
 ‘Onde você o viu?’

7.2.1.7 Orações imperativas e hortativas

As construções imperativas são, segundo König e Siemund (2014, p. 327), “tipos de orações que expressam o que chamam de atos de fala quando são dirigidos a um destinatário, [...]. Alguns autores ainda ampliam esta definição restritiva e incluem mandato, solicitações etc.”⁵³ (tradução nossa). Os autores apontam que, tradicionalmente, os imperativos são tratados como hortativos, optativos, jucivos, entre outros, sempre relacionados à segunda pessoa.

As orações imperativas e hortativas podem ser afirmativas ou negativas. Um fator a se destacar é que o verbo atua no modo potencial, no caso das imperativas, em que o verbo é flexionado na segunda pessoa. Já no hortativo, ele surge na primeira pessoa do plural. Importante destacar que, nas orações imperativas, a vogal temática fica na forma potencial, como também o morfema reflexivo e as vogais dos morfemas que se sufixam, como pode ser visto no exemplo a seguir:

258)

- a) yúruk-a-pu
 2=entrar-VT/POT-REFL/POT
 ‘Entre!’

Também na forma potencial, como ocorre na negação, há o acréscimo da vogal potencial, sendo esta *a-(o-)*. Vejamos:

259)

- | | |
|--------------------|-------|
| a) yo-kóyono | yâti |
| 2=POT-cuidar irmão | menor |

⁵³ “En la mayoría de estudios se reserva el término “imperativo” para los tipos de oraciones que expresan dichos actos de habla cuando están dirigidos a un destinatario, en el sentido restringido del término (segunda persona). Algunos autores amplían esta definición restrictiva e incluyen mandatos, solicitudes, etc., dirigidas a la primera y a veces incluso a la tercera persona” (KÖNIG; SIEMUND, 2014, p. 327).

7.2.1.8.1 Condicional resultativo

Quando a condicional for negativa e tiver um resultado positivo, para esse caso se utilizará o *eneponi* mais a negação *hóko* ou *ako* e, com isso a oração no condicional não pede a forma potencial. Diante do tipo de condicional, o trataremos de condicional resultativo.

262)

a) *eneponi* *hóko-ti* \emptyset =*ihíka-x-o-vo*
 COND.RES EXIT.NEG-DESC 3=estudar-VBLZ-VT-REFL

áko-ni *éxone*
 EXIS.NEG-INCOMP conhecimento

‘Ele não saberia nada, se não tivesse estudado.’

b) *eneponi* *hóko-ti* *vane-nj-íno=a*
 COND.RES EXIT.NEG-DESC 1/comprar-VBLZ-BEN=3O

ako-ni *ináma-ti* *híxo*
 EXIS.NEG-INCOMP ser.novo-DESC vestido

‘Ela não teria um novo vestido, se ele não o tivesse comprado.’

O condicional, realizado a partir da negação *ako*, só ocorre com a sufixação de -‘o, como podemos observar nos exemplos a seguir:

263)

a) *vané-nj-o-a* *ra-imó’unjope* *xoko* *itukô=a-ti*
 1/comprar-VBLZ-VT- 3O FOC-prensa com fazer=3O-DESC

akô-’o *ind-a* *índuk-ea*
 EXIST.NEG-COND 1/alcançar-VT/POT 1/fazer-3.INF

‘Se eu não posso fazer (a prensa), eu compro a prensa.’

b) *akô-’o* \emptyset =*nik-e* *kasa-timo*
 EXIST.NEG-COND 3=comer-? ser.frio-DESC-IRR

‘Se não comer, vai esfriar.’

7.2.2 Orações complexas

As orações complexas distinguem-se em dois tipos: as coordenadas e as subordinadas. Há três tipos de cláusulas subordinadas: aqueles que funcionam como frases substantivas (chamadas de complementos), aquelas que funcionam como modificadores de substantivos (chamados de cláusulas relativas) e aqueles que funcionam como modificadores de frases verbais ou proposições inteiras (chamados de orações adverbiais).

7.2.2.1 Orações relativas

Uma oração relativa (OR), segundo Andrews (2007, p. 206), “[...] é uma oração subordinada que delimita a referência no SN especificando o papel da referência daquele SN na situação descrita pelo OR.” (tradução nossa).⁵⁵ Danielsen (2007, p. 399) afirma que parece ser comum em línguas VO haver uma oração relativa pós-nominal, como pode ser visto comparativamente nos exemplos em (264). Observamos que a oração relativa é nominalizada por *-ne* e a oração nominalizada pode ocorrer mudando tanto A quanto O. Com relação à ordem, pode-se verificar que, ao se ter uma oração relativa nominalizada, a ordem é AVO.

264)

a) omomb-o pohuti kali mayane kamo
 1/trazer-VT 1(um) ser.pequeno anta (igual cavalo)
 ‘Eu trouxe uma anta pequena.’

b) omomb-o pohuti [inzok-o-ne]_{OR} mayane kamo
 1/trazer-VT 1(um) 1/caçarVT-NMLZ anta (igual cavalo)
 ‘Eu trouxe uma anta que eu cacei.’

c) nik-o koputoe tapi'i ne-koexoe
 comer-VT ovo galinha FOC.D-cobra
 ‘A cobra comeu o ovo.’

⁵⁵ “[...] is a subordinate clause which delimits the reference of on NP specifying the role of the reference of that NP on situation described by the RC.” (ANDREWS, 2007, p. 206).

d) pone koexoe [nonj-o-ne]_{OR} nik-o-ti koputoe tapi'i
 EVID(?) cobra 1/ver-VT-NMLZ comer-VT-DESC ovo galinha
 'A cobra que eu vi comeu o ovo.'

e) itata-k-o ne-koputoe tapi'i
 quebrar-VBLZ-VT FOC.D-ovo galinha
 'O ovo da galinha quebrou.'

f) [pone veo-ne-m]_{OR} koputoe tapi'i itata-k-o
 ?? pegar-NMLZ-1 ovo galinha quebrar-VBLZ-VT
 'O ovo que eu peguei quebrou.'

7.2.2.1.1 Relativização sem nominalização

As orações relativas que não são nominalizadas ocorrem sempre seguidas do nome a que modificam e, diferentemente das ORs nominalizadas, a ordem permanece VAO.

265)

a) exoke-ti hoyeno
 ser.bonito-DESC homem
 'O homem é bonito.'

b) exoke-ti [ne-hoyeno [katara-k-o-vo]_{OR}]
 ser.bonito-DESC FOC.D-homem cuidar-VBLR-VT-REFL
 'O homem que se cuida é bonito.'

c) oye'e-k-o-ti ne-sêno
 ser.cozinhar-NMLZ-VT-N.ESP FOC.D-mulher
 'A mulher é cozinheira.'

d) oye'e-k-o-ti [ne-sêno [om-o-ti nikokono-ti]_{OR}]
 ser.cozinhar-NMLZ-N.ESP FOC.D-mulher trazer-VT-DESC comida-N.ESP
 'A mulher que trouxe comida é cozinheira.'

267)

a) [\emptyset =uke'é-x-o-ne \emptyset =komóhi-iyea]_{SUB}
 3=terminar-VBLZ-VT-CONCL brincar-3.REF.PASS

\emptyset =iváta-k-o-po

3=sentar-VBLZ-VT-REFL

‘Ele sentou-se novamente quando terminou de brincar.’

b) [unge'éxone ngipó-he-iyea]_{SUB}
 1/uke'é-x-o-ne 1/lavar-CL:roupa-3.INF

ánjik-o-po-vo

1/tomar banho-VT-DESL-REFL

‘Eu tomei banho quando terminei de lavar roupa.’

c) [ako-yea-ne injuk-a ra-kali mbepeke-na]_{SUB}
 EXIST.NEG-3.REF-CONCL 1/tocar-VT/POT FOC-ser.pequeno 1/tambor-POSS

valoso'ngix-ea

mareso-na

soltar-TRANS-3.REF.PASS

corda-POSS

‘Quando não estou tocando meu pequeno tambor, eu solto as cordas.’

7.2.2.4 Orações coordenadas

As orações coordenadas podem ser combinadas em Terena por meio da justaposição. A noção de justaposição é bastante direta: difere da subordinação porque consiste em agrupar duas orações independentes (ou seja, sentenças simples) sem uma marca formal. Essas orações são relacionadas pela conjunção *yoko*. Quando houver uma coordenada adversativa, esta será relacionada pela conjunção *kene*, como podemos observar a seguir:

268)

a) [ivókovo-ne mbêyo tamúku]_{Or1} **yoko**
 morrer-CONCL 1/criação cachorro CONJ

[koati exoti kopíye neko mbêyo]_{Or2}
 realmente treinado tatu DEM 1/criação

‘O meu cachorro morreu e minha criação sabia caçar tatu.’

b) Ø=poéhaane Ø=véy-ea mótoru **yoko** Ø=ísoiy-ea
 3=só 3=irar-3.REF casca CONJ 3=carpir-3.REF.PASS

‘É só ele tirar a casca e ele só carpir.’

c) [enepora árunoe mayane purútuye]_{Or1}
 TOP jovem igual não-indígena

kene [haina purútuye]_{Or2}
 CONJ EXIST.NEG EXIST.NEG não indígena

‘Esta moça parece brasileira, mas não é brasileira.’

d) [ítive-ti ne-náranga]_{Or1} **kene**
 ser.doce-DESC FOC.D-laranja CONJ

[ne-limão ako a-ítive]_{Or2}
 FOC.D-limão AUX.NEG POT-ser.doce

‘Laranjas são doces, mas limões não são doces.’

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos um apontamento linguístico da língua Terena. Primeiramente, buscamos tratar do contexto sociocultural do povo e da língua falada. Os falantes Terena se encontram em todas as aldeias, pois, mesmo naquelas consideradas não falantes, ainda há lá idosos e alguns de seus filhos, homens e mulheres, que ainda a falam. Apenas na região de Miranda-MS e de Aquidauana-MS há aldeias em que todos seus habitantes são falantes, desde idosos até as crianças. Independente de falarem ou não, em todas as aldeias, nas escolas, há a disciplina Língua Terena, ministrada desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Diante disso, ao compararmos o quantitativo de pessoas da etnia terena, aproximadamente 26 mil, menos da metade se declaram como falantes, e isso nos aponta que a língua se encaixa como em perigo de extinção.

A língua apresenta um sistema fonológico complexo e possui uma morfologia rica própria de línguas aglutinantes e polissintéticas. Os morfemas verbais possuem uma grande variedade de funções, como pode ser visto na seção sobre o Verbo, que é extenso devido à sua riqueza morfológica.

Primeiramente, abordamos uma introdução geral sobre a morfologia, a morfologia do substantivo e a morfologia do verbo, com a finalidade de apresentarmos, de forma geral, como se posicionam os afixos nessa língua. É essa riqueza de formas morfológicas e de suas funções específicas que conferem ao Terena, como dito anteriormente, características associadas às chamadas línguas polissintéticas. Nomes e verbos podem ser motivados de forma independente, como classes gramaticais com distintos aspectos morfológicos, bem como bases sintáticas. Os advérbios, por outro lado, não apresentaram uma morfologia própria, mas, como pudemos ver, atraem morfemas verbais, da mesma forma que as partículas interrogativas e os verbos auxiliares e existenciais.

Os morfemas presos comumente ocorrem com propriedade de argumentos internos e externos, como é o caso dos clíticos, por exemplo, nos quais a distribuição complementar é encontrada entre os marcadores pronominais sujeito/objeto e expressões de sujeito/objeto pré-verbais correferenciais, ou marcadores de sujeito/possuidor.

Duas características da morfossintaxe da língua podem ser consideradas um tanto particulares. Primeiro, certas formas dos nomes inalienáveis são usados produtivamente como parte de nomes ligados aos verbos e nomes. Esses tipos de nomes foram analisados como incorporações nominais, uma proposta de análise até então não abordada por nenhum dos

pesquisadores da língua Terena. Também trouxemos os classificadores, propostos primeiramente por Ekdhal e Butler (1979) como qualificadores e, posteriormente, por Marcus (1994) como classificadores, mas nenhum deles separou as incorporações dos classificadores, analisando-os como a mesma coisa. Quanto aos classificadores, eles são partes dos nomes com traços semânticos com funções classificatórias para se referir a características relacionadas à forma e à consistência do referente expresso.

De uma perspectiva interlinguística e teórica, embora a descrição dos classificadores possa contribuir para uma melhor compreensão da ontologia, bem como, talvez, da ontogenia dos sistemas de classificação, as propriedades dos formativos de ligação especial podem servir como uma importante fonte de informação na interação de processos sintáticos e morfológicos. Ainda é necessário, em trabalhos futuros, buscar uma maior compreensão sobre as incorporações e classificadores, a exemplo do estudo dos efeitos de significado.

Ao apresentarmos uma reflexão básica sobre as orações complexas, em uma primeira análise preliminar da sintaxe Terena, pudemos descrever as estratégias de subordinação em todos os três tipos de orações subordinadas encontradas. Ademais, mostramos a diferença entre as construções de coordenação e subordinação. A subordinação é a relação que ocorre entre essas orações e suas orações principais.

Este trabalho, portanto, pode contribuir em um estudo tipológico dentro da família Arawak nas questões fonológicas, morfológicas e sintáticas.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. Y. **A grammar of Tariana, from Northwest Amazonia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- AIKHENVALD, A. Y. Evidentiality in Grammar. **Encyclopedia of Language and Linguistics**, v. 4, p. 320-325, 2006.
- AIKHENVALD, A. Y. ‘Me’, ‘us’, and ‘others’: Expressing the self in Arawak languages of South America, with a focus on Tariana. *In*: HUANG, M.; JASZCZOLT, K. M. (ed.). **Expressing the Self: Cultural Diversity & Cognitive Universals**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 13-39.
- AIKHENVALD, A. Y. The Aruák language family. *In*: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (ed.). **The Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 65-105.
- AIKHENVALD, A. Y. (ed.). **The Languages of the Amazon**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- AIKHENVALD, A. Y. Transitivity in Tariana. *In*: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (ed.). **Changing Valency: case studies in Transitivity** Cambridge: CUP, 2000. p. 145-172.
- AKINLABI, A. Featural affixation. **Journal of Linguistics**, v. 32, p. 239-289, 1996.
- AKINLABI, A. Featural Affixes. *In*: OOSTERNDORP, M van et al. (ed.). **Companion to Phonology**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011. p. 1945-1971.
- ALMEIDA, M. B. K. **O léxico da Língua Terêna**. Proposta do Dicionário Infantil – Bilíngue Terêna-Português. 2005. 174f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- ANDREWS, A. D. Relative Clauses. *In*: SHOPEN, T. (org.). **Language Typology and Syntactic Description**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 206-235.
- ANSALDO, U.; DON, J.; PFAU, R. **Parts of speech: empirical and theoretical advances**. Amsterdam: John Benjamins, 2010.
- ARRAIS, L. C.; GALUCIO, M. A. V. Predicados nominais e adjetivais em Línguas do Ramo Tupari da Família Tupi. **Revista Brasileira de Línguas Indígenas**, v. 3, n. 2, p. 156-182, 2020.
- BAKER, M. C. **Lexical categories. verbs, nouns, and adjectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BALTAZAR, P. **O processo decisório dos Terena**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. **Manual de Fonética Acústica Experimental**. Aplicações a dados do português. São Paulo: Cortez, 2015.

BENDOR-SAMUEL, J. T. A structure-function description of Terena phrases. **Canadian Journal of Linguistics**, v. 8, p. 59-70, 1963.

BENDOR-SAMUEL, J. T. **An outline of the grammatical and phonological structure of Terêna**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1961. v. 1 e 2. (Arquivo Linguístico 90).

BENDOR-SAMUEL, J. T. Some problems in segmentation in the phonological analysis of Terêna. **Word**, v. 16, n. 3, p. 348-355, 1960.

BENDOR-SAMUEL, J. T. Some prosodic features in Terena. *In*: BAZELL, C. E. (ed.). **In memory of J. R. Firth**. London: Longmans, 1966. p. 30-39.

BENDOR-SAMUEL, J. T. Stress in Terena. **Transactions of the Philological Society**. [S.l.: s.n.], 1962. p. 105-123.

BHAT, D. N. S. **Pronouns**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

BHAT, D. N. S. **The Prominence of Tense, Aspect and Mood**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BITTENCOURT, C. M.; LADEIRA, M. E. **A história do povo Terena**. São Paulo: USP: Ministério da Educação, maio 2000.

BOOIJ, G. **The Grammar of Words**. An Introduction to Linguistic Morphology. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 2007.

BRANDÃO, A. P. B. **A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak)**. 2014. Tese (Doutorado) – University of Texas, Austin, 2014.

BRASIL. Fundação Nacional do Índio. **Portaria 75/N, de 6 de julho de 1972**. Brasília: Funai, 1972.

BRINTON, D. G. Studies in South American native languages. **Proceedings of the American Philosophical Society**, v. 30, p. 45-105, 1892.

BUTLER, N. E. Derivação verbal na língua terena. **SIL**, Série Linguística 7, p. 73-100, 1977.

BUTLER, N. E. **Modo, extensão temporal, tempo verbal e relevância contrastiva na língua Terena**. Brasília: Silel, 1978.

BUTLER, N. E. The multiple functions of the definite article in Terena. **SIL**, Série Linguística, 2003.

CARDOSO, V. F. Sistema de marcação de casa em Terena (Aruák). **Liames**, n. 17(1), p. 59-78, jan.-jun. 2017.

CASTILHO, A. T. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa.**

Marília/SP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/244478458_Introducao_ao_estudo_do_aspecto_verbal_na_lingua_portuguesa/fulltext/03ba81ab0cf2babb06c94336/Introducao-ao-estudo-do-aspecto-verbal-na-lingua-portuguesa.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

CASTILHO, A. T. *et al.* O advérbio. *In:* ILARI, R. **Palavras de classes abertas.** São Paulo: Ed. Contexto, 2014. p. 267-274.

CHISHOLM, R. M. What is the Problem of Objective Reference? **Dialectica**, v. 38, p. 131-142, 1984. doi:10.1111/j.1746-8361.1984.tb01240.x

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. *In:* GOLDSMITH, J. (ed.). **The Handbook of Phonological Theory.** Cambridge: Blackwell, 1995. p. 245-230.

COMRIE, B. **Aspect.** Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DANIELSEN, S. **Baure:** An Arawakan language of Bolivia. 1. ed. Leiden: CNWS Publications, 2007. (Indigenous Languages of Latin America (ILLA); 6).

DIXON, R. M. W. **Basic Linguistic Theory.** v. 1: Methodology. Oxford: Oxford University Press, 2010.

DRYER, M. S. Word order. *In:* SHOPEN, Timothy. **Clause Structure, Language Typology and Syntactic Description.** v. 1. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 61-131

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix, 1973.

EASTLACK, C. L. Terena (Arawakan) Pronouns. **International Journal of American Linguistics**, v. XXXIV, n. 1, jan. 1968. Disponível em:

<https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/464990?journalCode=ijal>. Acesso em: 17 out. 2021.

EKDAHL, E. M.; BUTLER, N. **Aprenda Terena.** v. 1 e 2. Brasília-DF: SIL, 1979.

EKDAHL, E. M.; BUTLER, N. Terêna Dictionary. **SIL** - Summer Institute of Linguistics, n. 95, 1969 (manuscrito).

EKDAHL, E. M.; N. BUTLER. **Explicação da ortografia terena.** Brasília: SIL, 1994. Disponível em:

<https://www.sil.org/system/files/reapdata/45/48/28/45482897350246225779239022200696799556/TEOrtho.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

EKDAHL, M.; GRIMES, J. E. Terena verb inflection. **International Journal of American Linguistics**, v. 30, p. 261-268, 1964.

FACUNDES, S. S. **The language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak)**. 2000. Tese (Doutorado) – University of New York at Buffalo, New York, 2000.

FERREIRA, R. V.; OLIVEIRA, C. P. Consoantes classificadores em duas línguas Arawak. *In: PIRA, A. D. et al. (org.). Linguagem e línguas: invariância e variação*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2014. v. 1, p. 15-32.

FERREIRA, R. V.; OLIVEIRA, C. P. Um estudo sobre criação de palavras na língua terena (Arawak). **Revista Estudos em Letras**, Campo Grande, v. 1, n. 1, jul.-dez. 2020.

FERREIRA, R. V.; OLIVEIRA, C. P.; DEUS FILHO, A. Uma breve reflexão sobre o acento em terena - família Arawak. *In: REIS, L. S.; FIGUEIREDO, A. A. A.; SGABI, N. M. F. Q. (org.). Estudos linguísticos aplicados às línguas indígenas e à Libras*. 1. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. v. 1, p. 59-72.

FELIPE, P. H. P. S. **Fonologia e Morfossintaxe da língua Mehináku (Arawak)**. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Linguagens, Universidade de Campinas, Campinas, 2020.

FOLEY, W. A.; OLSON, M. Clausehood and verb serialization. *In: NICHOLS, J. (ed.), Grammar inside and outside the clause*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 17-60.

GALVÃO, V. C. C. **O ACHAR no português do Brasil: um caso de gramaticalização**. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Linguagens, Universidade de Campinas, Campinas, 1999.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. v. I. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GRINEVALD, C. A morphosyntactic typology of classifiers. *In: SENFT, G. Systems of Nominal Classification*. Cambridge: University Press, 2000. p. 50-92.

HARDEN, M. Syllable Structure of Terena. **International Journal of American Linguistics**, v. 12, n. 2, 1946.

HASPELMATH, M. Pre-established categories don't exist: Consequences for language description and typology. **Linguistic Typology**, v. 11, p. 119-132, 2007.

HASPELMATH, M. **Understanding Morphology**. London: Arnold, 2002.

HEATH, J. **Ngandi grammar, texts, and dictionary**. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies, 1978.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 16 out. 2014.

ILARI, R. Conjunções. *In: ILARI, R. (org.). Palavras de classes fechadas*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 311-356.

ISA – Instituto Socioambiental. **Povos indígenas no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>. Acesso em: 14 out. 2014.

ISAAC, P. A. M. **Modo de existir Terena na Comunidade Multiétnica que vive em Mato Grosso**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

JULIO, A. **Língua Terena: prosódia, semântica e aspectos da prática escolar**. 2018. 110 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Niterói, 2018.

KENT, R. D.; READ, C. **Análise acústica da fala**. Tradução de Alexsandro Rodrigues Meireles. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

KÖNIG, E.; SIEMUND, P. Distinciones de actos de habla en la gramática. *In*: SHOPEN, T. (ed.). **Tipología lingüística y Descripción sintáctica**: v. I – Estructuras de la cláusula. Tradução de Yasmín López Alzarte. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2014. p. 299-349.

LADEFOGED, P. **Elements of Acoustic Phonetics**. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1982.

MARCUS, Inge H. E. Classifiers in terêna. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. XXIII, n. 2, p. 912-919, 1994.

MARTINS, C. R. **Fonologia da Língua Terena**. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MARTINS, G. R. **Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul**. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2002.

MATEUS, M. H. M. M. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho Coleção Universitária, 2003.

MICHAEL, L. **La incorporación nominal y los clasificadores verbales en el idioma nanti (Kampa, Arawak)**. Austin: University of Texas at Austin, 2008.

MIHAS, E. **A Grammar of Alto Perené (Arawak)**. Boston: De Gruyter Mouton, 2015.

MITHUN, M. The evolution of noun incorporation. **Language**, v. 60, n. 4, p. 847-894, 1984.

MITHUN, M. The convergence of noun classification systems. *In*: CRAIG, C. **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 379-397.

MORI, Angel H. Corbera. Uma breve abordagem tipológica dos processos de incorporação em línguas ameríndias. **Revista Eletrônica Língua Viva**, v. 4, n. 1, p. 1-21, 2014.

MUYSKEN, P.; VEENSTRA, T. Serial Verbs. *In*: ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. (ed.). **Pidgins and Creoles: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 289-302.

NASCIMENTO, G. B. N. **Aspectos gramaticais da Língua Terena**. 2012. 126f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, C. P.; FERREIRA, R. V. Dicionário infantil bilíngue Terena – observações e apontamentos. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 3, n. 2 esp, p. 89-101, out. 2013. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/173/197>. Acesso em: 17 out. 2021. doi:http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.3.3.2_esp.89-101.

OLIVEIRA, F. **Aspectos semânticos e pragmáticos de aqui, aí, ali, cá e lá em P.E.** 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2009.

OVERALL, S. E.; VALLEJOS, R.; GILDEA, S. (ed.). **Nonverbal predication in Amazonian languages** (Typological Studies in Language 122). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2018.

PALMER, F. **Mood and Modality**. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PALMER, F. **Mood and Modality**. 2nd ed. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PARADIS, C.; PRUNET, J. (ed.) **The Special status of coronals: internal and external evidence**. San Diego: Academic Press, 1991.

PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax: a guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PIGGOTT, G. L. The parameters of nasalization. **McGill Working Papers in Linguistics**, n. 5, p. 128-177, 1988.

PIGGOTT, G. L. Against Featural Alignment. **Journal of Linguistics**, Cambridge, v. 36, n. 1, p. 85-119, mar. 2000.

PIGGOTT, G. L. Variability in Feature Dependency: The Case of Nasality. **Natural Language & Linguistic Theory**, New York, v. 10, n. 1, p. 33-77. Feb. 1992.

QUEIXALÓS, F. Incorporação nominal em Sikuni. **Moara**, n. 4, p. 115-149, 1995.

RAMIREZ, H. **Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: comparação e descrição**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

ROCHA, L. C. A. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

ROMERO, C. E. D. **Reinterpretación de la nasalización en terena, cubeo y chimila desde da Fonología Natural**. 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade del País Vasco, País Vasco, 2013.

ROSA, A. M. **Aspectos morfológicos do Terena (Aruák)**. 2010. 170 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2010.

SANCHEZ-MENDES, L.; GOMES, A. P. Q.; JULIO, A. The count-mass distinction in Terena. **Linguistic Variation**, v. 20, n. 2, p. 382-397, 2020.

SANTOS, M. G. **Uma gramática do Wapixana (Aruák)**: aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe. 2006. 280 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Campinas, Campinas, 2006.

SCHACHTER, P.; SHOPEN, T. **Language Typology and Syntactic Description**. v. I: Clause Structure. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SEKI, L. Línguas Indígenas do Brasil no Limiar do século XXI. **Impulso**, Piracicaba, v. 12, n. 27, p. 157-170, 2000.

SHARP, H.; WARREN, B. The Semantics of Onomatopoeic Words. **Folia Linguistica**, v. XXVIII, n. 3-4, p. 438-447, 1994.

SHOPEN, T. (ed.). **Tipología lingüística y descripción sintáctica**: v. I: Estructura de la cláusula. Tradução de Yasmín López Alzate. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2014.

SILVA, D. **Descrição fonológica da língua terena (Aruak)**. 2009. 134f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2009.

SILVA, D. **Estudo lexicográfico da língua terena**: proposta de um dicionário bilíngüe terena-português. 2013. 292 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara-SP, 2013.

SILVA, G. R. **Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti (Arawak)**. 2013. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

STEINEN, K. von den. **Durch Central-Brasilien**. Leipzig: E A. Brockhaus-Verlag, 1886.

STEWART, J.; KOHLBERGER, M. **Earbuds**: A new method for measuring nasality in the field. *In*: Linguistic Society of America Annual Meeting. Portland, USA: [s.n.], 2015.

TRASK, R. L. **A Dictionary of Grammatical Terms in Linguistics**. London: Routledge, 1993.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 4. ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão verbal. 5. ed. Uberlândia: UDUFU, 2014.

TOURVILLE, J. **Licensing and the representation of floating nasals**. 1991. 211 f. Tese (Doutorado) – McGill University, Montreal, 1991.

VAN DER VOORT, H.; GÓMEZ, G. G. (eds). **Reduplication in indigenous languages of South America**. Leiden: BRILL, 2014.

VELAZQUES CASTILLO, M. **The grammar of possession: inalienability, incorporation, and possessor ascension in Guaraní**. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

VENDRAME, V. **A evidencialidade em construções complexas**. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

WIERZBICKA, A. **The semantics of grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

WILLET, T. A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. *Studies in Language*, v. 12, n. 1, p. 51-97, 1988.